

[ROMANCE]

INDULGÊNCIA

Lucas André Berno Kölln

[[[^{1]}]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**

tel
ara
nha | 

Indulgência

Lucas André Berno Kölln

© Lucas André Berno Kölln, 2025
© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
Normalização de originais: Juliana Sehn
Diagramação: Telaranha Edições
Arte final: Manoela Gonçalves Haas
Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira
Comunicação: Hiago Rizzi

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kölln, Lucas André Berno
Indulgência / Lucas André Berno Kölln. – 1. ed. – Curitiba, PR: Telaranha, 2025.
– (Outras palavras)

ISBN 978-65-85830-24-9

1. Romance brasileiro I. Título II. Série.

25-277117

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
2025

*À Lívia e à Ana Liz. Espero que elas gostem tanto de ler
quanto eu gostei de escrever.*

Existem no mundo dois tipos de pessoas: aquelas para quem "o que vale é a intenção" e aquelas para quem "de boas intenções o inferno está cheio". O que separa umas das outras é a consciência e, por consequência, a culpa.

PRÓLOGO

Os arranjos do velório eram simples, como quase tudo em volta. Cadeiras de palha com assento esgarçado, pano de fundo feito de renda e mesa de tampo velho para as flores que chegavam. Naquela capela rural de madeira, branca de pintura e avermelhada de tempo, o caixão era a madeira mais lustrosa.

No centro de tudo, com círios à cabeceira e aos pés, estava Abel, deitado numa imobilidade que não lhe pertencia. Morrera bem cedo, como se a morte tivesse madrugado para sua lida como ele para a dele. Alguns minutos depois de sair de cima da cama, estava debaixo do silo de ração de seu segundo aviário. Ele morreu prestes a começar seu trabalho, na hora mesma em que a morte concluía o dela.

Quem entrava na pequenina capela comunitária dava logo com as mãozorras ásperas de Abel formando uma saliência acima da linha do caixão, cobertas por delicado véu duplo, com um terço enroscado entre os dedos. Formavam, ambos, sobrepostos, um contraste melancólico.

As mãos, a cabeça e a ponta dos sapatos eram as únicas partes do corpo que emergiam da inundação de flores. Estas tinham sido a solução para um velório de caixão aberto, pois se

não dessem conta de cobrir todo o tronco, e se a equipe funerária não tivesse operado um quase milagre quanto ao rosto de Abel, a decisão seria inescapável.

Somente por um detalhe abaixo do pescoço e junto dos pulsos, escapando à cobertura florida, é que se notava Abel trajar terno e gravata. Logo ele, que sempre resistira a fechar o último botão do colarinho e que tinha os pulsos grossos eternamente comprimidos pelas abotoaduras. Estar ele ali, agora, inerte e solene, transmitia a sensação de morte de modo particularmente triste.

A atmosfera era pesada. Cheiro de flores a murchar e cera de vela a queimar, cercado pelo rumorejo de fungadas chorosas de tempos em tempos. As basculantes das janelas ogivais da capela estavam abertas, mas o calor da tarde de verão não dissipava. Naquela construção de madeira, naquelas condições, pouco havia a se fazer. Os ventiladores só faziam espalhar o hálito de velório.

A viúva, anfitriã inglória ao pé do caixão, recebia parentes, vizinhos e amigos com rosto desfeito e rosário à tiracolo, cedendo a lágrimas e soluços de acordo com a intimidade compartilhada e as lembranças que cada conviva lhe evocava. Os filhos revezavam-se junto à mãe, amparando-a, desamparados. Era uma visão triste, sobretudo quando algum deles interrompia suas lamúrias para fazer carinho na testa gelada e pálida do morto, às vezes lhe falando, como se ele pudesse ouvi-los.

A falta de jeito de todos para usar essa palavra tão estranha a seu vocabulário, "pêsames", era sensível. Também o desassossego das mãos e dos braços, que ninguém sabia ao certo onde pôr. Por isto, embora a tristeza prevalecesse, o desconforto a seguia de perto. Os protocolos sociais fúnebres nunca foram suficientemente bem definidos para além das conveniências mais práticas, e conforme abraços se desencontravam e fórmulas artificiais eram trocadas, a casca vazia dessas formalidades ficava exposta, adensando o miserável de toda aquela situação.

Desde o fim da manhã a vigília seguia. Sua população fluía, especialmente a dos homens, pois a eles cabia manter os expedientes de trabalho dos sítios enquanto as mulheres assumiam o papel de carpideiras, escoras da viúva. Esse era o entendimento tácito geral: os homens trabalhavam para as mulheres chorarem, cada um de acordo com suas aptidões. Ao redor do caixão de Abel, se formaram círculos concêntricos ditados pela intimidade, favorecidos pelo desarranjo das fileiras de cadeiras que a capela normalmente adotava. Do centro para fora, o grau de parentesco tendia a diminuir, intercalado aqui e ali por vizinhos mais próximos e amigos mais íntimos até chegar nas paredes, onde ficavam em pé aqueles que tinham menos proximidade ou menor resistência ao círculo de pranto mais intenso.

Conforme a hora do enterro se aproximava, às seis, o número de convivas crescia. A navezinha da capela se tornava mais e mais quente, e o burburinho dos soluços continuava, competindo, então, com conversas meio sussurradas, meio em voz baixa, quase todas comentando o insólito da queda do silo. Camisas molhadas debaixo dos braços e ao redor do colarinho abundavam, assim como o ar viciado, agora misturado com o cheiro de ureia de uma lavoura próxima, que um vento de fim de tarde soprava para dentro.

“Graças e louvores se deem a todo o momento!”

A assembleia foi pega de surpresa pela voz enérgica do padre, sacerdote local, que havia entrado há alguns minutos pela porta lateral. Cumprimentando ainda uma vez a viúva e os filhos, ele começou a tanger sua assembleia ao protocolo do ritual.

“Ao santíssimo e digníssimo sacramento”, a comunidade responde, cessando aos poucos as conversas e assumindo a postura usual, com braços para frente e as mãos, uma sobre a outra, repousando sobre o ventre.

“Graças e louvores se deem a todo o momento!”, repete, dessa vez com mais ênfase, para debelar tagarelas remanescentes.

“Ao santíssimo e digníssimo sacramento”, dizem todos, adquirindo unidade.

“Graças e louvores se deem a todo o momento”, fecha o padre a trinca, já sem necessidade de ênfase.

“Ao santíssimo e digníssimo sacramento”, responde a comunidade, já calibrada em uníssono.

A resposta coletiva sobe e morre próxima ao teto, deixando os ventiladores serem ouvidos de novo.

Segue-se a pregação usual nessas ocasiões, alicerçada sobre a brevidade da vida terrena e o insondável mistério dos desígnios divinos. O padre faz a opção sensata de não usar a morte como ocasião para moralizar ou converter a assembleia diversa. Se há ovelhas desgarradas, seu pastoreio pode esperar. A homilia deve ser dedicada a sublinhar a entrada do morto na vida eterna, último consolo dos que ficam.

O responsório da encomendação é caprichoso, e o ritual se estende por volta de quarenta minutos, quando iniciam os preparativos para o fechamento do caixão, essa hora dramática. O canto dos convivas eleva-se pela ordem de algum assistente litúrgico, e tudo ganha uma solenidade densa, quase opressiva. A letra é muito evocativa dado o contexto, e a melodia aflora as emoções, potencializadas porque entre os versos se escutam soluços e prantos. As crianças, que durante o velório corriam alheias a tudo, entram num mutismo amedrontado, colando-se aos pais.

O agente funerário atarraxa os fechos do caixão com diligência, e alguém sustém a viúva num abraço que a conforta, mas que também lhe interdita o defunto agora lacrado. Em alguns instantes, ainda ao som do canto plangente, parentes designados tomam os lados do caixão e suspendem-no pelas alças polidas. Levam dois ou três passos para calibrar a locomoção conjunta, todos muito atentos pois atrás de qualquer erro encontra-se um desastre iminente. Se encaminham para a porta, assim conduzindo atrás de si a comitiva de amigos e parentes enlutados.

O cemitério de muros caiados era próximo da capela, mas o calor das cinco e meia dava ao cortejo a sensação de ser bem mais longe. Passado o portão enferrujado, vê-se que o jazigo já fora aberto e os funcionários responsáveis estão a postos. A dimensão prática do sepultamento rompe o caráter solene de alguns minutos atrás, pois o ar livre está cheio das interferências visuais e sonoras da vida comum. A torneira pingando à entrada, as botas brancas de borracha dos funcionários, as placas do tampo de concreto encostadas ao lado do buraco aberto. Despida dos auspícios da capela e da luz filtrada por seus vitrais de imitação, a morte de repente adquire uma materialidade quase aviltante.

“Do pó viemos, ao pó voltaremos”, diz o rito de despedida pela boca do padre.

Os mais íntimos insistem em tocar a tampa do caixão antes que ele, suspenso por hastes de ferro com ganchos, seja baixado para além do seu alcance. O cheiro de terra revolvida e úmida penetra nas narinas de todos enquanto o canto recomeça. A madeira lustrosa, em descenso, é aspergida pela água benta do padre e por flores avulsas, retiradas das coroas. Já no fundo da cova, o lustro é encoberto por algumas pazadas de terra, simbolizando o enterro que será completado mais tarde. As placas são encaixadas e a solenidade do evento se apaga por completo, pois de súbito todos se veem encarando o mundano receptáculo de concreto, sem lápide e sem epitáfio.

Cru, prosaico e inescapável.

Deve ser por isso que se apressam em depositar sobre ele as coroas de flores remanescentes.

I. DESIDÉRIO

20/01/2010

Boa parte das coisas que eu resolvo relatar aqui são difíceis ou tristes, mas é pra isso mesmo que essas notas servem. Eu poderia até chamá-las de "Diário de Chateações, Irritações e Frustrações, vol. 11". Se tivesse começado mais cedo e não somente quando iniciei a clinicar como psiquiatra, provavelmente já estaria no volume 25 ou 26.

Quando me disseram, na universidade, que seria uma boa ideia manter essas notas ("é terapêutico", diziam alguns professores), não achei que elas fossem virar essa compilação de lamentações e de cólera. Tem aquela expressão que as pessoas usam de vez em quando: "Se minha vida fosse um livro...". Se a minha fosse, seria um inventário desses pequenos momentos que não deviam, mas que me tiram do sério ou me destroem por dentro.

Volta e meia, eu me pego falando sobre porque faço essas notas. Acho que é meio natural se colocar nessa posição de vez em quando, ainda mais num exercício tão aparentemente ensimesmado como este. No fundo não é tão diferente daquelas conversas que todo mundo tem consigo próprio, lá no íntimo,

a diferença é que no meu caso eu tenho um estenodatilógrafo próprio (eu mesmo!). Enfim, se eu continuo a redigir essas conversas é porque no fundo acho que funciona, deve ser por isto.

Por isto e pelo fato de que tenho que fazer relatórios orais para meu próprio psiquiatra, que é muito exigente nesse sentido. Organizo as ideias aqui, depois releio antes das consultas e faço uma versão resumida pra ele (sou também editor de mim mesmo, que bosta). Eu sou o único que vai ler esse troço na íntegra. Deus me livre isso cair na mão de alguém. Pegaria mal arrastar meu CRM nesse mar confessional de destempero e instabilidade, mesmo que restrito à confidencialidade de um colega. Não quero o julgamento dos outros nem a condescendência dos pares. Uma grande reputação não tenho, mas me orgulho dela mesmo assim.

Aliás, aí está um negócio que me tira do sério: a expectativa quanto ao equilíbrio perfeito do psiquiatra. Olheiras, unhas roídas, tamborilar na mesa, estralar os dedos, nada disso é bem-visto. Todos são tomados por indícios de que você não é um bom profissional. Há que se estar bem aseado todos os dias, com camisa toda abotoadinha e imaculada, mesmo se passamos o dia inteiro remexendo a merda que os outros nos trazem. A gente nem sempre lembra de arregaçar as mangas e jogar a gravata por cima dos ombros igual médico de filme. As coisas pegam na gente, não tem jeito.

Vou formular de outro modo, com sarcasmo, porque é assim que funciono melhor. Se as pessoas costumam dizer que em nutricionista gordo ninguém põe fé, em coach financeiro quebrado, por outro lado, se põe muita. Demais. E dinheiro também. O mundo podia se decidir logo quais são seus pesos e suas medidas e aí a gente se adequava (ou chutava o balde) uma vez só. Daria menos dor de cabeça. Chego finalmente no relato de hoje.

Ontem estive no consultório F., senhor de quarenta e poucos anos que revelou, com os requintes de quem narra uma epifania, que o que lhe havia faltado até aquele momento na vida fora atitude. Era um autodiagnóstico meio elementar, mas fiquei feliz, porque me pareceu que o Zoloft estava finalmente

ajudando ele a não se tornar presa de suas emoções, nem a ver no seu espelho interior a pior imagem de si mesmo. Confesso que fiquei até orgulhoso, pensando que os relatórios orais de acompanhamento que lhe solicitara nos últimos cinco meses estavam guiando-o numa direção melhor. Meu “semisorriso” só durou até ele dizer que, de posse da conclusão a que chegou, resolvera ser “mais empreendedor” com relação à sua vida. Aí saquei que o “guru das finanças”, que noutra consulta ele comentou ter contratado, enfiara na cabeça dele que a frustração que F. vinha sentido nos últimos tempos era fruto de uma certa letargia, que se curava com um voluntarismo (meio cego, verdade seja dita), dourado com o eufemismo “atitude empreendedora”. O resultado é que agora o pobre-diabo convenceu-se de que isto é o seu problema, e não uma muito natural crise de meia-idade acompanhada de quadro depressivo leve. Comprou uma carteira de ações e disse que só toma o Zoloft até terminar a cartela. Deve estar deslocando os 500 reais da consulta e medicação para a coluna de “saldo disponível para aplicação” uma hora dessas, convencido de que está “pondo dinheiro para trabalhar por ele”. Mal sabe o que vem pela frente. Provavelmente vai encontrar essa coisa, o que quer que seja, rapidamente, porque o conselho desses “gurus” é quase sempre o de acelerar (“assumir riscos”, como papagaiou o pobre F.. Argh!).

F. é pessoa boa, dono de uma garagenzinha de seminovos, tem uma mulher muito paciente, um filho formado em Engenharia e outra filha na universidade de Enfermagem, ambos morando fora e “encaminhados”, como ele gosta de dizer. Se pegou fragilizado quando descobriu que sua função tradicional de provedor doméstico não era mais crucial. Ao longo da criação dos filhos, a mulher teve que arranjar emprego e hoje gerencia uma pequena firma, e os filhos, bem, estes estão “encaminhados” e não precisam mais do sustento imediato do pai. O ninho vazio e a carreira da esposa custaram-lhe os cabelos, primeiro, e a estabilidade emocional em seguida. Foi-se arrastando para o sentimento de inutilidade melancólica com que pisou no consultório,

cheio de autocomiserações, sem saber ao certo porque agora passava noites em claro três vezes por semana.

Temo por ele se acabar dando com os burros n'água nessa história de "empreendedorismo" (ele nem sabe diferenciar isto de especulação, coitado). Uma reviravolta financeira a essa altura pode colocar sua mulher temporariamente como arrimo doméstico. Não sei se seu orgulho de provedor de longa data aguentaria um golpe destes, ainda mais depois de alguns meses sem medicação. Se este aguentar, cambaleante, é possível que as reservas de paciência da esposa se esgotem.

Os filhos, fora de casa, não podem atuar mais como amortecedores da relação conjugal, como o relato de F. leva a crer eles terem sido sem saber. Não estando eles ali, para justificar com sua presença os sapos matrimoniais engolidos e as tréguas domésticas decretadas, pode haver tempestades no horizonte. Algo me diz que o orgulho de F. tem grande chance de impedir a si e a sua mulher de voltarem a ser um casal de namorados. Especialmente se as contas apertarem.

Como tentar dissuadir um recém-convertido é quase sempre tornar-se um herege, tornei-me para F. um herege. E agora deposito aqui, no altar dessas folhas mal ajambradas, mais essa frustração.

24/01/2010

Não costumo escrever aos domingos, mas quero ter bastante tempo dessa vez, porque quinta-feira foi um dia foda. O Abel morreu.

Já devo ter mencionado ele alguma vez, mas acho que a ocasião exige uma apresentação completa. Depois eu decido o quanto disso conto pro terapeuta. Se resolver lhe falar, fica como uma introdução ao relato de mais uma frustração; se sair, chamo de opúsculo para consumo pessoal. "Autoexploração". Não é isto o que falo pros meus pacientes?

Abel era um rapaz que ajudava nas tarefas cotidianas do seminário que eu frequentei durante um ano e meio, mais ou menos. Era filho de um colono dos arredores, dono de uma terrinha pequena ainda não totalmente destocada. Eram gente um tanto pobre, que já dependera da caridade dos padres várias vezes. Como o seminário tinha animais e lavouras que produziam mais do que seminaristas e padres podiam consumir, mas que exigiam mais braços que estes podiam fornecer, o Abel estava lá quase todos os dias para ajudar na lida. Ordenhava as vacas, colhia mandioca, recolhia os ovos, capinava a horta. Fazia de tudo, em suma. A família cedia a força do rapaz e os padres agradeciam mandando-o com carne, ovos e legumes para casa de vez em quando. Era um arranjo desigual, pra falar a verdade, mas existia há tempo suficiente para passar por normal.

Além do que, a família de Abel era muito religiosa, e teria cedido a ajuda do filho mesmo se os donativos/paga nem viessem. Quando aconteciam as festas comunitárias, fatalmente de caráter religioso, estas contavam com a adesão de todos os braços daquela casa, desde pai e filhos rachando lenha até mãe e filhas tomando parte na equipe da cozinha.

Abel era o quarto de oito filhos, cinco homens e três mulheres. A cedência dele ao seminário talvez tivesse a ver com isto. As tarefas que a terrinha deles demandava eram duras e exigentes, mas a família contava com mão-de-obra abundante, de modo que o emprego de Abel no seminário alguns dias da semana não era uma baixa tão crucial assim. Salvo, claro, em dias de mutirão, como quando abatiam um porco ou quando faziam silagem, por exemplo. Nesses dias sabíamos que ele não viria ao seminário.

Pensando bem agora, pode ser que houvesse alguma intenção da parte dos pais de que ele acabasse padre. Numa família já caracterizada pelas poucas palavras, especialmente do lado masculino, Abel era particularmente quieto e contemplativo. Deve ter parecido a seus pais que tinha jeito de padre (por causa da paciência dele com os outros e de toda a coisa

introspectiva, acho). Às disposições religiosas familiares certamente agradaria essa possibilidade. As contribuições que o seminário esperava de seus pupilos, e os dispêndios próprios desse preparatório, estavam para além da alçada material da família de Abel. Talvez essa fosse a estratégia possível para a ordenação do filho. Se tiver sido isto, tenho de admitir atrasadamente: era um arranjo engenhoso.

É claro que há que se considerar que um cálculo mais pragmático estivesse em curso:

os donativos/paga que Abel conseguia ajudavam o sustento doméstico, e uma boca a menos à mesa da família três ou quatro vezes na semana (além de feriados religiosos) também favorecia esse sustento. Era um arranjo igualmente engenhoso. Não que qualquer um dos envolvidos fosse admitir isto, pois equilibrar-se sobre a lâmina das dificuldades materiais quase sempre exige esses malabarismos auto-ilusórios de moral e orgulho. Quem sabe o mutismo de Abel não era uma resignação nascida da consciência disto?

Divago.

De um modo ou de outro, o fato é que Abel vivia no seminário, e tornou-se praticamente um colega dos seminaristas. Não tomava parte em todas as tarefas propriamente litúrgicas de nossa preparação, pois quase sempre rachava lenha ou tratava as vacas enquanto escandíamos a vida dos apóstolos e as escrituras, mas rapidamente se integrou ao conjunto da vida cotidiana de todos. A intimidade das refeições partilhadas e horas vagas, mais a proximidade etária, selaram um companheirismo que tornou a última quinta-feira um dia terrível. Ainda mais porque estava lá também o Clemente, outro seminarista com quem formávamos eu e Abel um trio inseparável naqueles dias. Formávamos. Até que o filho da puta do Clemente resolveu estragar tudo.

Bom, não interessa. Essas linhas são de Abel, não de Clemente.

Comecei apresentando o Abel desse jeito por conveniência de relatório mesmo, porque se fosse para começar a

partir da primeira lembrança dele que me vem à mente ia ser de uma tarde quente de primavera, lá por novembro, quando tínhamos ido tomar banho de rio. O Clemente estava lá também, claro. O Abel deitado na margem, debaixo do sol, com os olhos fechados e as mãos atrás da nuca, numa tranquilidade sem tamanho, seus músculos todos distensionados, em plena sintonia com o vento morno e o farfalhar das árvores ao redor.

Narrando assim, agora, fica parecendo até uma cena da mais comum, quase banal, mas não era. O Abel era um sujeito troncado, mas meio atarracado, e essa compleição física compunha uma certa analogia com seu espírito, por assim dizer. Ele fora educado dentro de uma disciplina muito rígida, que tinha o trabalho como espécie de obrigação moral e as autoridades como criaturas naturalmente superiores às quais se devia deferência. Seus ombros caídos, apesar de sua força física, traduziam no corpo as marcas dessa filosofia de vida: eram caídos porque inúmeras cangas foram ali sendo depositadas, desde os sacos de milho até as obediências gerais, que começavam em casa, mas continuavam na igreja e na numerosa parentela de tios e avós, os “mais velhos”, como ele costumava dizer. (Se eu e Clemente não fôssemos mais novos que Abel, tenho a impressão de que jamais teríamos sido amigos de verdade).

A docilidade quase bovina que dirigia aos padres quando estes o mandavam cavar uma valeta ou cortar pasto me fazia oscilar entre raiva e pena dele. Só faltava bater continência e pedir desculpas por só ter dois braços para o serviço. Os padres eram autoridades religiosas, “davam-lhe” mantimentos e eram mais velhos. Com uma trinca poderosa destas, as reservas de subserviência que Abel trazia dentro de si eram ativadas com toda a força.

Eu acabava tendendo mais para a pena, e guardava a raiva para os que tentavam abusar de sua mansidão. Afinal, Abel foi treinado para isto. Como podia chacoalhar a canga dos ombros se estes já tinham até o formato dela? Pensando agora, essa forma de ver o mundo podia ser bastante útil quando se

precisa ser estoico quanto à proporção entre necessidades e expectativas, especialmente quando aquelas costumavam ser bem mais salientes do que estas.

Era uma forma de proteção, talvez, por mais triste que fosse. E faz um certo sentido, igualmente triste, quando se vive à iminência de precisar de ajuda. Seus pais tendiam a ser do mesmo jeito ao redor dos padres e dos parentes mais velhos.

Divago novamente.

O que aquele Abel deitado à margem do rio expressava era o esquecimento da maldita canga. Estava cheio de orgulho de si próprio, pois logo antes havia matado uma cascavel com um golpe certo de facão, para o espanto meu e de Clemente (só digo “cascavel”, ao invés de um genérico “cobra”, porque o Abel me disse). Nossa surpresa foi tamanha que a externamos, naquele pico de adrenalina, festejando a bravura de nosso amigo. Ele recebeu os elogios como sempre, modesto, mas eu já o conhecia então o suficiente para saber que por dentro se sentia olímpico. E olímpico ele ficou deitado à margem do rio e na minha memória, naquela grama felpuda que eu e Clemente não conseguíamos encostar as costas sem amargar coceiras terríveis mais tarde. Na ausência de autoridades a quem deferir e orgulhoso de suas próprias capacidades, Abel desligou-se da sua atitude aprendida para estar plenamente naquele momento, sem nada, nem ninguém a constrangê-lo.

Lembro de me sentir profundamente honrado com a confiança que ele nos votava. Estar ele tão à vontade ali era uma prova contundente de nossa amizade.

Foi muito duro aclimatar esse Abel da minha memória, deitado à beira do rio, ao Abel de quinta, deitado no caixão com o rosto escoriado. Ainda parece não ser verdade. O “trabalho do luto” não se cumpriu, diria Freud, se é que a essa altura eu ainda tenho suficientes energias libidinais para perder ou redirecionar. Os velórios têm mesmo essa atmosfera meio onírica, ainda mais com todas as agendas sendo limpas de súbito, consultas remarcadas e dispensas de trabalho. Todos os distantes

de repente estando disponíveis e reunindo-se para um ritual coletivo. Quando é que isso acontece? Pois é, quase nunca. Donde o caráter extraordinário da coisa toda e a dificuldade de tomá-la por verdade.

Essa sensação de irrealidade anestesia a gente, emocionalmente. Ou melhor, nos desregula, uns pra cima, outros pra baixo. Há os que rasgam as roupas e se jogam no chão, lavados de lágrimas; e há os que ficam com o olhar perdido, como se de repente o cabo da antena de suas emoções tivesse sido desconectado e estivessem sem sinal. Eu pertenço ao segundo grupo. Não derramei uma mísera lágrima pelo Abel no velório, coitado. Cheguei a me sentir mal. (Talvez seja o caso de rever a dosagem da fluoxetina).

O Clemente, por outro lado, era visivelmente um pranteador. Sempre foi de chorar mais, o maricas. No velório até chorou pouco, mas dava para ver que era porque estava segurando. As lágrimas que não caíram inchavam o rosto, deixando-o todo rosado. Se eu contasse que uma vez ele chorou lendo aquele melodramazinho chinfrim d'O seminarista, ninguém ia acreditar que era o mesmo sujeito que se postava do lado da viúva, se aguentando todo.

Eu sei que ele estava mal, pois chegou até a ameaçar avançar o abraço quando lhe estendi um aperto de mão. Por ele faríamos as pazes ali, tenho certeza. O Clemente sempre foi muito suscetível a essas oportunidades poéticas: uma reconciliação sobre a tumba do velho amigo e sob os auspícios do Abel quase-anjo. Que pataquada! Quando recuei, ele disfarçou o movimento amplo do braço dando-me tapinhas teatrais à altura do ombro.

Contudo, preciso confessar que antes de raiva ou embaraço, o que senti nessa hora foi uma tristeza muito aguda. Se alguém estivesse me olhando com aqueles óculos de visão térmica nessa hora, veria uma mancha alaranjada no meu tórax tornar-se azul por alguns instantes. Eu estava cercado de gente e, mesmo assim, me sentia terrivelmente sozinho.

Passado isto, fiquei até pensando se o Abel tinha contado pro Clemente que foi me procurar no consultório no ano passado. Imaginei se a tentativa de abraço não tinha a ver com mais uma daquelas oportunidades poéticas: me tomava por um médico que perdera um paciente e precisava de consolo. Isto sim me causou embaraço, e depois raiva. O pobre-coitadismo filosófico do Clemente costumava fazê-lo projetar em todo mundo a condição de vítima que ele próprio se introjetara. Partia do seu eterno pressuposto de que todos eram sofrendores dos quais ele precisava se compadecer, como dever de ofício, sim, mas também como convicção existencial.

Apesar de tudo, devia estar adorando ser padre naquela hora. Me surpreende não ter disputado a honra dos ritos fúnebres com o sacerdote local. Sua “bunda-molice” deve ter castrado mais essa vontade nele. De qualquer modo não o impediu de se empertigar todo e deixar bem à mostra o maldito colarinho clerical que ele insiste em usar. Apresentava-o como se fosse um distintivo, pronto a resolver qualquer crime de falta de consolo espiritual.

O fato é que Abel foi me procurar no consultório no ano passado. Como nunca consegui decorar o sobrenome alemão, não percebi que se tratava dele quando a secretaria me passou o cronograma das consultas do dia. Abri a porta da minha sala e saí à recepção dizendo um “Abel” protocolar, como se fosse qualquer outro Abel. Estaquei sob o marco da porta quando o vi. Estava sentado numa das cadeiras de design moderno da recepção, feitas para pessoas de menor porte físico que o dele. Costas retas, ombros caídos e pernas sem dobrar, o chapéu de palha (de “ir pra cidade”, como ele dizia) depositado sobre o colo. Vestia uma camisa de manga longa bege e uma calça social preta que deixava suas meias pretas muito à mostra quando sentado.

Quando o vi, apressei-me em cumprimentá-lo com um “semi-abraço” e tapinhas no peito, alegre por rever o velho amigo, ainda achando que ele viera fazer uma visita, e não para

uma consulta. Sorri até me dar conta de que o Abel da agenda era o Abel. O semblante encabulado dele foi o que deu o sinal. Tive dificuldade em equilibrar a familiaridade com o protocolo profissional no “Vamos entrar, por favor” e “Por aqui”. Ele devolveu a polidez forçada com um “Licença” atrapalhado.

A criação de Abel o fizera uma pessoa de muitos “licenças”, “desculpes” e “obrigados”, e eu o vira empregá-los milhares de vezes com os padres no seminário, por exemplo, mas esse “licença” particular, com a aba do chapéu amarfanhado nas mãos enormes, me deixou muito inquieto. Percebi que ali no consultório, ao menos por ora, eu era a figura de autoridade a quem ele ia deferir, não a pessoa a quem ele votou aquele companheirismo horizontal da beira do rio. Indiquei a cadeira para que sentasse, tão inadequada quanto ele para aquela situação. Tomei assento ainda constrangido pela hierarquia em que fora posto, sem saber o que aconteceria em seguida. Detrás da mesa marrom escura, de repente tornada muito mais austera do que eu gostaria, me senti como um juiz. Os olhos baixos de Abel confirmavam que ele se punha à minha mercê, feito um réu.

Já sabia que eu é quem teria de começar a conversa. Abel falava pouco, muito pouco mesmo. Num dia em que estávamos eu e Clemente em sua casa, na época do seminário, a mãe de Abel revelou que ele demorara muito a falar quando criança. Acharam que fosse mudo (ela disse “tartamudo”), e chegaram a pôr um pintainho para piar dentro da sua boca, porque se dizia que isso punha as crianças pequenas a soltar as primeiras palavras. O avô até tentou uma segunda simpatia, dando de beber ao menino um golinho d’água na casca de ovo de um pintinho recém-nascido. Sem identificar qual dos dois métodos funcionou, a mãe garantiu que daí a duas ou três semanas o menino pôs-se a falar. “Não muito. Nunca muito”, rematou.

Como de praxe nas consultas, comecei pedindo amenidades. Como ia a esposa, os filhos, a quantas andava o sítio da família (pelo qual ele acabou ficando responsável), se ele lembrava disto ou daquilo da época do seminário. Pouco a pouco

fui fazendo-o falar, até que só ele falou. A situação do velho amigo causou-me forte impressão. A ponto de eu fazer sobre ele notas detalhadas e pouco ortodoxas, mais longas do que as que costumo fazer para meus outros pacientes. Percebi que as notas tinham cara de memória às vezes, porque não tinha condições de separar-me perfeitamente do relato dele. Eu sofria junto.

As notas longas e pessoais talvez fossem uma tentativa inconsciente de livrar-me da condição de juiz e pôr-me fora do protocolo, reconquistando assim a camaradagem horizontal, pessoal, de Abel, tanto quanto fosse possível naquelas circunstâncias. Talvez quisesse me colocar do outro lado da mesa, por solidariedade a ele ou por supor-me, no íntimo, também adoecido. Cheguei a cogitar encaminhá-lo a um colega que pudesse ter maior distância quanto ao caso. Frearam-me duas coisas. A primeira é que Abel certamente tomaria isto como cruel deslealdade de minha parte, perspectiva a mim inaceitável. A segunda é que jamais aceitaria outro psiquiatra – se eu o recomendasse a outro, ele não iria, pois já era surpreendente ele ter buscado um, pra começar.

Restava colocar-me à altura da confiança que me havia depositado.

Em nome da franqueza, devo confessar que me moveu também uma curiosidade fora do comum. No ano e meio que convivi com Abel na época do seminário, devo ter ouvido sua voz menos do que nas consultas dos meses seguintes. Como falou sempre muito pouco, preferindo monossílabos e respostas curtas, era um sujeito muito misterioso, que muitas vezes me deixava pensativo quanto ao que passava dentro de si. A própria eloquência que adquiriu depois das perguntas sem sal de início de consulta atingiu-me como um sintoma de que devia andar carregando muito sobre os ombros.

Dediquei-me com especial afincamento ao caso dele, na condição de psiquiatra, claro, mas também, e talvez principalmente, na de amigo antigo e então confidente. Temo ter sido bem menos profissional e bem mais subjetivo do que deveria.

Tendo convivido com ele na época do seminário, e tendo eu, ele e Clemente passado tanto tempo juntos, estava em posição privilegiada para avaliá-lo. Podia desencavar as entrelinhas das suas declarações, pentear sua narrativa à contrape-lo, ver mais facilmente o conteúdo psicológico por debaixo de suas palavras. Tinha uma oportunidade que os psiquiatras não costumam ter: não ser um completo refém do que dizia meu paciente.

A morte de Abel na semana passada, bizarramente esmagado pelo silo de ração de seu aviário, foi um ponto final cruel na sua trajetória. O Clemente deve ter ficado todo comovido com a plasticidade dessa ironia de merda. Aliás, nem sei se o Abel contou alguma coisa das consultas pra ele. Se contou, espero que ao menos enxergue para além da apoteose de coitadismo que ele certamente vai armar pra cima da família.

Enfim, está aí o que sinto. A frustração da vez.

Passei no consultório ontem no final da tarde. Era sábado, não havia ninguém no prédio inteiro. Reli minhas notas no lusco-fusco das sete, somente com a luminária da mesa marrom escura acesa. Só então consegui chorar.

27/01/2010

Faço uma nova entrada essa semana porque preciso pôr algumas palavras no papel e tirar algumas coisas da cabeça antes de amanhã.

A missa de sétimo dia do Abel promete ser difícil, e quero estar com bastante espaço pra poder digerir a reedição da viúva e dos filhos chorando. Depois da dureza do velório, a gente acha que a ausência física do corpo vai ajudar, porque não seremos lembrados o tempo todo que aquela pessoa está morta. Acontece, porém, que só passamos a sentir a morte de um outro jeito. Antes o morto agia, reunia pessoas, fazia cantar, mobilizava agentes funerários, organizava cortejos. Agora nem

isto. A presença da morte passa a ser sentida como um vazio que cala fundo, lá dentro. Continuamos a sentir a violência da morte, mas agora sem cicatrizes aparentes, sem a pompa compensatória do velório. De maneira muito mais silenciosa e solitária, portanto.

A sensação de irrerealidade que envolvia o velório como uma névoa, de repente, se desvanece por completo. A realidade da morte aparece, e ela é a ausência. Para mim, essa costuma ser mais doída.

Pensei muito em Abel essa semana. As notas das consultas o ressuscitaram em minha memória. Como estas fatalmente aludiam à época do seminário, Clemente também veio à baila muitas vezes.

Quando Abel me procurou no ano passado, sua preocupação primária era a dificuldade de dormir. Isso o prostrava durante o dia, deixava-o cansado e irritadiço, predisposto a destemperos pouco comuns à sua índole mansa, a ponto de sua esposa dar-lhe o ultimato que o trouxe ao consultório. Causou-me surpresa o relato, conforme nota que fiz da primeira consulta:

“A queixa principal de Abel é a de que está dormindo mal até quatro vezes por semana, e mesmo depois do almoço. Com um riso artificial, ilustrou dizendo sentir falta da época do seminário, quando seateava à sombra de um pé de carambola com a cabeça apoiada nas raízes. ‘Meu travesseiro hoje parece até que é mais duro’. Lembro que enquanto nós, seminaristas, mal cochilávamos sobre os bancos compridos de madeira após o almoço, Abel ressonava pesado alguns metros adiante.” (20 de maio de 2009)

Ao lado disto, Abel relatou que “o coração pulava no peito” algumas vezes. Apesar da gravidade, o sintoma era secundário, porque raro, e também porque uma consulta com cardiologista eliminou a possibilidade de males outros, mais sérios. O que mais tarde descobri é que essas acelerações de

batimentos ocorriam quando algum contratempo mais severo lhe era interposto:

“(...) Abel lembra do aumento do ritmo cardíaco em algumas ocasiões: quando chegou em casa do casamento da filha mais velha, quando da instalação do segundo aviário e quando do rompimento com o irmão mais velho. Disse ser provável haver outros episódios, mas que ele não recordava. Infelizmente eu já tinha perdido seu convívio nas duas últimas ocasiões citadas, de data mais recente, mas eu era um dos convidados do casamento de sua filha mais velha. Abel insistira junto a ela, dizendo fazer questão da minha presença (e de Clemente também). O genro é gerente de contas num banco, e insistiu numa celebração com holofotes, telão e entrada coreografada. Muito longe da decoração de flores de papel crepom e valsa tradicional do casamento do sogro. Abel pregou no rosto um sorriso resignado naquela noite, para não desagradar a ninguém, mas era nítido que não se sentia à vontade. Quando cumprimentava os convivas (os ‘seus convidados’, dizia) chegava como quem se desculpa por toda aquela pirotecnia. Seu natural acanhamento o fizera ficar acuado diante de tantas luzes e espelhos, porém, a devoção que tinha pela primogênita tornou-o incapaz de negar-se a fazer qualquer coisa. Era uma figura melancólica, sob vários aspectos, principalmente porque misturava uma conformação muito própria com uma felicidade muito alheia.” (11 de junho de 2009)

Mencionou ainda sentir-se inquieto sem explicação aparente (“do nada, parece que tenho que levantar e fazer alguma coisa, senão vou estourar”, 20 de maio de 2009), e de ter perdido o apetite (“A comida parece tudo igual. Tudo tem o mesmo gosto”, 20 de maio de 2009). A inquietude me chamou a atenção porque parecia vir de dentro. Quando sob ordens dos outros, a disposição, o “levantar e fazer alguma coisa”, sempre fora um traço muito saliente de Abel. A perda de apetite era

mais expressiva, pois embora se comedisse à mesa quando estava sob o olhar dos padres, costumava comer muito nas festas comunitárias, por exemplo, quando a vigilância estava afrouxada (afora o fato de que comia fruta do pé o dia todo).

Em resumo: o Abel que frequentava meu consultório tinha se afastado bastante daquele jovem amigo meu, e havia razões para suspeitar que se tratava de algo mais do que simples processo natural de envelhecimento. O que quero dizer é que Abel não passou a ser preocupado depois de adulto, às vésperas de sua ida ao consultório, ele era preocupado desde que o conheci. O que lhe aconteceu, suponho, foi o encontro de suas disposições particulares com situações que as tornaram particularmente intensas, e, portanto, patológicas, por assim dizer (Clemente certamente diria que estou sendo demasiado cartesiano).

Mas há uma explicação razoável, me parece.

Lembro que em toda ocasião possível, os pais de Abel o recomendavam usar de respeito. O troço era martelado mesmo. Quando levava uma dúzia de ovos para a tia, quando entrava na igreja, quando pedia permissão para pescar no rio da terra do vizinho. “Olha o respeito” e “Seje educado” eram dois dos imperativos mais comuns no cotidiano dele (a mãe dele nunca conseguiu acertar esse verbo).

A princípio, tomei os avisos por instrução muito saudável, afinal, trata-se de um conselho que não fica velho. Custou-me um tempo para entender que debaixo desse respeito se escondia uma recomendação de humildade que mais parecia subserviência adocicada com alguma filosofia religiosa.

A recomendação de humildade operava a partir de dois movimentos. O primeiro, mais vistoso, era a elevação das autoridades àquele patamar que exige dos demais a deferência. Desse já falei, é o patamar da batina, da idade, da tradição. O outro movimento, bem mais insidioso, é o que rebaixava os que prestavam a deferência. Ao contrário do que parece, os dois movimentos não são mutuamente necessários, pode

haver o primeiro sem haver o segundo. Na visão de mundo de Abel, no entanto, havia os dois, e era este segundo que o deixava eternamente preocupado, pois sentia-se quase sempre como se incomodasse os outros.

A lição da humildade penetrara tão fundo no espírito deste que agia em relação aos padres como quem deve um favor (e isso quando era justamente o contrário que estaria mais próximo da verdade!). Acostumados à reverência mais ou menos velada dos membros daquela “catolicíssima” comunidade rural, os padres não se importavam com a apreensão de Abel. Davam-lhe ordens sem grosseria, é verdade, mas muito cientes do carimbo de autoridade que ia nas entrelinhas de suas palavras. Só lembro de um padre, um noviço transferido por alguns meses, que se prestou a estender a Abel o tapete da intimidade e amenizar o retraimento. Este, contudo, raramente era encarregado do comando do ajudante, pois a velha guarda do seminário se reservava esse direito. Suspeito que alguns entre eles tinham gosto em fazer Abel correr de lá para cá, e se deixasse, exigiriam até beija-mão entre uma tarefa e outra.

Ocasões como essa me deixavam com raiva e pena de Abel.

Com exceção de dois ou três moleques mais robustos, provavelmente ninguém no seminário teria resistência suficiente para suportar a lida imposta a Abel. O físico de todos, aprendizes e mestres, oscilava entre rechonchudos e franzinos (ou mancos, como eu). O Clemente, mesmo, era uma minhoca branquela virada em sobancelha, um Monteiro Lobato desmi-linguido (entrara no seminário em grande parte por isto, aliás: sua família tinha vocação agrícola, e a única chance de ele continuar no mundo dos livros e do estudo foi a batina, e era um rato de biblioteca). Em suma: o Abel era praticamente o único capaz de fazer boa parte das tarefas necessárias para a manutenção do seminário, e ainda assim era tratado daquele modo opressivo.

Como ele podia não se indignar com isso tudo?

Talvez eu esteja falando besteira. Era mais fácil para mim acalentar revoltas, afinal, não dependia das “doações” dos pais. A resignação de Abel devia ter um componente pragmático, um certo cálculo, embora não me parecesse isto à época. Na visão mais idealista da juventude eu só conseguia ver o conformismo de um lado, e a exploração do outro, e ambos me deixavam enfurecido.

Acho que por isto eu apreciava as pequenas oportunidades de vingança/justiça, como uma envolvendo o padre Abraão, professor muito autoritário que tivemos no seminário, o qual adorava exercer seus pequenos poderes sobre Abel.

As histórias que corriam à boca pequena no seminário diziam que ele ocupara um cargo importante no governo da Guanabara no início dos anos 70, e chegara a visitar a Santa Sé, mas que lideranças diocesanas progressistas haviam forçado sua transferência. Uns diziam até que tinha ligação com a cúpula da ditadura, mas duvido que fosse verdade. Se isto era real ou só um delírio de poder, em sala de aula exigia ser tratado por Monsenhor.

Os boatos alimentavam certa aura ao seu redor, reforçada também pela barba branca e pela calva no topo da cabeça, que o tornavam o decalque de um patriarca bíblico. A obediência que exigia como parte de sua didática, no entanto, o tornou muito impopular em nossa turma. Fazíamos todo o possível para aporrinhá-lo, e ousa dizer que nosso senso de coletividade jamais foi tão sensível quanto nessa tarefa. Quando uns inventavam casos cabeludos para testar a teologia do padre Abraão, outros os corroboravam, e até aumentavam, sem nenhuma combinação prévia. Não conseguindo discernir a reflexão séria da galhofa, o padre embarcava arrojado nessas discussões, para nosso deleite.

Chego à vingança.

Durante uma aula, padre Abraão analisava uma passagem muito conhecida do Gênesis (escolhida não à toa), quando o xará dele prepara o holocausto solicitado por deus, aquele

mesmo em que mais tarde ele descobre que seu filho será a oferenda e que, no final, não acontece porque era tudo um teste de deus. Por acaso, alguém notou que a palavra “lenha” se repetia umas quatro ou cinco vezes no texto, e isso foi o bastante para que desvirtuássemos a exegese do padre.

Ele, como era de se esperar, torcia a passagem para extrair dali uma apologia da obediência, exortando a confiança cega de Abraão em deus (e afagando sua própria vaidade). Ouvíamos meio desatentos, porque era a última aula da manhã e o cheiro da comida da Salete disputava nossa atenção. O Alfredo (acho que foi ele) levantou a mão e perguntou, muito sério: “Monsenhor, a palavra ‘lenha’ é repetida várias vezes no texto, de modo até ostensivo. Me parece que há algo de intencional nisto, não?”. O professor, sem saber como reagir, calou-se por um instante. Foi o suficiente para que nos sincronizássemos todos, sabedores do gracejo de Alfredo. O silêncio serviu de palco para desfilarmos as hipóteses mais descabidas. Um disse que a lenha não era detalhe prosaico da narrativa, mas um símbolo que, repetido diversas vezes, sublinhava a importância das tarefas elementares na Missão. Eu mesmo argumentei, lembrando na hora de Abel, que sem lenha não poderia ter havido sacrifício algum. Um terceiro foi mais longe e se apropriou muito impropriamente de um dos Provérbios que diz que “sem lenha o fogo se apaga”.

Enquanto a enxurrada interpretativa lavava os minutos finais da aula, o professor tentou construir um contra-argumento, mas não conseguiu. Foi obrigado a concordar que para a Missão contam mesmo as tarefas mais comuns, como cortar lenha. Ou seja, um dos padres que mais tirava vantagem da deferência de Abel foi forçado a reconhecer que dependia do rachador oficial de lenha do seminário. Era um caso de justiça poética, se bem que pequeno e sutil.

Teria ficado nisto não fosse um episódio ulterior da história.

Mais ou menos uma semana depois do episódio, padre Abraão resolveu que se encarregaria da tarefa de rachar lenha

naquele dia. Na sua cabeça devia passar a ideia de que se o víssemos operando destramente um machado passaríamos a respeitá-lo como um missionário completo. Ou então só queria resgatar um pouco do próprio orgulho provando que podia rachar sua própria lenha teológica. De um modo ou de outro, escolheu o momento. Sexta-feira à tarde, quando tínhamos horas vagas e costumávamos estar no saguão, defronte ao galpão de lenha.

Arrumou o cepo como um pequeno altar, colocou uma tora em pé sobre ele, e pegou o machado. Na minha cabeça ele até arregaçou as mangas e cuspiu na palma das mãos, mas pode ser minha memória rearranjando a cena para ficar mais engraçada. Abriu as pernas e deu com o machado na superfície chata da tora. O golpe foi certo e muito forte, tenho que admitir, e por um momento todos ficaram surpresos com a força do gorducho. Mas justamente por causa dessa força o machado cravou-se fundo na carne lenhosa e ficou imóvel. O padre Abraão podia largar o cabo que o machado ficaria ali, paradiinho. O seu desafio passou a ser, então, desencravá-lo, o que tentou fazer erguendo o toco inteiro pelo cabo do machado.

A cena começava a ficar cômica.

Para seu azar, o cabo não resistiu à carga adicional do toco e se partiu, de modo que o padre ficou com um pedaço lascado dele na mão, enquanto a cabeça do machado, junto com outro pedaço de cabo, ficou ainda cravada na madeira. Nossos primeiros risos foram engolidos, mas era questão de tempo até não podermos mais abafá-los.

Abel fazia pequenos reparos na horta ao lado, fincando postes, e rapidamente correu ao padre quando viu o cabo do machado lascado. O professor estava parado com o pedaço de cabo na mão, impotente, quando Abel chegou. Este se ofereceu para ajudar com a deferência usual, murmurando algo (que supus “com licença” ou “por favor”). Ajeitou sobre o cepo o pedaço de pau com o machado cravado, pegou a marreta que usava para enfiar os postes na terra, e com alguns poucos

golpes vigorosos na parte chata da cabeça do machado, rachou o toco de alto a baixo. Libertada a lâmina, pegou uma marreta de cabo longo no interior do galpão e continuou a rachar lenha, dessa vez usando a cabeça do machado quebrado como se fosse uma cunha, com o toco deitado para favorecer o correr da rachadura na sua parte mais fina.

Os risos de antes, que ainda sufocávamos, deram lugar a um silêncio admirado.

Retenho essa cena na memória mesmo passados mais de vinte anos. O padre Abraão, com o cabo quebrado na mão, desacorçoado. Sua calva e suas barbas nunca o fizeram parecer tão velho quanto naquela hora, e isto enquanto Abel, com diligência, rachava lenha juntando-a ao redor do cepo. Deus não interveio dessa vez, mas o holocausto não precisou derramar sangue algum para se consumir: a arrogância do padre Abraão estava liquidada.

Clemente não estava no seminário esse dia. Tinha aproveitado a folga de sexta-feira para visitar os pais. Se estivesse, tenho certeza de que teria feito o sinal da cruz com lágrimas nos olhos.

O Abel dessa época já era um ser preocupado. Glorioso em sua destreza e engenhosidade, mas preocupado. Preocupava-se que o cabo lascado pudesse irritar o padre Abraão, ou então supondo que essa lenha já devia ter sido rachada antes. Mas esta não era a preocupação com que chegou ao consultório. A de antes era uma fatalidade com a qual transigia perseverante, numa espécie de heroísmo silencioso e inconsciente; a de mais tarde era um fardo solitário, uma culpa da qual se sentia autor e vítima.

II. CLEMENTE

Segunda-feira, 25 de janeiro de 2010

Queria ter escrito ontem. Ou sábado. Ou sexta. Não pude. Não consegui. Tristeza e raiva não permitiram. Resultavam das tentativas somente garatujas soltas e bolinhas de papel amassado.

Hoje pela manhã visitei o túmulo ainda inacabado de Abel. Imaginei que na segunda-feira era menos provável encontrar alguém da família no cemitério. Ainda não estou pronto para conversar assim, direta e pessoalmente com eles. Pretendo ainda me refugiar na solidariedade silenciosa e na polidez formal das frases usuais por mais uns dias, até conseguir oferecer algum alento real. Mal me contive no velório. Não aceitei o convite de padre Paulo por isto, por medo de não conseguir concluir a homilia. Recusei com a mesma polidez formal, alegando que o rebanho era dele e que o velório era em sua capela. Ele teve o tato de não insistir.

Marta e os filhos de Abel me têm afeição, o “tio padre”. Ela vem de uma família muito parecida com a dele em termos de educação, e os filhos foram amamentados nos costumes

dos dois, por isso sei que levarão muito a sério o que eu disser. Pesarão minhas palavras com cuidado, e eu sinto o peso de carregá-las no peito, ainda não ditas. Desarvorado como estou, só pioraria o estado de espírito de todos eles.

Tomara que não me tomem por insensível ou por covarde.

Sentei-me na beirada de granito de um túmulo em frente ao de Abel. Escrever isto é muito triste. Abel tem um túmulo. Não uma casa, uma mulher, um sítio, três filhos ou um monte de cachorros. Não. Ele tem um túmulo.

Essas coisas pequenas, esses detalhezinhos, vão te picando. São eles que seguem abrindo, devagarzinho, o lugar onde se instalará o vazio da morte, esse vazio que ocupa espaço. A gramática é outra picada, o dar-se conta de que todos os verbos do morto precisam agora ser conjugados no pretérito. As roupas no armário, os sapatos na prateleira, o último prato sujo na pia, a estação que ficou sintonizada no rádio, o ajuste do retrovisor do carro. Tudo conspira para te picar por dentro, tudo abrindo espaço para o vazio.

Sentado defronte ao túmulo do meu amigo, pude finalmente chorar sem cautelas, sem medo de arrastar ninguém junto comigo para o meu desespero. Fiquei assim por vários minutos, soluzei, até. Naquele exato momento, parecia que eu ia ser triste para sempre. Como na morte de mamãe, senti-me culpado, pois me parecia que minha fé era fraca. Se eu acreditava na vida eterna, por que aquilo me machucava tanto?

Alguns minutos se passaram até que eu vi o que me deu algum alento, e que tornou possível eu sentar e escrever aqui. O acabamento do túmulo não fora feito ainda e a terra da cova ainda estava remexida ao lado dele. Junto da pequena parede de concreto do jazigo havia um formigueiro, com as "operariázinhas" trabalhando, diligentes, entrando e saindo do orifício da abertura. Algumas até perambulavam sobre o túmulo de Abel.

Me arrepiei. Parecia até um sinal.

O fio da meada foi posto em meu caminho, então é questão de desenrolar.

Acho que consigo pôr o ocorrido dentro de uma moldura de sentido, uma triste, claro, mas coerente o suficiente para alguma paz de espírito. Para mim e para a família.

Deus deve nos ouvir mesmo. Justamente quando eu me batia com a falta de fé...

Pensando agora, este talvez seja um bom mote para um sermão!

Ou melhor, para o sermão da missa de sétimo dia de Abel. O convite do Padre Paulo ainda deve estar de pé.

Paulo cedeu-me a celebração do sétimo dia! Creio até que ficou feliz de me ouvir menos abatido do que na quinta-feira. Encompridou a conversa e tudo, logo ele, que costuma ser tão prático ao telefone.

Resta agora me preparar. Portanto, ao trabalho!

Despejar tudo no diário, depois editar para a homilia. Ser sincero consigo para poder ser aos demais. A verdade que toca os outros não surge sozinha, mas vem também de dentro. Que prova mais sublime de nosso parentesco espiritual pode haver? É a centelha divina que nos habita aquilo que nos torna irmãos, que propicia a língua comum da nossa humanidade.

O trajeto do papel ao púlpito, no entanto, não se resume a esses elos. Exige polir, polir, polir. Até que as minhas impressões e palavras se tornem tão lisas e reluzentes que os que ouvem possam se ver também ali, na superfície refulgente, tanto quanto eu.

É o que venho fazendo sistematicamente há anos, desde que me propus a manter essa espécie de diário/canteiro de testes de sermões. Se eu seguir esse método, devo conseguir também com a morte de Abel, por dolorosa que seja. Se consegui com a morte de mamãe, devo conseguir também com a dele. Afinal, nesses anos de alfarrábios, as ocasiões alegres predominaram sobre as tristes. Dom da graça divina, certamente, mas também produto do discernimento — outro nome do polir, polir, polir.

No geral, consigo me sair bastante bem no trato de questões dolorosas ou espinhosas, o que talvez explique a

predominância de fatos positivos. Creio que seja um aprendizado de ofício, que acabo transpondo para minha própria forma de olhar para as coisas. Receber pecadores despejando pecados no seu colo e pedindo para serem absolvidos certamente é um exercício que ajuda nisto. A quantidade de esposas infelizes, famílias enlutadas e pobres desacomodados que pisam numa casa paroquial em busca de aconselhamento, também. Se cada um deles resolveu vir “ver o padre”, como dizem, é porque ainda têm alguma esperança, do contrário nem se dariam ao trabalho. É preciso estar à altura da tarefa, portanto. A esperança dos outros é das coisas mais sagradas que existem.

Há que considerar também os sermões como exercício que favorece o polimento das perspectivas. As pessoas costumam dizer que não há protocolos para os funerais, e que ninguém sabe direito o que fazer nessas ocasiões. É verdade. Mas se é difícil isto, imagine o quanto é fazer um sermão nessas circunstâncias. É preciso se equilibrar sobre a dor do luto como numa corda bamba, se compadecendo dela, mas tendo a firmeza que não cede à paralisia, e sem soar condescendente ou moralista. Tudo em no máximo dez minutos, porque ir além disto nessas ocasiões sempre me pareceu antes vaidade do que consolo.

É um malabarismo retórico, e filosófico, e tanto.

Já me disseram que tenho um talento especial para pentear desgraças à contrapelo. Se hoje relato a história com orgulho, quando ouvi isto não soube dizer se se tratava de um elogio ou de sarcasmo. Se há quem diga que os padres são figuras alvissareiras, que pertencem a dias felizes como o do batismo e o do casamento; há também aqueles para quem o padre é criatura sinistra, que aparece para ungir enfermos e encomendar defuntos. O fato é que estaremos sempre envoltos com essa aura crepuscular: ora somos a pomba da boa nova, ora o urubu dos maus agouros.

É uma questão de perspectiva, reconheço, mas de acaso também.

A primeira ave que Noé soltou depois da temporada de dilúvio foi o corvo, quando a água ainda não tinha baixado o suficiente. O pobre pássaro, sem ter o que fazer ou onde pousar, ficou a voar em círculos sobre a arca até ser recolhido. Somente mais tarde é que foi adotada a pomba, que solta em hora mais favorável do estio, voltou com o raminho proverbial no bico. Ou seja, se Noé tivesse soltado primeiro a pomba ao invés do corvo, talvez hoje estivéssemos festejando o pássaro preto ao invés do branco como portador de boas notícias...

Tergiverso.

Desconverso.

Disperso.

Falando pelo anverso

Bordejando em verso.

Mas há motivo. Faço rodeios porque tenho medo de não conseguir percorrer o arco filosófico dessa vez, não conseguir encontrar a fresta por onde passará a luz. O peso das palavras não ditas me oprime o peito... Não ditas como estão até agora parecem dizer mais. Deixam mais entrelinhas, são um convite à especulação. Terei sido um covarde por não ter pisado muito além das formalidades de funeral com Marta e os filhos? Terão lido minha reticência como fruto da dor, como insensibilidade, como um ato de frieza atroz? Talvez achem que somente os tolerei por minha amizade com Abel, e que sua morte me libertou dessa conveniência.

Eu só não queria piorar as coisas. Bem, as intenções têm mesmo esse costume de se perder no labirinto das ações.

Basta dessa metafísica!

Há que se perseverar. Hei de perseverar!

Só conseguirei se o fizer de modo radical, isto é, tomando Abel pela raiz.

Abel esteve no seminário na mesma época que eu. Ou melhor, na época em que estive no seminário, Abel estava lá. Ou melhor, estivemos ao mesmo tempo no seminário, ele na condição de ajudante, eu na de seminarista. Eu fiquei por lá três

anos, até ser ordenado padre; ele chegara um pouco antes e ficou ainda por mais alguns anos.

Era um rapaz alto, mas compacto, característica que o fazia parecer mais baixo do que de fato era. Vinha quase todos os dias para realizar as tarefas externas das quais não se ocupavam os seminaristas. Enquanto o asseio dos quartos, banheiros e locais de oração era nossa responsabilidade, as ocupações de Abel se referiam aos animais e aos cultivos que o seminário possuía, além de uma série de tarefas práticas de manutenção que surgiam no dia a dia.

O Desidério se incomodava com a divisão de tarefas, aliás, embora não falasse abertamente sobre isto. Penso que se ressentia de as tarefas tradicionalmente “femininas” nos caberem enquanto Abel ficava à cargo das “masculinas”. A presteza com que propunha a ajudar nestas e o desgosto que votava àquelas me parecia indício dessa opinião. Desidério foi sempre muito cioso de sua masculinidade, sobretudo, acho, porque mancava da perna direita, e tenho a impressão de que a exuberância da sua vaidade era o seu modo de afirmar essa hombridade.

Como a lista das incumbências de Abel era grande, isso o tornava uma presença constante na vida do seminário. Dá para dizer que ele já fazia parte do cenário. Quando estávamos em sala de aula, víamos pela janela ele podando uma árvore. Durante a oração, no silêncio entre as preces, escutávamos suas marteladas ao longe. E como chegava muito cedo e frequentemente ia embora no escurecer, por conta da ordenha, acabávamos compartilhando a mesa em quase todas as refeições. Chegou até a pousar no seminário em algumas ocasiões, como em vésperas de visitas pastorais ou retiros.

Embora fosse muito tímido e quieto, a convivência constante o fez contrair rápida familiaridade junto dos seminaristas. Tornou-se um de meus melhores amigos, ao lado de Desidério. Eu, ele e Abel vivíamos mais juntos que separados, de modo que é muito difícil recuperar passagens do amigo falecido sem

entrelaçá-las comigo mesmo e com Desidério. Éramos “cu e bunda”, como disse um dia Salete, a cozinheira, tendo sido corrigida pela Dolores, a zeladora, ainda mais brejeira: “Não. São que nem cu, bunda e traseiro”. O Padre Vitorino, mais livresco, chamava-nos de “os três mosqueteiros”.

Dumas talvez risse.

Minha época de seminário foi cheia desse tipo de poesia rústica, dessa lírica roceira, e o Abel mesmo estava cheio de traços dela. Era uma das coisas que eu mais gostava nele, aliás. Se me ouvisse dizer isso, tenho certeza de que Desidério daria um muxoxo condescendente. Falar de sentimentos, para ele, era pôr em risco sua virilidade, o que era uma pena, pois tinha uma sensibilidade muito aguçada. Acho que sua perna, mesmo coxa, às vezes passava uma rasteira no seu coração.

Abel tinha um hábito que encarnava muito bem essa espécie de poesia, e foi até por isso que acabamos virando amigos: Abel não pisava em formigueiros. Não fazia disto uma cruzada moral, nem tentava convencer os outros da justeza de sua causa; simplesmente se desviava e pronto. Sua natureza cordata provavelmente o freou diversas vezes quanto a impedir que outros pisassem, pois era humilde até em demasia, mas tenho quase certeza de que em seu íntimo sofria com o descalço dos pés alheios. Eu não tinha como sondar o que lhe passava pela cabeça, é claro, e ele falava tão pouco que eu também não poderia ter adivinhado esse sofrimento por meio de suas palavras. Num ou noutro caso, um dia o vi mudar o tracejado de uma cerca de madeira duas vezes para evitar ter de interferir na engenharia terrosa das formigas.

De início achei que fosse algo excepcional, que fizesse um tanto sem pensar, ou até mesmo para evitar as picadas, pois ardiam como fogo, ainda mais entre os dedos do pé — e Abel estava quase sempre descalço. O detalhe é que já o vira aguentar estoicamente picadas de marimbondo enquanto arrumava o beiral da biblioteca, próximo de uma cachopa — assisti tudo detrás da vidraça, do final de um corredor de estantes, lem-

brando-me do Ubirajara de Alencar a fazer o teste das formigas na moringa. Abel ficava com pouco a lhe dever em heroísmo.

Desde que notara o curioso proceder de Abel quanto aos formigueiros, passei a prestar-lhe atenção mais cuidadosa, ainda que de modo muito discreto. Descobri que ele mantinha outros hábitos semelhantes.

Quando encontrava uma fila de formigas cortadeiras, fazia questão de lhes seguir o rastro e descobrir de onde e para onde peregrinavam as nanicas trabalhadeiras. Caminhava ao lado delas, afastando galhos e pulando cercas para poder manter-se em seu encalço. Chegando ao seu canteiro de obras ou à boca do formigueiro, agachava-se e as contemplava por alguns minutos. Quem o visse nessa faina, podia enganar-se pensando que Abel estudava o melhor plano para pulverizar a praga. O contrário era verdade. Era um “anti-Policarpo-Quaresma”! Acho até que ele não ficava mais tempo em observações para não chamar a atenção de alguém sobre elas, ou sobre si — se um dos padres lhe mandasse exterminar as formigas, a humildade extrema de Abel não permitiria que se negasse.

O mesmo se dava com teias de aranha, ninhos de passarinho e casinhas de João-de-Barro. Abel se admirava com a geometria precisa com que a fiandeira costurava a sua armadilha. Subia alto nos pés de fruta para ver os ninhos de ciscos e de barro, sempre meio de longe, para não afugentar os passarinhos. A habilidade de tecelagem de uns e a de construção de outros o punham num estado de admiração embevecida. Observava-os com intenso interesse. Era Gulliver em Lilliput.

Anos mais tarde, quando ele já havia casado e eu o visitava no mesmo sítio que fora de seus pais, fiquei sabendo de história parecida. Marta comentou, ainda com alguma zanga, que quase tiveram um problema com cupins na madeira dupla da casa porque Abel demorou demais para debelar a fortaleza dos tais insetos. Abel não se defendeu da acusação, permanecendo calado como de costume, e adivinhei que a tardança do amigo tinha a ver com aquela admiração que eu testemunhara no seminário.

Ora, como explicar a curiosa prática?

Resolvi perguntar-lhe.

Eu ainda não o conhecia muito bem nessa ocasião, de modo que ele ficou um pouco envergonhado de eu ter-lhe notado o cacoete de não pisar em formigueiros, e agiu como se estivesse sendo confrontado com o flagrante de um delito. Sem me olhar nos olhos, devolveu a pergunta, com uma asserividade que mais tarde descobri não ser característica dele: “Pra quê pisar, também?”.

Eu não esperava a reviravolta e recuei, sem saber ao certo o que responder. Ele estava amarrando uma borracha ao redor de uma mangueira preta durante esse colóquio (ele dizia “manga” ao invés de “mangueira”), e não interrompeu a tarefa. Amenizei meu tom e busquei apaziguar por meio de elogio, dizendo que a atitude dele era digna de um São Francisco, muito respeitosa com as criaturas de Deus. O comentário deve ter ressoado nele, pois ergueu a cabeça e olhou para mim quando disse “brigado”.

Seu trato acanhado o impediu de dar prosseguimento à conversa, e como o Padre Antonio aguardava o reparo na mangueira para abrir a torneira logo adiante, no chiqueiro, também eu resolvi abreviá-la. Dei-me por satisfeito com seu “brigado” e descobri ter acertado na atitude, pois o que eu, sem saber, fizera na ocasião foi assentar as bases para nossa amizade futura. Hoje vejo claramente que refreando minha curiosidade, ganhei a confiança de Abel.

Como disse, ele era um ser dotado de enorme humildade, e isso o fazia várias vezes rebaixar-se, omitir-se, levando-o a acatar com maior facilidade as imposições alheias. Não sei dizer, sequer hoje, se o fazia a contragosto ou se Deus o havia criado desse jeito, mas àquela altura já havia quem tivesse se aproveitado dessa sua mansidão, infelizmente — no seminário mesmo, receio. Quando me recusei a continuar lhe perguntando, foi como se eu tivesse aberto mão de uma prerrogativa que eu tinha. Aos olhos de Abel, foi como se eu pudesse forçá-lo à minha vontade de saber, mas optara por não fazê-lo.

Em outras palavras, respeitei-lhe.

Por isso, a rigorosa hierarquia que o mundo tinha a seus olhos podia ser suspensão no meu caso, e isso permitia que nos tornássemos amigos.

O procedimento dele quanto aos formigueiros continuou me intrigando, e o guardo comigo até hoje, como uma relíquia pitoresca de meu amigo. Eu talvez pudesse ter lhe perguntado mais tarde, quando ele, Desidério e eu já tínhamos consolidado nossa amizade, mas temi tocar-lhe num ponto sensível e fazê-lo sentir-se retraído como era com quase todos. Não faltaram ocasiões, é verdade, e precisamente por isso, por serem tantas as ocasiões em que estávamos juntos os três, “cu, bunda e traseiro”, a tal pergunta foi se tornando arriscada demais e a resposta, importante de menos. Se eu encontrara um amigo tão leal, por que cutucar esse vespeiro da verdade? Valia a pena abalar as colunas da catedral em nome da curiosidade de ver sua pedra angular?

Passei a encarar isso como um dos Mistérios das Escrituras. Aceitei que o preço de nossa amizade era aquela dúvida.

* * *

Quarta-feira, 27 de janeiro de 2010

Passei a semana recordando passagens da vida de Abel e tentando encontrar um lugar para elas na homilia. Polindo, polindo, polindo.

Há muitas coisas que gostaria de falar e tenho pouco tempo para dizê-las. Curiosamente, a maioria das que pude lembrar são do tempo do seminário. Fui amigo de Abel por décadas depois de ordenado, mas são os episódios do seminário aqueles que se gravaram com mais força em minha memória.

Acho que sei por que isso acontece. É por causa de Desidério.

O fim de nossa amizade ainda me persegue.

Tive dúvidas.

Não.

Tenho dúvidas sobre aquele dia.

Muitas vezes repassei mentalmente todos os eventos que consigo me lembrar, mas não sou capaz de dar a mim mesmo um veredicto. A saída de Desidério do seminário deixou claro que ele me punha na condição de réu, mas eu mesmo não tive acesso aos autos. Não sei exatamente que acusação pesa sobre mim. Sinto-me como um protagonista de Kafka, imaginando culpas.

Consegui convencer minha cabeça de que fiz tudo certo, mas meu coração permaneceu sempre em dúvida. A razão sempre se deixa persuadir com mais facilidade, os sentimentos é que são mais teimosos.

Desidério nunca se deu ao trabalho de contar-me exatamente por que me elegera como culpado de sua expulsão. Se saísse da minha pele como no conto de Dickens, e me visse em terceira pessoa, eu talvez entendesse isso tudo, mas não há um Fantasma das Páscoas Passadas, então permaneço aqui, com essas incertezas.

O procurei para pedir-lhe explicações sobre a ocasião, mas ele nunca me deixou prosseguir. Ameaçou-me, furioso. Exigiu que eu não mais o procurasse, que o deixasse em paz. E como acabou indo estudar numa universidade em outra cidade, mudou-se para lá e perdemos contato. Ele foi sempre uma pessoa orgulhosa — não soberba, mas orgulhosa —, e suspeito que, de acordo com seu sistema de valores, dar-me alguma explicação seria confessar fraqueza. A mesma fraqueza que, suponho, ele imagina ter me dominado naquele dia — talvez sempre.

Passados tantos anos, descobri que ele tolera meu aperto de mão, mas não o abraço. No velório de Abel, achei que fosse aceitar uma trégua, mas manteve-se firme, usando o braço estendido no aperto da mão para manter a distância.

A recusa tornou tudo ainda pior, porque um luto compartilhado é um luto menor. Pensando bem, acho que o luto é do

mesmo tamanho, e nós é que somos mais fortes para enfrentá-lo quando não estamos sozinhos.

Enfim.

Queria muito poder dizer-lhe que nos últimos tempos Abel tinha me procurado para se confessar e que andava atormentado. É claro que não poderia lhe dar detalhes, mas poderia compartilhar minha preocupação de modo mais geral, sem adentrar em pormenores. Eu frequentava a casa de Abel e poderia me fiar em indícios além-confessionário. Sei que Desidério não visitava Abel com tanta frequência, pois se distanciou do seminário depois que saiu de lá e acabou por distanciar-se também dele. A cidade em que morava não era longe, mas as distâncias subjetivas são sempre maiores que as físicas.

Queria pô-lo a par das mudanças que ocorriam com Abel, explicar-lhe a ironia trágica de sua morte.

Acho que o que eu queria mesmo era descarregar um pouco o que trago sobre os ombros, por conta do segredo do confessionário. Em alguma medida é para isso também que tenho mantido esses diários, e igualmente por isso que adotei um caderno de espiral: quando despejo as mazelas secretas dos outros, destilando junto as minhas próprias, adoto o procedimento de destacar essas páginas e queimá-las.

Costumo pensar que esse “pôr no papel” é uma espécie de exorcismo. Os pecados falados permanecem comigo depois da confissão, tanto que quem se confessa sai purificado porque já não leva mais as faltas consigo. E se as trouxe, mas não as leva embora, ele as deixou comigo de algum modo. Pô-las no papel é meu modo de dissipá-las, e queimar o papel tem até algo de plástico nesse sentido.

Eu costumava pensar que os padres eram uma espécie de condutores desse grande circuito espiritual. O perdão do pecador que se confessa é dado através de mim, e não por mim; o pecado é dissipado através de mim, mas não por mim. Aquele vem de Deus, este deve voltar para o Diabo ou algo do tipo. Essa ideia de condutor me apaziguou o espírito por um

tempo, dava-me até algum senso de heroísmo abnegado. Foi assim até que eu comecei a sentir o peso daquilo que supunha estar conduzindo para alhures. Se a coisa estava simplesmente passando por mim, ao invés de ficar em mim, por que meus ombros e meu coração estavam tão pesados?

Descobri que eu era um fusível, não um condutor. Compunha o circuito, sim, mas uma espécie de ponta fraca táctica, um “acolchoador” das mágoas que poderiam pôr em risco o funcionamento do sistema. Me queimava sozinho para preservar os demais. Isso sim exigia abnegação, mas era bem menos heroico. Adotar o caderno em espiral para servir como uma espécie de purgatório terceirizado foi meu jeito de conseguir continuar com a vocação de fusível.

Quando Abel buscou o confessional, queimei suas folhas também, mas acho que hoje repetirei o ritual, para visitar mais uma vez os curiosos meandros de seu espírito e me preparar para a homilia de amanhã — quem sabe consigo queimar a mágoa de Desidério junto.

Queria muito poder dizer a ele que o Abel do seminário perdera aquilo que eu gostava de chamar de “abertura casca-grossa ao sublime” — Desidério, com seu sarcasmo infinito, chamava essa opinião minha de “carolice estética”. Queria muito debater o quanto nosso velho amigo parecia mudado apesar de os traços característicos dele serem aparentemente os mesmos. Desidério era muito perspicaz, talvez soubesse explicar por que Abel estava tão diferente estando tão igual.

Eu nunca consegui direito, então me solidarizava num nível muito pessoal e cotidiano — “de modo empírico”, diria Desidério. Penso que me saí melhor como amigo do que como conselheiro espiritual. É possível que Desidério tivesse melhores condições de ajudá-lo. Cheguei até a sugerir a Abel que o procurasse, mais de uma vez, mas acho pouco provável que o tenha feito. Ele tinha sérias reservas a essas ocasiões formais, e a possibilidade de um divã, creio, até o assustava — o que será que ele imaginava disso? Mesmo Marta era muito reticente

quando eu lhe fazia a recomendação — penso que relutava em admitir que o marido precisava de ajuda, embora, tenho certeza, percebesse a mudança em seu estado de espírito.

Arranquei muitas páginas na tentativa de explicar o que mudara em Abel, ou como aquele que viera confessar-se comigo era, ao mesmo tempo, tão parecido e tão diferente do rapaz do seminário.

Vou percorrer o caminho uma vez mais, quem sabe eu tenha deixado passar alguma coisa. Pode ser que eu tenha deixado de revirar alguma pedra. Farei como se fosse um Brás Cubas da morte alheia.

Abel visitou a casa paroquial em que atendo num dia de semana. Ele só vinha ali para trazer coisas de seu sítio, ovos, mexericas e mandioca, pelos quais nunca aceitava pagamento algum. Não costumava vir à capela a que estou vinculado senão em datas festivas, pois nas missas comuns frequenta a capela de sua comunidade mesmo. A oportunidade da confissão aparecera entre a recolha do seu último lote de frangos e a chegada de um novo lote de pintinhos. Eu sabia por que era com essa periodicidade, um mês e meio, mais ou menos, que ele costumava vir me trazer frutas e legumes na casa paroquial.

De início, encarei como uma visita pessoal, e somente quando ele revelou sua intenção de confissão, meio envergonhado, entendi que não se tratava de uma ocasião comum. Eu devia ter imaginado, pois ele não tinha nenhuma sacola plástica, nem estava vestido com o aprumo com que costumava “ir pra cidade”. Não tinha o chapéu de palha e tampouco calça social. Estava com uma calça jeans surrada e um boné qualquer, acho até que era daquela cooperativa a que ele estava vinculado.

Isto foi há seis meses atrás.

Fiquei surpreso. Nunca o havia confessado. Nem imaginava que Abel fosse uma pessoa de confissões. Como falava pouco, imaginá-lo revelando coisas tão pessoais como pecados era difícil para mim. Pensei que ele buscasse resolver suas dívidas diretamente com Deus, de modo reservado. Para quem

não o conhecesse bem, podia até parecer que se tratava de arrogância isso de não se confessar, mas, na verdade, era acanhamento mesmo.

Assenti à sua solicitação com a cabeça, buscando disfarçar a surpresa, e acrescentei que “sim, claro”. Pedi para que passássemos a uma saleta mais reservada, à esquerda do cômodo que servia de recepção, onde os padres costumam receber confissões. Eu estava sozinho na casa paroquial, mas como era uma manhã tranquila, fechei a porta da saleta. Eu não sabia o quanto isso demoraria, ou mesmo o que aconteceria, mas o vira-lata que tratávamos de vez em quando estava dormindo no gramado e daria o alarme se alguém chegasse. Queria que Abel ficasse à vontade para falar.

Era estranho estar daquele jeito com ele, naquele confessional, sentados os dois em cadeiras voltadas uma à outra, mas ligeiramente desalinhadas. Pus a estola sobre os ombros e pedi que fizéssemos o sinal da cruz antes de começar. Pronunciei algumas palavras à guisa de encaminhamento e busquei manter minha cabeça baixa. Abel tinha tirado o boné. Fungou algumas vezes, pigarreou outras, e por fim começou. Sentiu que precisava explicar-me sua decisão, e falou como quem se desculpa. Disse que “não queria vir”, mas que também “não queria deixar a mãe mais preocupada” — o costume de se referir a Marta como mãe sempre me intrigou —, pois estava dormindo mal e andava “com caraminholas na cabeça”. Como uma vez ele ouvira de um padre que quando temos “pecados mortais, nossas orações não chegam até Deus”, achou que era essa interferência que estava o deixando suscetível à ação do Diabo — pois, disse ele, “se existe o bem, também existe o mal, você sabe dessas coisas, Clemente”.

Assenti com a cabeça. Não disse nada. Não queria correr o risco de interrompê-lo ou desencorajá-lo.

Na sua interpretação, eram os pecados que ele tinha acumulado ao longo de anos sem confissão que estavam a causar sua intranquilidade, deixando-o inquieto e fazendo-o dormir mal. Marta tinha apegado pelas pregações carismáticas

mais ortodoxas, sobretudo quanto a presságios e leituras do Apocalipse de São João, então suspeito que os comentários dela devem ter causado uma certa impressão em Abel, ajudando ele a tomar a decisão de vir me procurar.

Somente depois desse pequeno preâmbulo teológico que Abel entrou na porção propriamente confessional. E então fui acometido de outra surpresa, talvez maior do que a primeira. O principal pecado que Abel sentira a necessidade de contar era a “cobiça”! Essa foi a exata palavra que ele usou, e diversas vezes, aliás. Tenho certeza de que a contrabandeou diretamente do Décimo Mandamento para dentro de seu vocabulário, pois nunca o tinha ouvido empregá-la antes.

O que ele chamava de “cobiça”, pelo que pude notar a partir de palavras correlatas que ele utilizou, era uma mistura de “ganância” e “orgulho”. Logo ele, que era a encarnação da humildade! Que era de uma simplicidade, de uma singeleza, de uma modéstia tão grandes que às vezes o faziam se curvar até demais.

Ele até contou outros pecadilhos também, ou assim me pareceram, pois a espinha dorsal do seu relatório de infrações era a “cobiça”.

Já ouvi gente dizer que “os padres são uns sacanas: sabem dos segredos de todo mundo, mas não contam pra ninguém”. O tom desse comentário costuma ser menos jocoso do que eu gostaria, e imagino o que essas pessoas pensam que se conta no confessional. Devem fantasiar coisas sórdidas, libertinas, devassas, cruéis, como se o marquês de Sade ali estivesse. Ou a Anaïs Nin e o Henry Miller, sei lá. Erram todos, ou quase todos, pois o oposto é o que predomina. Sade nunca deve ter sentido a necessidade de confessar, nem Nin e tampouco Miller, até onde sei. O pecado é algo muito pessoal, e frequentemente prosaico, tem a ver com a culpa que sentimos e nossas aflições interiores, muitos antes desses espalhafatos controversos. Em virtude disto, abundam nas confissões relatos muito pedestres sobre egoísmos, teimosias, maledicências,

mesquinhas, insensibilidades, turras domésticas, bulhas familiares, algumas poluições de ordem sexual, sim, mas pouquíssimas. No geral, prevalecem esses pequenos retratos do lufa-lufa da vida cotidiana. Grandes delitos costumam ser guardados mais fundo, num baú que o sacramento da confissão arranha, até força, mas dificilmente abre. Além do mais, há que contar que a confissão é voluntária e o filtro da culpa é autoaplicado.

O teor da confissão parece muito mais o estudo psicológico de um romance do que as manchetes sensacionalistas de um tabloide.

É isso, aliás, o que tornou a culpa da “cobiça” confessada por Abel algo tão misterioso. Tenho vergonha de admitir, mas como vou queimar essa folha mais tarde, aproveito a fogueira para meus pecados também: ao ouvir o relato sobre a “cobiça”, minha vontade inicial foi de rir, e logo depois tranquilizar meu amigo, assegurando que ele estava livre daquele pecado. Eu poderia lhe garantir isto, afiançaria minha palavra, até, se necessário. Contudo, essa é a mecânica das confissões, da natureza muito pessoal do pecado. Imagino até que foi por isso que Cristo fez questão de sublinhar o “odeie o pecado, e não o pecador”. No meu caso, lia essa declaração como uma espécie de instrução de conduta: não cabe a ti julgar o pecado, mas compadecer-se do pecador, ajudá-lo a retificar-se, a lembrar-se — mesmo que a culpa que ele se imponha não tenha base numa falta verdadeira...

“Verdadeira”: eis o julgamento!

Quem era eu para julgar verdadeiras ou não as aflições que passavam no íntimo de Abel? Inclusive, porque nem sei o que o oposto de “verdadeira” é, nesse caso. Falsa? Mentirosa? Subjetiva? Imaginada? Qualquer que fosse, não o impedia de sentir-se acabrunhado sob seu fardo de culpa. Isso era real, real a ponto de fazê-lo padecer de insônia! A verdade do espírito tem regras próprias, é de natureza caprichosa, cheia de melindres. Se ainda hoje, quando escrevo postumamente por Abel,

não consigo remendar-me nesse ponto, só posso ficar aliviado que na ocasião da confissão eu tenha conseguido guardar minhas impressões para mim mesmo — provavelmente movido pela estranha solenidade do episódio. Rir de Abel, tomar sua culpa por algo menor, tratá-lo como uma criança diante dos mistérios da fé, qualquer uma dessas atitudes teria sido desastrosa.

A “cobiça” a que Abel se refer... percebo que até minhas aspas têm um ar de condescendência. São como um adulto dando dois tapinhas paternalistas na cabeça de uma criança confusa. O fogo há de consumir também essa minha presunção.

A cobiça a que Abel se referia era difícil de definir com certeza. Ele era bastante fragmentário quando falava, soltava frases curtas, em golfadas, “acho que tô querendo demais”, “parece que eu só fico fazendo as coisas por causa do dinheiro”, “acho que tô dando o passo maior que a perna”. Parte disso, acredito que viesse de sua falta de jeito com as palavras. Parte disso se dava pelo estado de desconforto em que se encontrava, provavelmente tão acuado pela estranha solenidade quanto eu. E parte disto, certamente, vinha do estado de espírito intranquilo que o trouxera ali, pela gravidade com que enxergava suas transgressões.

Abel se remeteu diversas vezes ao tempo em que “era mais novo”, usando isto como se fosse uma régua com a qual media seu presente, marcado pela cobiça. Dizia coisas como “uma vez a gente andava de carroça e tava tudo bem, ninguém morreu por causa disso” e “a gente carpia roça todo dia, de manhãzinha até de noite, e agora tudo tem que ter trator e colhedeira e caminhão”. O seu sítio tinha recentemente iniciado a instalação do terceiro aviário, e ele comentou isto também, usando sua infância como parâmetro: “No meu tempo de piá, a mãe tinha quinze, vinte frangos no terreiro, tudo solto, e nós comia em dez na mesa. Hoje tem sei-lá-quantos-mil frangos em cada galinheiro. Morre quinze, vinte frangos por semana, cada quinze dias”.

Conforme seu relato seguia, ele ia intercalando momentos mais enérgicos, quando falava com impaciência e até com alguma raiva; e momentos mais calmos, em que falava de modo mais melancólico. Devia sentir-se mesmo desgostoso com sua situação, pois falou bem mais do que costumava. A situação em que estava e que descrevia, curiosamente, era uma das mais estáveis que tivera, em termos materiais. É claro que ele tinha uma dívida considerável pelo financiamento dos aviários, a qual julgo que o incomodava, mas a juventude a que se referia com certa nostalgia fora bastante mais precária do que a situação que ele experimentava agora.

Tendo a pensar que havia um conflito de gerações em curso na situação de Abel, em ambas as direções, passado e presente. Ele fora educado numa tradição rigorosa e frugal, marcada por uma disciplina e uma abstinência que raramente enxergava em seus filhos. Abel tinha muitas dificuldades de aceitar as vontades destes, embora raramente o expressasse — me confidenciou alguma coisa nesse sentido, usando para descrevê-los um termo que eu desconhecia, “guaxos”, que é usado para se referir a plantas e animais frágeis, enfermiços, que medram facilmente: mais um exemplo de sua poesia rústica. Esses mesmos filhos, no entanto, eram muito mais diligentes que Abel na lida de agora, envolvendo máquinas e trâmites formais. Recentemente tinham até aparecido num ranking de produção promovido por publicação das cooperativas locais.

As coisas mudaram, o jeito de fazer as coisas mudara, e Abel sentia-se deslocado no seio dessa mudança. Ele insistia em capinar pedaços de lavoura, mesmo com os filhos tendo-lhe explicado a eficiência da aplicação de um herbicida. Dava um jeito de se afastar, quieto e resignado, toda vez que alguma ficha de entrega de pintinhos ou de ração tinha que ser assinada. E tenho certeza de que desaprovava o pouco uso que os filhos davam às botinas antes de trocá-las por um par novo.

Dos rigores aprendidos do pai até a frouxidão observada nos filhos, Abel só conseguia encontrar um elo, ele próprio,

e isso o punha numa intrincada relação edípica. A humildade tão própria de sua constituição era contrariada pelos hábitos dos filhos, eles próprios filhos de seu tempo. Almejar coisas como os meninos faziam era algo que o punha mal, que o fazia enxergar-se cobiçoso, ganancioso — me pergunto se ele se supunha um mau pai ou se tomava os meninos por filhos pródigos. Aliás, se ele realmente trouxe o termo “cobiça” do Décimo Mandamento, isto é sintomático, pois o texto todo é “não cobiçarás as coisas alheias”, o que reforça a impressão de que Abel pensava que as coisas que ganhava, ou que as mudanças do sítio lhe permitiam ter, não eram dele por direito — ou, pelo menos, não eram na sua visão.

A natureza de Abel o tornava alguém sempre pronto a reconhecer a autoridade da tradição, e nesse sentido era, também, muito diferente dos filhos. Era o avesso do orgulho sob vários aspectos. O Desidério, mesmo, frequentemente questionava esse traço de Abel, exortava-o a limá-lo de si, a tornar-se mais assertivo e, como dizia, “menos subserviente” — acho que Desidério nunca entendeu direito o sentido sagrado disto.

Abel tinha uma mansidão reverente que, se o tornava humilde em demasia às vezes, reconheço, também o tornava aberto ao sublime da Criação. Na contemplação em que se punha quando observava os formigueiros, por exemplo, sempre vi uma forma de veneração indireta ao divino, um reconhecimento espiritual de sua pertença àquilo tudo que o rodeava, ao todo do mundo. E de um modo tão inato e essencial que às vezes eu chegava quase a invejá-lo. A mim, sua entrega aos desígnios da situação em que fora posto era testemunho de sua confiança em Deus, sua aceitação como parte da Criação, nas suas porções turbulentas e nos seus momentos gloriosos. Se Abel fosse Jó, não haveria história de Jó nas Escrituras, pois não haveria necessidade de teste nenhum.

E, ainda assim, lá estava ele, revelando o que considerava suas limitações e pedindo que eu intercedesse pelo seu perdão. Quando terminou a confissão, eu não estava preparado, pois

a surpresa em relação ao teor de seu relato me havia posto a ruminar interpretações. Não sabia ao certo como proceder, se abordava a situação mais como amigo ou mais como sacerdote, mais pessoal ou mais formalmente. Acabei usando a fórmula da absolvição como espinha dorsal, mas acrescentando algumas passagens direcionadas a Abel, com minha mão em seu ombro, buscando estabelecer contato visual. Queria ter dito a ele algo melhor. Alguma coisa edificante talvez, que sublinhasse suas virtudes, assegurando-as com maior peso que suas faltas; ou então algo que fosse reconfortá-lo, como a natureza falha de nós, seres humanos, ou o tamanho da misericórdia divina.

Não consegui fazer a costura certa de palavras.

Após o sinal da cruz protocolar, ele respirou mais fundo, ainda sem levantar os olhos. Me pareceu um pouco mais aliviado, ou menos acabrunhado, do que quando entrara, e sua despedida cordial, já com o boné de volta à cabeça, não me deu razão para supor que a confissão não o tenha ajudado de algum modo.

Ainda assim, eu tinha dúvidas.

Como posso fazer justiça a esse Abel em meu sermão? Como não preferir o Abel do seminário a este? Ainda não entendo ao certo a relação entre um e outro, e agora, de qualquer modo, é tarde.

A humildade dele era a mesma de sempre, mas suas preocupações eram outras, tornando-a como que diferente, mais pesada. Ele já era um ser intranquilo na época do seminário, sobretudo por conta de sua observância estrita às obediências aprendidas, mas agora parecia atormentado consigo próprio, como se essa observância o deixasse com os nervos expostos.

Sua mansidão tinha perdido um pouco daquela abertura ao sublime, aquela qualidade que a mim parecia uma inocência quase pueril. Assemelhava-se agora mais à inocência cega de um animal arredo. Lembrava aqueles cachorros longamente enjaulados que, mesmo com água e um pano velho onde dormir, rosnam e ameaçam morder a mão que lhe despeja comida no

pote, abanando o rabo logo que ela se afasta, presos no desencontro entre a gratidão pelo alimento e a mágoa pelo cativoiro.

Toda vez que retomo esse episódio, acabo pensando naquele versículo do Evangelho de São Mateus, “bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”, do mesmo modo que toda vez que lia essa passagem em alguma celebração, lembrava de Abel. Segundo as palavras do próprio Cristo, o futuro há de pertencer àqueles como Abel. Eu costumava pensar isto com alegria, mas agora a passagem me parece amarga. Queria que a ele também coubesse o presente, nem que fosse como uma herança antecipada.

Sei que Desidério estará lá amanhã, e saber que ele vai me ouvir é provavelmente o que explica a dificuldade na seleção das memórias. Gostaria muito que meu retrato de Abel se encontrasse com o Abel de sua memória, e que fizesse justiça à nossa amizade.

Valha-me Deus.

III.

[As últimas pessoas deixam a pequena capela de madeira após a missa, debaixo dos guarda-chuvas ou correndo de cabeça encolhida até os carros. A chuva é grossa e insistente. A família de Abel já agradeceu a Clemente pela homilia, entre lágrimas enxugadas e longos abraços. Padre Paulo congratulou o colega e disse que precisava correr para o barracão contíguo à capela, salão de festas da comunidade, onde uma calha havia estourado, despejando uma cascata sobre o piso de tacos. Pediu que Clemente ficasse à vontade, pois ele se encarregaria de retornar mais tarde para desligar as luzes e fechar tudo. Este, de frente para o altar e de costas para onde estivera a assembleia, dobra o pequeno guardanapo branco onde, durante a celebração, depositara o cálice, a bíblia, o missal e as hóstias. As basculantes das janelas ogivais, o gótico possível do clima quente, deixam entrar o rumorejo de pingos e goteiras do lado de fora, abafado vez ou outra pelos trovões longínquos. Conforme a capela esvazia de todo e Clemente acaba de acomodar os utensílios litúrgicos em sua maleta, percebe que Desidério termina de fumar um cigarro próximo da porta, alguns passos adentro para evitar os respingos da chuva. Dada a última tragada, joga

fora a bituca e põe as mãos no bolso, esperando a tempestade amainar. É possível notar que traz os olhos um pouco inchados, embora agora já secos. Ao longe, veem-se os últimos carros manobrando para ir embora, os faróis iluminando o interior da capela por alguns segundos. De maleta na mão, já sem a batina, Clemente se aproxima, hesitante.] Hoje pela manhã visitei o túmulo ainda inacabado de Abel. Imaginei que na segunda-feira era menos provável encontrar alguém da família no cemitério. Ainda não estou pronto para conversar assim, direta e pessoalmente com eles. Pretendo ainda me refugiar na solidariedade silenciosa e na polidez formal das frases usuais por mais uns dias, até conseguir oferecer algum alento real. Mal me contive no velório. Não aceitei o convite de padre Paulo por isto, por medo de não conseguir concluir a homilia. Recusei com a mesma polidez formal, alegando que o rebanho era dele e que o velório era em sua capela. Ele teve o tato de não insistir.

Clemente: *(com voz embargada)* Posso te dar uma carona se você quiser, estou de carro.

Desidério: *(virando-se, pego de surpresa)* Não preci...sa. Só estou esperando a chuva dar uma trégua para ir até o carro.

[Pausa. Os dois olham para o chão, sem saber ao certo como prosseguir.]

C.: *(suspirando de leve)* Ainda não parece que é verdade.

D.: *(já olhando para fora de novo)* É.

[Nova pausa. Trovão ao longe.]

C.: Ele era muito jovem.

D.: É.

C.: E ir de um jeito tão trágico...

D.: Sim.

[Nova pausa. A chuva engrossa.]

C.: Marta e os meninos estão arrasados.

D.: Imagino.

C.: Foi ela que encontrou Abel. No dia. Eles sempre levantavam juntos, mas ela costumava deixar a casa mais tarde, só depois de encaminhar o almoço e colocar o queijo na prensa. Disse que não consegue esquecer a visão do pé de Abel despenhando para fora da pilha de ferro e ração... Deve ter sido muito chocante.

D.: Puxa. Que merda.

[Desidério ainda está voltado para fora, levemente apoiado numa das cadeiras. Tenciona encarar a chuva, mas ela agora já é torrencial, então hesita. Teve uma consulta em horário avançado, a lama o retardou na estrada de terra, e foi um dos últimos a chegar. Seu carro está distante. Clemente está alguns passos atrás dele, no corredor que leva ao altar, e pensa num modo de tocar a conversa adiante.]

C.: (*de modo tateante*) Abel vinha falando muito de você ultimamente...

[Espera algum sinal de Desidério. Não recebe nenhum, mas prossegue.]

C.: (*espaçando as palavras*) ...Quase que invariavelmente da época do seminário...

[Nova pausa. Nenhuma reação de Desidério.]

C.: ...Quase sempre de um modo nostálgico...

[Mais um trovão, dessa vez um pouco mais próximo.]

C.: Acho que é meio natural da gente isso, né? Esse embelezar do passado...

[Desidério desencosta-se da cadeira, ainda voltado para fora. Com o indicador e o polegar, pressiona as pálpebras dos olhos fechados com a cabeça baixa. Fora um dia longo, uma semana longa. Clemente nota o movimento.]

C.: ...Usando a “pátina do tempo”.

[As palavras fazem Desidério cessar o massagear dos olhos. Ele levanta a cabeça, ainda de olhos fechados, ainda voltado para fora.]

D.: A montanha mágica, né?

[Clemente tem um pequeno sobressalto. A voz de Desidério coincidiu com um trovão.]

D.: (*grandiloquente*) “Quanto mais os fatos se distanciam do presente, mais corresponderão à sua qualidade essencial, e mais adequados serão ao narrador, esse mago que evoca o pretérito.” Consigo lembrar dessa merda até hoje. Devo ter lido esse livro umas dez vezes no seminário.

C.: (*exultante, mas contendo-se*) Exato. Exato.

[Segue nova pausa. Perdeu um pouco o aspecto sisudo dos silêncios anteriores.]

C.: Você se lembra daquela edição surrada de capa marrom do Círculo do Livro que tinha no seminário? Acho que passou mais tempo no nosso quarto do que na estante da biblioteca.

D.: Sim. Pois é. Mas metade daquelas estantes ficou no nosso quarto, né? Tu e o Saulo eram duas traças. Comiam livro com farofa.

[Clemente ri baixinho. Desidério se retrai novamente, encolhendo os ombros e se fechando. O silêncio volta a erguer-se, constringendo-os. A chuva não amaina.]

C.: “Chuva que Deus manda”, diria o Abel.

D.: É.

[Um novo trovão ressoa no interior da capela.]

D.: (*algo embaraçado*) O que exatamente o Abel andava dizendo sobre mim?

C.: (*escolhendo as palavras*) Lembrando coisas que a gente fazia na época do seminário. (*pausa*) Como atravessar o potreiro do Eusébio pra ir pescar naquele riachinho, lembra? Aquele que passava atrás do prédio abandonado da olaria. (*pausa*) Então, o Abel falou daquele dia que a gente foi cruzar e não viu que o Eusébio tinha posto o touro pra pastar lá. Ele riu um monte disto. Falou até que nunca tinha visto um manco correr tão rápido...

[Clemente parou de súbito. Achou que tinha posto tudo a perder. O defeito da perna de Desidério sempre fora um assunto delicado. Quando este ri, Clemente põe-se aliviado.]

D.: (*se voltando para Clemente*) Aquele puto não dizia “manco”. Ele dizia “alejado” mesmo, ou melhor, “alejado”, sem “i”. E falava

como quem constata, tranquilíssimo. *(pausa)* Eu gostava muito dessa sinceridade meio ignorante dele. Sem rodeios, sem falsa delicadeza, sem malícia.

C.: Sim. Ele tinha alguma coisa de infantil no modo de agir dele, não tinha? Não sei bem como definir, mas era algo assim, cândido...

D.: Lá vem você com suas teorias do Abel "bom selvagem", o elo perdido de Rousseau. *(ri)* Ele era meio "ignorantão", isso sim. Não falo isso por mal. Ele estava desligado de certas convenções que as pessoas usam, e por causa disso mesmo, se via livre de certos vícios que vêm junto. *(adota tom circunspecto)* Mas ele vivia pisando em ovos perto dos padres, dos pais, dos mais velhos, de todos os benditos santos e santas da igreja... Era só com a gente que ele ficava mais próximo desse jeito "cândido" que tu fala, pois de resto vivia esmagado pela obediência.

C.: Ele era humilde. Humilde na alma, no cerne mesmo. Sua natureza era assim. Não sei se era pura e simples obediência. O que ele tinha era um respeito profundo por todas essas figuras que você falou, um respeito de quase veneração. E aí, por causa da sua natureza mansa, da índole afável, algumas pessoas acabavam, às vezes, tirando vantagem dele. Usavam dessa combinação para lhe dar ordens e constrangê-lo.

D.: Tu tá pegando leve, tá embelezando a situação. Isso aí é a "pátina do tempo" que turva, não a que esclarece. Lembra quando a gente estava na casa do Abel e aquele tio dele chegou pra fazer uma visita? Acho que era Nicanor o nome. Estávamos nós três juntando as coisas pra ir pescar, naquele riozinho depois da olaria, aliás, e de repente, o Abel saiu todo esbaforido e de cabeça baixa para postar-se ao lado dos pais enquanto eles e o tio conversavam, feito um mordomo aguardando ordens.

Cumprimentou o tio de olhos baixos, quase como se fosse um beija-mão, e deixou a gente esperando até que o tal do velho resolvesse dispensar a presença dele. Isto não é humildade. Isto é subserviência. Os costumes da família do Abel eram muito rígidos e muito estranhos.

C.: As coisas eram assim mesmo por lá, e com a família toda. O tio que você mencionou, o Nicanor, estava ajudando o pai do Abel a conseguir legalizar uma parte do sítio por usucapião — o que ele fez também por outras famílias da região. Fiquei sabendo disto anos mais tarde. Devia se falar muito bem dele na casa do nosso amigo, e suspeito que havia uma gratidão enorme pela intervenção do tio junto à situação da família. O Abel podia ser meio “ignorantão”, como você disse, mas ele prestava muita atenção nas coisas. Acredito que ele tenha captado essa atmosfera e participava dela a seu modo. Meio atrapalhado, talvez, mas não deixava de ter sua sensibilidade própria, peculiar...

D.: Lá vem! Como é que você chamava isto mesmo? “Abertura casca-grossa ao sublime”. Era assim, né? Concorde que o Abel tinha uma sensibilidade muito particular, muito dele, mas querer transformar “reverência” e “gratidão” em obediência é forçar a barra. É desonesto. Não é em grande parte isso o que se vem fazendo há tanto tempo em tudo quanto é lugar?

[Clemente conhece aquele tom. Desidério fora sempre um bom debatedor, e tinha especial habilidade em desestabilizar o oponente com seu deboche e sarcasmo. Não quer irritá-lo, mas também não quer ceder. Taticamente, adota um acento moderado, conciliatório mesmo, para responder.]

C.: Sim, concordo. Essa é uma das pequenas grandes tragédias da vida, do homem, da História. Mas também não é tudo. As coisas não se resumem a isto.

D.: O que puseram nos ombros de Abel não foi uma “abertura ao sublime”, foi uma tendência existencial à sujeição, um servilismo, até. E note que uso “puseram”, porque isto lhe foi impingido, não é a “natureza” dele, como você diz. Ele não era assim até que o fizeram sê-lo. A criação dele o ensinou a deferir, a sentir-se devedor de algo, como se o mundo estivesse lhe fazendo um favor em deixá-lo respirar e andar. Isto era algo que me deixava furioso, porque ele era uma pessoa extremamente generosa e hábil, poderia fazer o que bem quisesse de si, não precisava ficar orbitando ao redor das ordens e caprichos dos outros, nem devia a eles mais do que respeito.

[Forte trovão, dessa vez mais próximo da capela, fazendo os caixilhos das janelas e porta tremerem.]

C.: “Respeito”. Esse é um termo bom. Abel tinha um respeito profundo, por tudo e por todos. Era isso que o fazia a criatura generosa de que você falou. A prontidão em pôr-se à serviço e a solicitude com que ajudava a todos. Ele se pressupunha na condição de alguém que pode e tem que ajudar, como dever moral, inclusive. Não ajudar alguém, acredito, era uma tortura para ele, muito mais do que contradizer sua própria vontade em nome de ajudar. Lembra o tamanho do esforço que ele fez quando aquele anu entrou no oratório? O teto era alto, e o bendito do pássaro insistia em se abrigar nas vigas lá em cima, batendo-se todo quando tentava encontrar a saída. A Dolores dizia que era mau sinal e a Salete sugeria o estilingue, mas Abel disse “não” e pendurou-se para alcançá-lo, arriscando uma queda perigosa no processo. (pausa) Por isso é que tinha tantas virtudes e é por isso que se tornava amigo de todo mundo: por nunca se enxergar acima de qualquer ocasião de ajudar. Essa humildade era a base de todo o seu respeito. Ele nunca estava acima de parar para ajudar alguém.

[Um vendaval começou lá fora, e logo espirrou uma cortina de chuva para dentro da capela, molhando o chão e as cadeiras. Desidério e Clemente apressaram-se em fechar as duas folhas da porta e as basculantes laterais. Vindo dos fundos da igreja para a porção dianteira, no rastro das janelas, chegaram à frente do altar, onde pararam.]

D.: Consigo até ver a parábola do bom samaritano desfilando na sua cabeça. (ri) Você novamente confunde as coisas. Dessa vez “respeito” e “humildade”, que você ignora serem decalques de uma subserviência que foi marcada à ferro nos modos de Abel.

C.: Você fala como se ele tivesse apanhado. Como se alguém tivesse batido nele até a vontade se quebrar e aí poder ser molhada a bel prazer. Não era assim. Os pais de Abel, e mesmo toda a parentela dele que conheci, todos tinham essa mesma rigidez e disciplina que você odeia, mas nenhum deles era violento com os filhos, nem mesmo agressivos entre si. Quando se reuniam, reinava até uma certa bonomia entre eles.

D.: Eu não estou falando de violência... Pelo menos não de violência física. Estou falando de outra coisa. A mim sempre pareceu uma forma de violência, mas uma de ordem filosófica, existencial. Nunca abstrata, no entanto. Ela era, aliás, muito concreta. Concreta demais. Nessa (*faz aspás com os dedos*) “humildade” encontrava-se um sentimento de dívida, como se estivesse sempre devendo um favor, e isso dava à palavra “dever” um peso diferente, porque era mais permanente. O “dever” que Abel tinha não era um compromisso que ele assumia diante das coisas, era antes um peso que aprendeu que devia carregar. E isso o fazia sofrer. Alguma parte dele se ressentia disso, tenho certeza. Esse é o ponto que me intrigava: por que ele aguentava? Por que ficava calado? Lembra aquela vez que o seminário recebeu a visita daquele bispo, Simão ou

Tadeu, sei lá? O Padre Eurico, se pavoneando todo, apresentou a horta pro bispo como se fosse obra dos padres. Eu estava ali por perto e o Abel também, como sempre, de cabeça baixa. Eu o vi fechar as mãos com força e pressionar o queixo contra o peito, como quem se segura, provavelmente indignado com a injúria. O “ajudar” e o “servir” tinham um peso apesar de toda a conformidade que ele quase sempre transparecia. Se ele fizera a horta, e se a fizera muito melhor do que qualquer um daqueles padres podia ter feito, por que ele não deveria se orgulhar disso? (*adota inflexão debochada*) Para não ceder à vaidade, esse pecado mortal? (*pausa*) Se era grande, por que tinha que se apeguar?

C.: Mas é disso que falo. Ele se enxergava pequeno diante do todo e assim não olhava por cima de ninguém. Esse apequeamento o impedia da vaidade, sim, e também da arrogância e do egoísmo. Por causa disso, ele atraía os outros para si. Pare e pense: com todo o seu silêncio, Abel amigava-se com facilidade às pessoas e as pessoas a ele. Ora, como conseguia isso? Por causa da sua generosidade de ações, pelo fato de que nunca era cedo ou tarde demais para esperar sua solidariedade. Lembra daquele aniversário do primo dele, que acabamos sendo convidados também? O que me recordo daquele dia é do Abel, praticamente um homem feito, brincando com as outras crianças de tentar chegar o mais perto possível dos ninhos de quero-quero e depois correr feito doido dos rasantes dos bichos. Não havia complacência da parte dele em relação às crianças, ele participou de fato da brincadeira. Ele não era “bom demais” para brincar com elas, assim como não era “bom demais” para negar-se a ajudar. Isso era sentido pelos outros, que o acolhiam como amigo. Ora, a empatia passa pela humildade.

D.: Ele era uma pessoa para se querer como amigo, sem dúvida. (*pausa, olhos perdidos*) O que me deixava furo é que ele tinha que ser tão “humilde” para poder ser amigável, como se fosse

um pedágio que ele entendia que precisava pagar. Parece aquele comportamento canino de deitar de barriga para cima, vulnerável e servil, para provar que não é uma ameaça. Se é preciso ser tão “humilde” para ser amigo de alguém, até que ponto se pode dizer que essa relação é de amizade mesmo?

[Segue-se um silêncio. A pergunta de Desidério não é um trufo retórico, era uma questão genuína. Clemente notou, mas não sabia responder sem ter de soar condescendente ou moralista, então calou-se. O vento rugia lá fora, assobiando pelas frestas da madeira velha da capela.]

D.: Ser um filho da puta egoísta não serve pra cultivar amizade nenhuma, isso é certo. Não questiono. Mas ter de se dobrar aos outros o tempo todo, castrar-se a si mesmo das próprias vontades, tudo isso me parece um preço muito alto a se pagar...

C.: Mesmo contra a solidão?

[Silêncio. Desidério remói o que Abel lhe dizia nas consultas.]

D.: Não sei. (*pausa*) Não sei mesmo. (*pausa*) Acho que sim. (*pausa*) O que me incomodava no modo de ser de Abel era a presteza com que se anulava em nome dos outros. Isso devia fazer muito mal a ele. Praticamente tudo o que você lhe sublinhou no comportamento — que é o que você sublinha desde a época do seminário — é o que ele faz, fazia, pelos e para os outros. Nunca para si. Ele era pelos outros...

C.: (*interrompendo*) Escute essa frase: “Ele era pelos outros”. Não é linda?

D.: (*enfático*) Não! É terrível!

C.: (*incrédulo*) Ora, mas como?

D.: Quantas vezes não deve ter ele se abnegado para cumprir desígnios alheios? Quantos desejos não suprimiu para acatar às vontades dos outros? Essas sublimações não desapareciam assim, simplesmente. Eram engolidas, acumuladas no íntimo dele. Abel as carregava consigo, e pesavam-lhe, deviam pesar-lhe. Muito.

[Clemente lembra da confissão e refuta mentalmente o comentário de Desidério. Mas não consegue deixar de pensar que o pecado mal nomeado de Abel talvez tivesse ali sua explicação.]

C.: Você exagera. Abel era uma alma boa, que devia ter seus tormentos como todos nós, mas sua humildade não era seu vício ou a causa dos males que devia ter. Antes, era sua virtude. Sua disposição em ajudar o próximo não era o problema.

D.: Não adianta, né? Pra você ele sempre vai continuar sendo esse protótipo de mártir. Era isso que tornava ele tão adequado à religião, não é? Ele preenchia todos os requisitos. Era o cordeiro perfeito. *(irônico)* Aprendeu direitinho a catequese do "ofereça a outra face"...

C.: *(adotando maior gravidade)* Ele era uma criatura temente a Deus, sim. Ele tinha uma natureza dócil, sim. Qual é o problema aí? A ligação entre essas duas coisas talvez favorecesse nele a transcendência, a abertura dele ao sublime do existir, da Criação. Assim sempre me pareceu. Ele deveria ter simplesmente renegado isso? *(pausa)* Você comentou da visita do Bispo Simão ao seminário. Pois bem, deixe eu te contar o que vi nesse dia. Uma missa foi celebrada pelo Bispo para os seminaristas. A homilia daquele dia foi sobre a bondade e a misericórdia de Deus, e, você deve se lembrar, o Bispo era um grande pregador. Eu tinha ido à biblioteca mais cedo e me atrasei um pouco para a celebração, de modo que tive que sentar num dos últimos bancos. Desse lugar, pela porta traseira, eu via para

fora da igreja, e lá estava Abel, varrendo folhas. Esse era um serviço que ele fazia pela manhã, jamais ao entardecer, como era na hora da missa. Ou seja, ele veio varrer para poder escutar. Supondo-se sozinho, ainda mais na penumbra da noite, pôs-se a ouvir a missa com aguda concentração, mexendo a vassoura de modo mecânico. Acho que ninguém no interior da igreja acompanhou a missa com tanta atenção quanto o Abel. Eu o vi embevecido pela pregação, exultante com os cânticos, até mesmo se ajoelhando na hora da preparação das ofertas. Era uma espécie de transe, tinha alguma coisa de místico ali. *(pausa, Clemente levanta os olhos para o altar)* Você falou em se diminuir, em se apequenar. Ora, talvez isso fosse o que transparecesse no exterior, ou num plano mais tático e imediato, porque o que ocorria com Abel era exatamente o contrário: era uma elevação. A pequenez que você diz que ele tinha era a pequenez de alguém que se põe diante da grandeza de todo o resto da Criação, e ao fazer isso, sente profundamente, genuinamente, que faz parte desse todo. Como se uma energia comum os animasse, e que o tornava, como parte disso, grandioso, parte de algo enorme, colossal. Insistir na afirmação de si nessa hora seria de uma mesquinharia vil. Esta sim poderia ser chamada de apequenamento. *(pausa, retoma sereno)* A impressão que tenho, e que tinha desde a época do seminário, é que a sensibilidade de Abel repousa, repousava, nisso.

[Um trovão retumba forte, como se duas chapas de lata tivessem colidido e se estilhaçado no céu. A capela treme. Cai a energia e tudo fico envolto numa escuridão, que só não é absoluta por conta dos relâmpagos.]

D.: Caramba, que temporal!

[Clemente tateia até o altar, guiando-se pela luz episódica dos relâmpagos até achar a caixa de fósforos. Risca o palito e acende a vela que tinha usado na celebração, fixando-a num pratinho

com a cera derretida que pingava. Terminada a operação, pousa o pratinho no degrau de madeira que separa o patamar do altar daquele do resto da igreja, sentando-se ao seu lado.]

D.: Tu lembra daquele pilar do paiol que o Abel esculpiu com uma talhadeira e um martelo? A talhadeira era pesadíssima, e o martelo também. E mesmo assim, ele conseguiu, não sei como, talhar daquele jeito cuidadoso, arrancando da madeira rústica uma forma delicada. Aquilo lá era sensibilidade. Eu me recordo que quando ele resolveu mostrar pra gente (algo que ele deve ter debatido muito consigo próprio antes de decidir fazer, aliás), nós ficamos em choque. Foi como se a gente estivesse diante de uma relíquia.

[O pilar esculpido havia escapado à memória de Clemente até aquele momento. A lembrança lhe atingiu em cheio.]

C.: Nossa! É verdade! O rosto que ele esculpiu lá era lindo mesmo. Parecia uma daquelas figuras bizantinas, magras e alongadas. Quase um sudário...

D.: Sim, lembro que tinha uma pintura nesse estilo no oratório do seminário. Era a reprodução de um mosaico, devia ser bizantino mesmo. E eu lembro que a bíblia da casa do Abel tinha umas páginas com gravuras desse tipo no meio. O rosto do pilar tinha uma expressão de sofrimento, contorcido pela dor. O Abel disse que era Jesus, e faz sentido, porque o seminário tinha uns crucifixos medonhos, com aquele esgar de agonia.

C.: *(embevecido)* Pois é. Lembro dos olhos quase fechados da figura, pra mim a parte mais marcante. Era como naquela estética chapada das figuras sacras medievais, em que não tinha um jeito preciso para expressar a dor agônica. A solução era fazer aquelas duas meias-luas caídas, com a íris do olho cortada pela metade e colada na parte de cima, como que prestes a

perder a consciência por conta do flagelo. Aquele Cristo do Abel estava prestar a expirar.

D.: De fato, era um troço poderoso. E veja: ninguém ensinou aquilo pra ele. Ele deve ter experimentado várias vezes, em vários lugares, mas deve ter queimado as tentativas, ou as escondeu muito bem. Tanto que o Abel escolheu pra talhar aquele pilar lá do fundo, bem escondido, onde ninguém costumava ir, como se fosse alguma coisa que ele não devesse estar fazendo. Se esse troço que você chama de “abertura casca-grossa ao sublime” for isso mesmo, ele é que estava na natureza do Abel, e não outra coisa. A sensibilidade dele não veio (*sublinha vocalmente*) por causa da sujeição, nem da humildade. A sensibilidade dele existiu (*novo sublinhar vocal*) apesar da sujeição e da humildade. A ponto de ele esconder esse algo que ele tinha feito.

C.: Você há de convir que ele não seria o primeiro artista receoso de mostrar sua obra. Essa timidez, creio, é enfrentada por quase todos. Não se lembra dos seminaristas mais velhos que nós, tremendo todos na hora de fazer seus votos?

D.: Não é disso que estou falando. Abel não era um Aleijadinho pudico. O que estou dizendo é que todo esse mundo em que ele cresceu, com família a um passo de depender da caridade dos outros, nesse sistema de rigidez doméstica, de deferência familiar, numa fé tomada pela hierarquia do mando e da obediência, tudo isso tomou a forma de uma canga que foi posta nos ombros dele. Tornar-se “humilde” foi o modo dele de evitar ser dobrado de um modo mais agressivo. É como... como... como se ele tivesse constantemente uma culpa a ser expiada. Isso! Era isso que o fazia proceder como se devesse um favor. Exato! É isso mesmo: Abel vivia como culpado, culpado do pecado da ingratidão por esse pretense favor, e assim existia como se já estivesse no Purgatório, procurando expurgar esse pecado.

C.: Você exagera. E você também esquece que ele era um cristão. Deus deu-nos a vida e a essa dádiva cabe a gratidão.

D.: Cobrar-lhe gratidão não era somente um modo ritualizado de exigir-lhe obediência? Fazer pressupor culpa não é somente uma forma, muito eficiente, aliás, de castrar e domar, de tornar dócil? Isso tem alguma coisa a ver com Abel julgar que deveria esconder sua obra? Ou de ter escolhido para esculpir justamente aquela figura?

[Clemente conhecia aquelas palavras. Aquela carga filosófica de Desidério já era praticada na época do seminário. Resolveu não arriscar uma resposta. Ao menos por ora.]

D.: Na cadeia de obediências em que ele vivia, com sua complexa mecânica e hierarquia, o divino não era somente o último elo? O definitivo? A culpa era a borracha com que Abel buscava apagar-se, diluir-se na criação, diz você. Existir e servir eram praticamente a mesma coisa a seus olhos, tamanha a castração a que foi submetido. Quando a culpa arrombou seu espírito e se instalou no seu íntimo, não havia mais para onde fugir. A gratidão, a humildade, os ombros acabrunhados, tudo isso era só um modo de dourar algemas e correntes.

C.: (*buscando contemporizar*) Você esquece o senso de comunidade da religião, torna isso algo menor, como se não tivesse importância capital. As graças e o pecado são elementos importantes na fé, mas...

D.: (*interrompendo irritado*) E isso quer dizer o que, exatamente? Que somos máquinas de dizer "desculpa" e "obrigado"? Você não sabe que o Abel...

[Mais um trovão irrompe. Desidério percebe que na sua irritação estava prestes a revelar informações sigilosas das consultas de

Abel. Então cala-se. Não sabe se a confidencialidade “médico-paciente” tem validade póstuma, mas não quer violá-la.]

C.: Você parece não querer compreender a importância coletiva desses rituais. Por que você gostava tanto do livro de Thomas Mann, hein? Por que sentia uma ligação tão profunda com o pobre do Castorp? Esse é o elo-chave aqui.

[A luz amarelada da vela bruxuleia com o vento que passa pelas frinchas da madeira. Desidério se aproxima do lugar onde Clemente está sentado e observa como a luminosidade do pavio, ao rés do chão, cria sombras esticadas à menor saliência no relevo da tábua. Nota que duas marcas redondas se destacam ali, mais fundas e lisas que o resto da madeira do degrau. Estando no fim do corredor que leva ao altar, se dá conta de que é ali que as pessoas se ajoelham para receber a hóstia.]

D.: (*indicando as marcas*) Vê essas pequenas depressões? (*pausa*) É disso que estou falando: elas estão aí porque cada pessoa que aí ajoelhou trazia sobre os ombros o enorme peso da culpa. Porque vinham carregados dos pecados que lhes puseram na cabeça e no coração, impossíveis de evitar. Seus joelhos foram pouco a pouco escavando e lustrando a madeira. Abel fazia parte dessa fieira de sofredores.

[Clemente surpreende-se com a delicada eloquência de Desidério, mas sente que precisa responder.]

C.: Talvez assim lhe pareçam. A mim constituem evidência da veneranda importância desse lugar, dessa instituição. Uma única pessoa não daria conta de criar essas marcas de ajoelhar-se em tão pouco tempo. Essa capela está desgastada, mas não é antiga. Foi preciso que várias pessoas estivessem dispostas a ajoelhar-se nesse mesmo lugar para que ele ficasse assim marcado. É preciso algo muito forte para despertar essa

disposição. Essas pequenas depressões são o rastro de um rito coletivo, atestam a magnitude dele, demonstram sua relevância pela comunidade que conseguiu congregar ao seu redor.

[Desidério não esperava a réplica. Fora pego de surpresa. Ficou contrariado e irritado com isso. A demora em responder sinaliza a Clemente que ganhara um ponto.]

D.: (*com malícia*) Eu já devia saber que você faria de tudo para preservar a pretensa pureza das suas crenças. Não te impediu antes, não ia ser agora.

C.: (*sem entender exatamente a insinuação, mas entendendo o tom*) Você diz que eu só consigo ver Abel como um esboço de mártir. Pois bem, você só consegue vê-lo pelos olhos da sua revolta. Usa ele como cavalo de batalha nessa cruzada contra suas próprias frustrações.

D.: (*erguendo a voz*) Vá se foder! O que você sabe, seu hipócrita de merda? Quem te vê agora pode até pensar que você é um crente de marca maior, o Senhor “Eu-sempre-soube-da-minha-vocação”. Mal sabem eles que mentiu sobre ser carola pra poder escapar do batente.

[Clemente está estupefato. E muito ofendido.]

C.: (*voz igualmente alterada*) Deus não te deixou manco, Desidério! Largue mão de ser imbecil! Ele não quis pregar uma peça em você, te ensinar uma lição. É muita presunção da sua parte achar que as engrenagens do universo se moveram para você sofrer. Sinto muito que você tenha sido obrigado a se conformar com as opções que te restaram.

D.: (*gritando*) Filho da puta! Vou te dar a surra que devia ter te dado há muito tempo!

[Derrubando uma cadeira, Desidério arremete rumo ao altar. Clemente se ergue do degrau, atônito.]

C.: (*enraivecido*) Imbecil!

[Um trovão estoura muito próximo. Tão perto que a capela vibra, reverberando em seu interior o estouro lá de fora. As portas são escancaradas pelo vento forte, e batem contra a parede. O sopro de ar úmido apaga a vela na frente do altar. Aturdidos pelo barulho e pela escuridão, Clemente e Desidério estacam onde estão. Este desiste de sua investida e caminha para fora da capela pelo corredor central; aquele o assiste do altar, ainda presa do choque de adrenalina. Uma trégua momentânea dos trovões faz com que se ouça os tacões do sapato de Desidério batendo irregularmente na madeira, ecoando, até que o rosnado da escuridão molhada o engula, fazendo-o sumir.]

IV. DESIDÉRIO

30/01/2010

Querido diário, o Clemente é um filho da puta. E eu, um idiota.

Eu tenho que rever o que fiz exatamente, para entender ao certo como fui acabar conversando com ele, ainda mais depois de ter feito um pacto comigo mesmo de não perder mais tempo com essa história. (Ele aproveitou minha guarda baixa por conta da morte do Abel. Típico do Clemente mesmo). Tenho que repassar os eventos pra encontrar onde começou a minha idiotice, onde comecei a fazer merda.

Bom, se for pra começar a entender onde fiz merda mesmo, eu provavelmente teria que recuar para o ano que antecede o seminário, porque o seminário faz parte da merda. É consequência direta dela, aliás.

Pois é. Senta que lá vem história.

Eu só fui parar no seminário porque meus outros, digamos, planos de carreira acabaram dando errado. Meu sonho sempre foi ir para o Exército, para as Forças Armadas, ser soldado. Para desespero do meu pai, que sempre fez mais o tipo pacifista, por assim dizer.

Ele serviu o Exército quando tinha dezoito anos, no período mais sinistro da ditadura, o que provavelmente contribuiu para que ele tivesse desenvolvido uma visão pouco favorável do universo militar. Somente mediante muita insistência minha ele contava episódios do período em que esteve no quartel. O que pra ele eram relatos de horror, com batidas escusas em bares mal afamados e operações de segurança pouco ortodoxas (e muito questionáveis), pra mim eram relatos aventureiros de bravura.

Éramos muito diferentes, eu e ele. Mas, por sorte, ele gostava de cinema e minha cidade tinha uma videolocadora xumbrega, então tínhamos os filmes de guerra como um terreno comum. Enquanto o cinema hollywoodiano digeriu a Guerra do Vietnã, nós consumíamos essa digestão como um programa de pai e filho. Eu apontava a estratégia e a abnegação dos soldados e ele sublinhava a tragédia da coisa toda. Lembro da gente indo assistir Rambo. Vibramos ambos: eu pelo troço do “soldado-máquina-de-guerra”, ele pela denúncia do absurdo da guerra. Foi somente anos mais tarde que eu entendi por que ele desgostou tanto do segundo filme, enquanto eu tinha adorado cada cena.

Divago.

O ponto é que eu, encantado pela vida militar, tinha decidido declarar-me voluntário quando do meu alistamento.

Ainda que “a crise econômica tenha atingido até a vocação militar do governo”, como disse meu pai, e que as convocações tivessem diminuído por conta disso, eu havia me informado sobre as melhores zonas militares para me alistar. Havia uma grande chance de que eu fosse chamado se me alistasse num dos municípios vizinhos, uma vez que encontravam-se dentro do raio do que se chamava de zona de fronteira, o que significava convocações permanentes. Além disso, eu era saudável e bem constituído, com um porte mais para parrudo do que para franzino — atlético, até, ousado dizer. Não havia motivos para uma reprovação no exame físico.

Escrevo “havia” uma grande chance de eu ser convocado porque nunca houve, de fato, ou eu nunca pude atestar isso, porque a merda chegou antes: eu caí de uma árvore brincando de soldado (eu era o Rambo, claro, amarga ironia!) e quebrei uma perna. Uma fratura considerável, combinada com um erro cirúrgico e eu acabei ganhando de presente uma perna mais curta que a outra.

Meus sonhos foram pro ralo. Quem é que ia querer um soldado manco? (Se aquele puto do Clemente me ouvisse ia querer falar daquela merda de fábula do Soldadinho de Chumbo, tenho certeza).

Meu pai se preocupou comigo, foi quem me levou ao hospital no dia do acidente e quem primeiro anteviu as consequências dele, mas a minha impressão é que no fundo sentiu um alívio pelo fato de que o filho não ia ter de passar pela mesma experiência que ele. Suspeito que aquilo tudo era, em sua visão, uma desculpa providencial.

Aguentei resignado a hospitalização, as injeções, os exames e, já em casa, todos os desconfortos de alguém com um membro inferior imobilizado. Meus tios e vizinhos elogiavam minha fibra, tomando-me por um sujeito durão. A verdade é que eu estava completamente absorto na frustração de ter estagado meus projetos de ir pro Exército. As visitas mais perspicazes entendiam o motivo de meu silêncio e asseguravam que ia ficar tudo bem, que “logo, logo” as coisas voltariam ao normal. Mas eu sabia que era mentira.

Achei que era o fundo do poço de merda, mas não era.

Na minha família eu era o terceiro filho, e meus dois irmãos mais velhos tinham se integrado no escritório de contabilidade em que meu pai trabalhava e era sócio. Era uma firma pequena, mas com clientela já estabelecida, e como o Pestana, o outro sócio, era um solteirão convicto, ele não conseguiu encontrar nenhuma objeção cabível ao nepotismo do meu pai. As manobras empregatícias dele eram recebidas com celebração lá em casa, de modo que eu temia ser aquele o único

destino que me sobrara: seguir, mancando, os passos da tradição familiar de jóqueis de escrivania.

Não que meu pai fosse uma figura impositiva ou autoritária, estava mais para o oposto, inclusive. Porém, sabia ser persuasivo a seu modo, operando uma gaiola sentimental de culpa e chantagem velada que sabia muito bem armar. E eu era a presa perfeita desses ardis, pois costumava me importar muito com as expectativas dele e da minha mãe. (Quanto anos de prática psiquiátrica levei pra me dar conta dessa merda?).

Eu sabia que, diante do naufrágio dos meus planos militares, era uma questão de tempo até meu pai aparecer com a proposta de me tornar "o boy do escritório" (ele e o Pestana insistiam em chamar o cargo desse jeito), como havia feito com meus irmãos. Ficar em casa, portanto, era ter de escolher entre conformar-se com os desígnios de meu pai ou entrar numa longa e tormentosa batalha edípica de culpa, ingratidão e chantagem. Se o segundo cenário era o pior, poucas coisas me deixariam tão desgostoso quanto ter de aceitar o aparente destino contábil dos varões de nossa família.

Provavelmente por isso é que eu gostava tanto do Castorp do romance do Thomas Mann. Ah! Agora me lembro! Foi com um trecho do romance que acabei indo conversar com o filho da puta do Clemente. Ele jogou a isca, aquele...

Calma. Uma merda de cada vez.

Na maioria das vezes, minha mãe era cúmplice das armadilhas éticas que meu pai armava. Não sei se eles combinavam antes entre si ou se estavam já em tamanha sintonia que simplesmente improvisavam a coisa toda na hora. Eu sabia que dela não viria grande ajuda quanto a dissuadir da proposta que, eu sentia, estava cada vez mais perto (ainda mais porque ela via com bons, não, excelentes olhos as iniciativas empregatícias do meu pai). Mas havia uma exceção que eu sabia que ela não conseguiria ignorar, em nome da qual estaria disposta, inclusive, a desafiar o marido se necessário: a vocação religiosa.

Eu nunca tive grandes inclinações religiosas, pra ser franco. Íamos à igreja quase toda semana, isso sim, e fazíamos um intensivo na Semana Santa. Como eu gostava de ler, já tinha dado conta da bíblia, e volta e meia me interessava por alguma daquelas questões religiosas cabeludas, como a transubstanciação ou a natureza dupla de Jesus, mas não me considerava uma pessoa com sentidos religiosos ou místicos aguçados (ao contrário de minha mãe, que era uma papa-hóstia de marca maior).

Embora o prospecto de uma vida como padre nunca tenha estado no meu horizonte de perspectivas, ele de repente se tornou uma possibilidade interessante, talvez bastante desejável, inclusive. Antes o seminário que a infâmia de manquitar pelos bancos e cartórios da minha cidadezinha. A qual, aliás, oferecia poucas ocupações em que um coxo pudesse se estabelecer, sobretudo se o coxo em questão nem curso superior tivesse, campo este em que essa mesma cidade também não podia ajudar, pois não dispunha de universidades.

O celibato não chegou a ser uma de minhas preocupações, pois como estava ainda no auge da adolescência (e, por consequência, das inseguranças), eu acreditava que a perna manca já havia me tornado à força um celibatário. Na minha cabeça, menina nenhuma ia querer um namorado para mancar de mãos dadas pelo parque.

A verdade é que eu estava disposto a muita coisa para evitar acabar detrás de uma escrivania e ser rebocado diariamente pelo meu pai ao trabalho, sentadinho cordato no banco de trás da nossa Brasília vermelho-fórmica. Estava disposto até a fazer crer que meu acidente fora uma espécie de revelação para mim, uma conversão quanto a alguma suposta missão religiosa que eu tinha. (Escrevendo isso até me sinto mal, porque pareço um filho da mãe dum maquiavélico, manipulando a boa-fé dos outros, mas não era, eu gostava bastante das histórias da bíblia e sempre prestava bastante atenção nos sermões da missa. Fazer aquilo da vida não parecia algo ruim).

Tão logo eu calibrei minhas expectativas à vida monástica, tratei de convencer a todos de minha pretensa iluminação. Reli a bíblia com atenção redobrada e passei a me concentrar de modo sincero nas reflexões religiosas que eram levantadas nas missas e nos cultos. Até passei a ir à igreja junto com a minha mãe durante a semana. Tratava-se de um esforço de persuasão coletiva, mas, se me lembro bem, vim a descobrir que aquilo não me desagradava, inclusive porque eu provavelmente conseguia fazer aquilo melhor que a maioria dos padres e pregadores que eu conhecia, que não sabiam (leia-se, não queriam) ir muito além do moralismo mais tosco.

Minha mãe notou a mudança. E ficou feliz. Passamos a ter mais assunto pra conversar e como eu a acompanhava à igreja frequentemente, me integrei de modo mais intenso ao seu cotidiano. Quando lhe comuniquei meus planos de ordenação, ela ficou encantada. Na sua escala de valores, a batina ultrapassava em muito a camisa social e a gravata, o púlpito estava anos-luz à frente da escrivaninha. Não posso mentir, senti culpa com essa fascinação de minha mãe, e levei suas expectativas na mala quando parti. Só me acalmava o fato de que eu realmente pretendia fazer-me padre, a despeito dos caminhos tortos que minha vocação tinha trilhado.

Ao fim do último ano escolar, já estava tudo arranjado. Meu pai custou a se conformar com a decisão, mas estava desarmado contra o fervor religioso da esposa. Despedi-me de todos, dei (mentalmente) banana pro escritório e parti para o interior do estado, a uma distância considerável de casa, para aquela aventura vocacional.

Acho até que foi isso que acabou por me aproximar daquele filho da puta do Clemente: estávamos ambos em busca da nossa vocação. Enquanto outros seminaristas, e mesmo nossos colegas de quarto, pareciam estar muito certos de sua escolha, nós dois tínhamos essa hesitação, essa incerteza. Demorou um pouco para que percebêssemos isso um no outro, mas uma vez notada essa falha comum, tornamo-nos cúmplices.

A diferença, bem mais fácil de notar agora do que na época, é que o Clemente tinha muito mais medo de admitir isso para si mesmo. Não gostava de falar das circunstâncias em que “ouvira o chamado” (o padre Alencar adorava essa cafonice) e era sempre muito reticente quanto a explicar seus motivos de estar no seminário. Das coisas que lembro de ele ter dito sobre o assunto, duas sempre se destacavam: a atividade agrícola da família (que ele queria evitar) e o gosto dele por ler e estudar (que ele queria esticar para além do período escolar). Além destas, outras coisas eu acabei triangulando com o tempo: a família era devota (de modo que o seminário era opção mais cabível que um curso superior), havia uma certa sensibilidade estética em Clemente (e a religião estava cheia da plasticidade que ele não encontrava no seu cotidiano), e a fé cristã apelava filosoficamente à índole dele (Clemente era muito cordato, muito afeito à ideia de sacrifício que está na medula da religião).

Talvez ele não conseguisse admitir essas coisas porque lhe pesasse a culpa por não ter engolido suas aptidões particulares em nome de engrossar a messe de campônios de sua família (quatro irmãos e três irmãs, todos ligados ao campo). Talvez ele tivesse qualquer inclinação casadoura que eu desconhecia. Talvez, até, ele vivesse atemorizado de ser tachado de bicha se externasse o fascínio estético que sentia em relação a tudo o que cercava os ritos. Qualquer que fossem as razões exatas para que Clemente abreviasse os momentos em que se tocava no assunto do “chamado”, o fato é que ele compartilhava de minhas angústias quanto a talvez sermos uns farsantes.

Se nos irmanavam essas dúvidas, nos distinguia o modo com que as encarávamos. Nenhum de nós se sentia à vontade para revelá-las aos demais, mas muitas vezes o Clemente insistia em bancar o convertido mesmo para mim, e isso me deixava enfurecido. Ele tentava convencer-se a si mesmo de que tinha uma vocação porque não tinha condições de lidar com a possibilidade de que talvez não tivesse. Em outros termos:

mentia para si do mesmo modo que mentia para os outros. Eu não estava em condições de julgá-lo pelo segundo pecado (eu próprio não era santo), mas quanto ao primeiro, bem, esse era uma estupidez, e eu procurei fazê-lo se dar conta disto.

De que adiantava essa manobra? Mais hora, menos hora ele ia dar com os burros n'água. Ninguém consegue mentir para si próprio por tanto tempo. Criar uma mentira e habitá-la implica limites, pois o que de início pode parecer uma casa, é na verdade uma gaiola. Mas o Clemente era covarde demais, cordato demais, cagão demais para encarar de frente essa verdade. Mudava de assunto toda vez que eu o pressionava para tentar mudar seus procedimentos e sua conduta, e acho que só não deixou de ser meu amigo porque eventualmente tinha suas recaídas de fé e eu era seu único confidente. Estas se davam quase sempre depois dos telefonemas de casa, quando devia sentir-se o pior dos seres humanos. (Pensando bem, talvez ele só tenha permanecido meu amigo porque tinha medo de que eu o difamasse como incrêu para o resto do seminário... Se for isso, mais um ponto pra coluna da "covardia"...).

Provavelmente envergonhado pelas minhas investidas em nome da sinceridade consigo próprio, ele começou a necessitar de menos desabafos. Suas recaídas de fé começaram a se espaçar mais entre si. Eu não soube dizer se ele era um caso perdido ou se aquilo era um sinal de amadurecimento. O que sei é que se aboletou no alto de sua fé e encontrou um modo de conciliar sua fruição "mais estética" da religião com as demandas propriamente vocacionais, desenvolvendo uma certa devoção que podia até enganar os outros, mas não a mim.

A essa altura, mais de um ano se passara. Não éramos mais novíços. Tínhamos agora incumbências mais sérias, passamos a fazer parte de pastorais, os compromissos espirituais se tornavam mais sérios, cada vez menos contornáveis. Eu continuava com minhas dúvidas (apesar de gostar dos novos deveres de contato com as pessoas), mas Clemente decidiu que ia continuar na sua campanha de supressão de dúvidas e

de conversão interna. Começou a evitar esse assunto de modo mais enérgico, dizendo inclusive que havia “se encontrado”, e que eu deveria tentar “me encontrar também”. (Eu odiava essa mania de rodeio do Clemente, essa aversão neurótica dele a qualquer tipo de conflito. E era uma pena, porque ele tinha um bom traquejo para o debate. O problema é que o assunto tinha que ser etéreo o suficiente para que ele sentisse que não estava ofendendo nenhuma sensibilidade. Em outras palavras, a não ser que se estivesse debatendo o sexo dos anjos, ele tendia a adotar essas fórmulas tão polidas quanto vazias para se livrar das arengas).

Algum tempo depois é que veio a Sexta-feira Santa em que esse filho da puta me rifou em nome da pureza de sua fé. Esse foi mais um estágio da merda.

Eu e ele tínhamos conseguido ser pegos com uma *Playboy* debaixo do colchão, o que nos ocasionou um problema enorme, mas, para resumir a história, ficou decidido que a nossa punição seria fazer a vigília da madrugada de quinta para a Sexta-feira Santa, naquelas horas em que mais ninguém queria ficar (nos castigavam mandando adorar Jesus! Vai entender a lógica daqueles padres).

Pra preservar a sinceridade desse relato de frustração, para ser coerente com os conselhos que eu mesmo dou aos meus pacientes, preciso dizer que a tal revista era minha, não do Clemente. Mas, como ele tinha seus próprios ideais de sacrifício (e também porque provavelmente se sentia culpado de fingir não ter me visto na biblioteca mais cedo), resolveu assumir a coautoria da infração. Os nossos dois outros colegas de quarto acabaram entrando na conta do castigo, meio que se declarando culpados também, o Pedro e o Saulo. (A coisa dos nomes até seria engraçada se metade da população do seminário não fosse formada de Josué, Tomás, Moisés e afins, de modo que situações alusivas como esta acontecessem o tempo todo).

Divago.

A punição, administrada pelo odioso padre Abraão, que dera o flagrante, me pareceu mais vingativa do que justa. (O tal "monsenhor", sabedor do oco de seu título, achava que toda ofensa era contra si, punindo todas com exagerado rigor.) A mim pareceu que a sentença merecia algum tipo de reparação para que as balanças se equilibrassem. Não havia modo de fugir ao castigo da vigília (palavra de padre era decreto no seminário), mas havia algo para amenizar o frio que aquela noite prometia. O seminário todo sabia que o "monsenhor" tinha um fraco por licor, e que possuía algumas garrafas da bebida em seu gabinete. O que resolvi fazer foi subtrair uma delas (uma daquelas bem bojudas) para manter-nos aquecidos e agradecer aos meus solidários comparsas pela culpa partilhada.

Não foi difícil deitar mão na garrafa de licor, bastou criar uma distração simples à frente do seu gabinete para tirá-lo de lá por tempo o suficiente. Alguns dias depois, estávamos eu, Clemente, Pedro e Saulo na capela escura, às três da madrugada, passando a garrafa de licor de mão em mão. Dado o horário, estávamos sozinhos, e como a capela ficava a certa distância do dormitório, não precisávamos nos preocupar com os ouvidos enxeridos de algum insone.

O Clemente recusou-se a tomar parte nos nossos brindes, ou pelo menos por um tempo. Até tentou puxar algumas ladainhas, iniciar o terço, começar os pai-nossos e as ave-marias, mas acabou por desistir. Foi vencido. O Pedro e o Saulo, talvez por estarem certos de sua vocação, não acharam que um pecadilho daqueles iria os desencaminhar, então desde logo tomaram parte no festim (aposto que, confiantes na misericórdia divina como eram, sabiam-se perdoados de antemão).

Assim, Clemente viu-se isolado. E logo foi acochado por nós três para incorporar-se à roda de licor. Uma parte da natureza dele conspirou contra a outra naquela noite. De um lado, Clemente era das últimas pessoas que você pegaria bebendo de uma garrafa roubada e contrariando uma ordem direta do seminário, pois era um seguidor de regras nato (desse ponto de

vista bastante parecido com Abel). De outro, essa mesma passividade de índole o tornava muito suscetível a pressões como aquelas que lhe impusemos, falando em coro e de modo ritmado: “Bebe! Bebe! Bebe!”. O resultado é que a segunda parte da natureza dele venceu, pela urgência criada pela situação, e o Clemente bebeu.

Bebericou o primeiro gole de leve. No segundo, foi mais ousado. E ainda mais no terceiro. Em apenas algumas rodadas, estava enturmado, falante, expansivo, naquela embriaguez adocicada do licor que aquecia o interior gelado da capela.

Desinibido e sem o rigor de modos que costumava ter, Clemente parecia até outra pessoa. Confidenciou-me coisas que o atormentavam, da predileção que os pais pareciam ter por seus irmãos, das suas dificuldades de dizer não aos outros, da paixãoite que tivera pela professora de Língua Portuguesa. Foi do mais sério ao mais piegas, e não tenho razão alguma para duvidar de qualquer uma delas. Acredito que estava sendo absolutamente sincero em tudo o que dizia.

Como o Pedro e o Saulo estavam encostados no sacrário, atrás do altar, não ouviam as lamúrias confessionais de Clemente. A garrafa estava com eles, então é bem provável que estivessem bem mais bêbados que nós, talvez mesmo desfalecidos.

Na resumida odisseia de desventuras que Clemente despejava sobre mim, ele chegou num ponto em que adotou tom grave, empertigando-se todo e dizendo que precisava me dar um conselho, porque gostava muito de mim e só queria o meu bem. Estávamos sentados no degrau abaixo do altar. Ele pôs a mão direita sobre meu ombro e, olhando-me nos olhos, disse sem o menor rodeio: “Acho que você deveria deixar o seminário”. Eu não esperava aquilo. Especialmente não do Clemente, que jamais me diria uma coisa daquelas, ou pelo menos não sem antes tecer uns duzentos “senões” e “veja bens”. Eu, que também estava bêbado, fiquei em choque. Um constrangimento tão profundo tomou conta de mim que não consegui manter o olhar de Clemente. Desviei os olhos para o chão à minha

frente, enfiando a cabeça entre os joelhos. Me retrai, humilhado, como se uma sentença tivesse caído sobre minha cabeça.

O conselho do Clemente me atingiu de vários modos, todos eles dolorosos. De uma só vez, ele parecia dizer que queria que eu fosse embora e que eu não era bom o suficiente para a fé na qual ele “tinha se encontrado”. Além disso, o conselho tocou no nervo exposto da minha dúvida: talvez eu não pertencesse mesmo à vida religiosa. Foi como se o Clemente tivesse respondido à pergunta que eu vinha me fazendo desde que chegara: “Estou apto a ser padre?” e o veredicto dele era “não”.

Não retive direito na memória o que aconteceu em seguida. Lembro que chorei, e o Clemente, que já devia estar se sentindo culpado pelo que dissera, chorou também. Acho até que nos abraçamos, em prantos patéticos: ele culpado, eu desacorçoado. Passado algum tempo, não sei dizer quanto, eu enxuguei as lágrimas e assoei o nariz nas mangas, o suficiente para conseguir dizer: “Mas como é que eu posso deixar o seminário?”. O Clemente, se movimentando de modo muito estranho, levantou-se, dizendo logo em seguida que eu não me preocupasse, porque ele “havia de achar um jeito”. Terminando o que havia dito, tropeçou e caiu, dando com a cabeça no chão.

Eu busquei um banco de madeira pra me apoiar, mas não consegui, a falta de equilíbrio não me deixava. Resolvi mover-me abaixado mesmo, apoiando os punhos fechados no chão feito um gorila. Segui alguns metros assim, até o genuflexório lateral da capela, e então ajoelhei. Estava me sentindo muito mal, pois qualquer prospecto que eu resolvesse encarar seria difícil: sair ou ficar, os dois tinham implicações duras. Fiz um troço bem piegas em seguida, pedi um sinal a deus. Acho que ele estava em outra ligação, ou então a perna manca já tinha sido meu sinal, porque a única coisa que aconteceu em seguida foi uma fígada na boca do estômago, um engulho forte, seguido de vômito.

Eu caí pra trás e a última coisa que lembro é da voz do Clemente dizendo: “Deixa comigo, eu vou te ajudar. Vou te ajudar, não se preocupe”.

Quando me acordaram, já quase de manhãzinha, o Clemente não estava mais ali. O Pedro e o Saulo estavam recompostos, já tinham lavado o rosto e se livrado da garrafa, e me urgiam a ir ao banheiro me arrumar antes que algum padre chegasse. Fui, e me aguentei, com uma enorme dor de cabeça, até às sete, quando uma nova turma de seminaristas assumiu o posto na vigília. Fomos dispensados para dormir até meio-dia e meia, hora em que devíamos almoçar, e então nos apresentar no saguão principal, para os preparativos da celebração da Paixão, que ocorreria às três da tarde. Quando chegamos no nosso quarto, o Clemente já estava lá, dormindo pesado.

Eu tinha muito o que pensar. Muita coisa tinha acontecido. Precisava digerir aquilo tudo. Mas dormi. Por fisiologia, pois por vontade não teria.

Quando acordei, próximo ao meio-dia, fui tomar um banho e escovar os dentes. Na saída do banheiro, a caminho do corredor dos dormitórios, o assistente do reitor, Padre Tibério, informou-me que eu deveria comparecer ao gabinete da reitoria. Imaginei se tratar de um telefonema de meus pais, pois às vezes recebíamos ligações de lá, numa sala contígua reservada para esse fim. Assenti e disse que iria tão logo deixasse meus itens de higiene pessoal no dormitório.

Quando entrei no quarto, Pedro e Saulo ainda dormiam, mas Clemente estava acordado, sentado na cama com a cabeça baixa. Ao me ver entrar, teve um sobressalto, disse um “bom dia” atrapalhado e apressou-se em sair com uma muda de roupa na mão. Depositei meus pertences no armário ao lado da cama, acordei Pedro e Saulo e saí em direção ao gabinete do reitor. (Eu nunca soube o nome dele. Entre nós, o chamávamos de Padre Pepê; na frente dos outros, de reitor. O apelido era por conta das iniciais, P.P., e o nome que elas abreviavam eu nunca me dei ao trabalho de perguntar).

Não era um telefonema o que me aguardava lá, e sim um “convite a desligar-me do seminário” (eufemismo para “expulsão”). O reitor explicou-me que “chegou ao conhecimento dele

o que havia ocorrido na noite anterior, nas dependências da capela principal". Ele falava assim todo formal, como quem lava as mãos num rito técnico, de modo que nem parecia que estava me expulsando. Disse que "diante do ocorrido, também outros seminaristas receberiam o mesmo comunicado." Foi aí que eu entendi. O Clemente não estava na capela de manhãzinha, e saíra todo esbaforido do quarto quando eu entrei. O filho da puta havia me dedurado ao reitor!

Claro! Que imbecil eu fora! Era óbvio! Ele se arrependeu de ser cúmplice do roubo e de ter tomado parte na bebedeira, cagão que era, e aí deixou a capela antes de tudo acabar, enquanto estávamos dormindo, para poder sair limpo do embrulho que a situação prometia. Covarde!

E pensar que eu ainda fui dar trela pra esse sujeito! (É que a morte de Abel me pegou, foi isso. Eu fiquei fragilizado. E a chuva, claro, a merda da chuva que me segurou na igreja. Deu a deixa pro Clemente).

Estupefato pelo comunicado e pela epifania da traição, eu não soube o que responder para o reitor. Nem tentei me defender, era inútil. Pedi a ele que reconsiderasse a decisão, que seria uma decepção para minha família, mas o fiz sem convicção, perdido em pensamentos. Ademais, eu ainda estava concatenando tudo o que ocorrera na noite anterior, tentando dar-lhe sentido e sequência no meio de uma ressaca.

Eu não estava nas melhores condições para advogar minha permanência. É isso. Mas também: em praticamente um ano e meio de seminário eu não conseguira convencer nem a mim mesmo, como é que eu esperava fazer isso com o reitor?

Diante da pífia petição que lhe fiz e da resignação que adotei quando da recusa dela, o reitor tomou o assunto por decidido: eu me desligaria do seminário. Cabia "evitar comoções desnecessárias", disse ele, e eu ouvia como que de longe, pois já estava trancado dentro da minha cabeça, tentando alinhar os fatos dentro de alguma lógica. Eu poderia permanecer até o dia seguinte, desde que me "compromettesse a não fazer

escândalos” (acho que ele chegou a mencionar que, por ser Sexta-feira Santa, não havia ônibus naquele dia ou algo assim).

Passei todo o meu tempo de seminário mantendo no horizonte a possibilidade de sair (cheguei a cogitar seriamente fazê-lo algumas vezes), mas a constatação de que eu ia sair me era amarga. Hoje, olhando em retrospecto, faz mais sentido eu ter saído, mas não era o que eu estava sentindo naquela hora. Temia as implicações da expulsão, punha-me ansioso pensando em como reagiria meu pai e que tipo de futuro me aguardaria. Sobretudo, não sabia o que fazer da atitude de Clemente. Se eu não estivesse tão abalado por tudo o que acontecia, suponho que o teria procurado e lhe dado uma sova. Não era o caso, contudo.

Quando saí do gabinete, atordoado, sentei-me num banco de um corredor próximo, vários metros adiante do gabinete. Vi primeiro Pedro e depois Saulo serem chamados, do mesmo modo que eu. (Anos depois descobri que os dois não foram expulsos. Não tinham uma reputação ruim como a minha junto aos padres e puderam se safar com sanções, advertências verbais e esporros familiares).

Não almocei e tampouco fui à celebração da Paixão. Me dirigi para os fundos de uma área de serviço do seminário, numa parte atrás da lavanderia, que fica meio escondida, e lá permaneci, sentado por horas. Aproveitei quando todos estavam na missa das três da tarde e fui ao dormitório pegar minhas coisas. Eu não queria passar mais uma noite ali, e, mais do que tudo, não queria ter de encontrar Clemente.

Remoí o evento o resto do dia e parte da noite, escondido então numa espécie de depósito de serviço que o seminário tinha para guardar materiais vários, afastado do resto das construções. Ignoro se me procuraram ou se simplesmente assumiram que eu tinha resolvido ir embora mais cedo. Eu estava completamente absorto, obcecado mesmo, em entender o que tinha acontecido. Não sei se eu sentia mais tristeza ou mais raiva, mas, de um modo ou de outro, a sensação era péssima.

Devo ter revisado minhas palavras e as do Clemente umas mil vezes.

À certa altura, me peguei pensando sobre meu pedido por um sinal divino. Fora logo antes de eu desmaiar e algum tempo antes de o Clemente ter ido nos denunciar. Teria ele ido acordar o reitor para a delação ou teria aguardado uma hora mais próxima do amanhecer? Não sei. O que não consegui deixar de pensar é que talvez o Clemente tenha sido meu sinal. Eu me afastei da religião desde que fui embora do seminário, mas isso é algo que ainda me assombra. Minha “mania cartesiana”, para usar o termo do próprio puto, varreu isso para debaixo do tapete da lógica, mas eventualmente alguns fiapos e “tufinhos” saem de lá.

Eu não sei o que o Clemente entendeu quando eu disse “como é que eu poderia deixar o seminário?”. Era uma pergunta retórica, uma tentativa de sumariar meu dilema. Do alto da embriaguez do licor, pensava eu também alto. Não era um pedido de ajuda, mas acho que o Clemente, bêbado de primeira viagem, entendeu desse modo. Ficou falando que “havia de achar um jeito” e que ia me ajudar, “deixa comigo, deixa comigo”. Livre da sua costumeira “bundamolice” por conta do álcool, me pergunto se o filho da mãe resolveu, pela primeira vez na vida, agir de modo resoluto. Com o juízo turvo de licor, pode ter considerado que a delação era o modo de “ajudar-me”.

Se penso assim, ele não agiu de má fé, tinha boa intenção. Mas... intenções, intenções, pra que servem? São só os álibis que tentamos nos dar a posteriori. Petições de princípio. São só bonecos que a gente coloca na hora de reconstituir a cena do crime. Sem crime nem se fala delas. Quem é que quer saber de intenção quando está tudo bem? Quando as coisas deram certo?

Clemente nunca foi tão sincero quanto naquele dia, e do alto de sua sinceridade ébria ele decidiu que me ferrar era o modo de me ajudar. O que sei é isso, independente do bálsamo duvidoso das intenções.

Passei a noite naquela sala afastada, que por sorte tinha roupa de cama e cobertores nuns armários, pois estava muito frio. Eu sabia que o primeiro ônibus só saía às nove, e eu precisava de no máximo uma hora para caminhar até a rodoviária. Então fiquei por lá, de luzes apagadas pra ninguém me perceber, ruminando pensamentos até decidir que essa situação toda não podia simplesmente passar em branco.

Não tenho exatamente orgulho do que fiz em seguida, mas o que é que o Clemente esperava? Que eu ia achar ótimo ele ter conseguido me expulsar do seminário? O que fiz foi pegar alguns lençóis e amarrá-los de modo a criar uma forma humana, usando toalhas e fronhas como enchimento, como se fossem as vísceras de pano do meu homúnculo. Era o meu Judas a ser malhado, afinal era Sábado de Aleluia. Adicionei um risco preto e desgrenhado na altura da testa, caricaturando a sobrelha grossa e peluda do Clemente, e assim soube que não restaria nenhuma dúvida.

Arranjei uma corda, passei ao redor do pescoço do boneco e, antes da aurora, arrastei ele escada acima, para prender num galho de árvore que ficava à altura do segundo andar, de frente para o corredor dos dormitórios. Assim, todo mundo ia dar de cara com o Judas malhado assim que saísse dos quartos de manhã. Se eu não tivesse meu dinheiro contado, teria jogado algumas moedas ali também, só para apelar ao senso estético do Clemente, mas não era o caso.

Tive minha pequena vingança.

E, mesmo assim, cá estou, ainda passando-a em revista, vinte anos depois.

Filho da puta.

08/02/2010

Faz um certo tempo desde que escrevi pela última vez.

Não faltaram frustrações, faltou foi ânimo pra dissecá-las.

Mas essa me fez lembrar de Abel, então achei que valia a pena pô-la no papel. É um modo de cultivar sua memória, ainda que meio enviesadamente.

À frustração da hora, portanto.

Essa semana tive um paciente em coma alcoólico depois de briga com a esposa. Recebi o chamado dela algumas horas após o ocorrido, quando todos os cuidados mais urgentes já tinham sido tomados (ela mencionara o tratamento psiquiátrico e o médico do plantão achara de bom tom avisar-me). O. começava a recobrar a consciência quando cheguei. As roupas ainda eram as da véspera, a julgar pela sujeira no joelho das calças e a gola rasgada. Provavelmente brigara com alguém. Não seria a primeira vez. Foi o que o levou ao consultório, aliás, esses acessos de raiva.

Ele desculpou-se por ter me tirado da cama. Eu disse que tudo bem, porque já estava acordado mesmo (o que não era de todo mentira, pois dormira muito mal na noite anterior). A mulher de O. estava sentada à cabeceira do marido, segurando sua mão, já conciliada da briga. Arrependida, inclusive, pronta a admitir que errara (se é que já não o fizera). As explosões do marido, que fatalmente terminavam nele se machucando de algum modo, sempre a deixavam propensa ao perdão. Minha impressão é de que O. sabia disso, e usava o fato a seu favor.

Na primeira consulta, cinco meses atrás, ouvindo-o narrar seus episódios de descontrole, meu primeiro impulso foi encaminhá-lo a um terapeuta de casal, pois todos eles envolviam a esposa. Pareceu-me um problema conjugal um tanto corriqueiro, apesar do agravo da recorrência do álcool. Algo que provavelmente se consertava melhor com terapia do que com remédio. Não quis apressar-me nas conclusões, no entanto. A escala Hamilton dele estava um pouco alterada para alguém

que não tivera um acesso de raiva há duas semanas. Recomendou um calmante fitoterápico para os dias mais difíceis, e pedi que voltasse dali a um mês.

Ele e a esposa possuem uma loja de insumos agropecuários (Abel era cliente assíduo, aliás). Começaram modestos, com objetos de pequena monta, desde pás até remédio para carrapato, e foram aumentando com o passar dos anos, em grande parte porque passaram a vender em grandes quantidades para sítios locais que instalaram aviários em suas propriedades. Comedouros e serragem eram os principais produtos, e assim se mantiveram até se tornarem o carro-chefe das entradas da loja. Se antes O. pegava uma escadinha dessas dobráveis para alcançar os produtos da quarta e última prateleira, hoje dispõe de plataforma de elevação hidráulica para que um funcionário seu alcance os itens altos na prateleira do galpão que alugaram como armazém.

Parece até uma arquetípica história de sucesso, mas o troço é mais complicado.

A prosperidade teve seu custo. E não estou falando de trabalho duro e dedicação (“empreendedorismo”, diria o pobre F.). Estou falando do lento e discreto processo ao longo do qual o casal se converteu em fornecedor de uma crescente cadeia produtiva (salvo engano, Abel e O. estavam ligados a uma mesma instituição, a qual sei o nome, porque O. fazia questão de mencionar sempre que podia, a “Cooperativa Agroindustrial Mamute”).

O que parecia somente uma incrementação, com a inclusão do atacado ao comércio que até então era predominantemente varejista, foi um processo muito mais cheio de implicações, pois amarrou O. e sua esposa ao destino da serragem e dos comedouros (assim como se dera com Abel e as galinhas). Colocou-os num patamar de competição ocupado por grandes incorporadoras e empresas subsidiárias daquela cadeia, bichos grandes, com bolsos fundos e tentáculos longos. A disputa com estes era inglória, como se pode imaginar, mas era

também inescapável para O. e a esposa em virtude do peso das receitas vindas da serragem e dos comedouros.

O casal passou a assumir mais riscos, fazer financiamentos mais vultosos, ter contas em vários bancos. O. se vangloriava de ter cinco talões de cheque. Tornaram-se mais vulneráveis para ficar no páreo, e isso fez a vida dos dois ficar repleta de tensões e incerteza. (Como Abel quando desaguou no consultório, com preocupações no peito e cabelos embranquecendo na cabeça).

O. começou a tomar decisões impulsivas, alegando a necessidade de serem rápidos e “ousados” (sic!) para se manterem competitivos – “no mercado” (sic). Num mês, encheu a loja com blocos de serragem e pilhas de comedouros comprados alguns centavos mais baratos. No outro, contratou um batalhão de empregados frios para dar conta da avalanche de entregas, amargando prejuízos quando alguns o deixaram na mão. Num terceiro, cobriu o saldo vermelho de uma conta com um cheque da conta de outro banco, tudo para não correr o risco de perder um financiamento providencial.

O problema dessa semana tomou a forma de uma ligação do escritório de contabilidade, que procurou O. para dizer que a Receita Federal pedia explicações acerca de sua última declaração do Imposto de Renda. Traduzindo: foram pegos na malha fina por conta de malabarismos nas notas fiscais.

Em seguida, a cada um desses eventos há uma explosão de raiva de O., seguida de uma via crucis de turras matrimoniais e bebedeira. (Pensando agora, Abel é um O. às avessas: onde este explode, aquela tendia a implodir. Abel punha o fardo nas costas e o carregava, estoico e resignado, vivendo-o silenciosamente como uma crise pessoal; O. extravasa-o através das válvulas de escape que tem à mão).

O que demorei para entender foi a natureza da ligação entre os acessos do O. e sua mulher. Não era só uma lenta erosão conjugal das comuns, a mecânica ali era mais complexa. Cabeça-dura e impaciente até não mais poder, O. recusava-se

a reconhecer os obstáculos e a estudar suas implicações. Sua única receita para estes era mais afinco, mais obstinação, mais disposição. Era o tipo de pessoa que começa a cavar o buraco logo de uma vez, antes de pensar onde quer plantar a árvore. Planejar, para ele, é desperdiçar tempo que podia ter sido usado para fazer; ficar parado é pior que errar. Na sua galeria de pecados capitais, “preguiça” é bem mais grave do que “ganância” ou “orgulho”. (Abel nunca me pareceu orgulhoso, ganancioso ou preguiçoso, mas também dispunha dessa eterna prontidão ao trabalho).

Essa conduta eventualmente redundava em erros de cálculo, e esses erros se tornaram cada vez mais custosos conforme os riscos assumidos eram maiores. Ao longo das consultas, notei nos relatos de O. que os acessos estavam quase sempre associados a decisões afoitas que tomou e que acabaram dando errado. A mulher tinha de ser a voz da razão, a voz da sua razão, pois nele esta era sempre atropelada pelo seu “sangue quente”, como dizia (uma expressão que ele usava de modo recorrente, expressa bem sua impaciência e tendência a atos temerários: “Ou vai ou racha”).

Essa lucidez da esposa o contrariava, o agredia lá no alto de seu orgulho voluntarista, sobretudo porque no fundo, ele sabia que ela estava certa. Sabia, mas não conseguia admitir isso para ela e para si mesmo. Sem estar apto a reconhecer-se como autor de seu tropeço, ressentia-se da esposa, por não estar também caída. Assim, a elegia como alvo de sua frustração. Onde as brigas. (Como não brigava com os outros, Abel acabava se estranhando consigo próprio, ou assim sempre me pareceu).

O álcool vinha em seguida, para alforriar O. da consciência das más decisões e das suas inseguranças emocionais. Saía de casa quase sempre à noite e bebia muito. E assim ia, da euforia das nove para a melancolia das duas, até que o peso na consciência lhe tomava por inteiro. Incapaz de pedir desculpas à esposa, pleiteava sua absolvição entregando-se a um comportamento autodestrutivo, aparentemente masoquista.

Arranjava brigas com desconhecidos, trançava as pernas até dar com a cabeça no chão, bebia até perder a consciência.

Buscava por meio da sua dor a compaixão da esposa.

O. só conhecia a punição como forma de perdão.

15/02/2010

Frustração em potencial conta como frustração?

Acho que sim. Se vive ela como se fosse agora, e não depois, não talvez.

Toda vez que entra aqui um paciente com ansiedade severa eu me pergunto se não pagamos caro demais pela evolução. Sim, é muito legal ter um encéfalo altamente desenvolvido e pensamento conceitual. Poder projetar as coisas antes de fazê-las é um troço excelente, blábláblá, mas é que essa capacidade de cogitar muitas vezes nos coloca na gaiola das possibilidades. Ou melhor: na masmorra das possibilidades, com toda a sua requintada galeria de instrumentos de tortura. E, cereja do bolo, a ironia particularmente cruel da coisa: somos nosso próprio verdugo!

A prática psiquiátrica não me tornou esse tipo de pessoa, só me abasteceu dos exemplos empíricos. Lembro de pensar esse tipo de coisa já na época do seminário, quando acompanhávamos o Abel na hora em que ele ia tratar os porcos, as galinhas e as vacas. (Se bem que eu estava lendo um monte de Schopenhauer na época...). De qualquer modo, íamos com ele e víamos os bichos, alguns em cercados menores, outros em terreiros abertos, mas todos presos ao seu destino, aguardando na fila do abate. Recebiam fagueiros a chegada de Abel, ignorando deliciosamente o destino que lhes cabia, as possibilidades (ou a falta delas) que jaziam no seu horizonte. Grunhiam, cacarejavam e mugiam de modo leve, sem o peso da consciência ou o tormento das conjecturas. Emitiriam esses mesmos sons, desse mesmo jeito, se conseguissem supor o futuro?

Divago.

E o faço porque reluto em lidar com uma porcaria do fato que me caiu no colo, e que tem me deixado maluco com o que pode significar: Marta me ligou anteontem, pedindo que eu a ajudasse com os trâmites de um seguro de vida que Abel tinha contratado numa seguradora daqui da cidade.

Creio que ela não sabia nada da apólice até alguns dias atrás, pois parecia meio assustada (talvez tenha recebido a notícia como se fosse um fantasma de Abel, manifestando-se mesmo morto). Ela falava baixo e foi breve, diz querer evitar envolver os filhos, que, segundo ela, têm brigado muito ultimamente (suponho que ainda desacorçoados pela perda do pai). Não sei por que me contatou ao invés do tal Nicanor, que o Clemente comentou, que parecia ser o parente mais próximo a resolver questões desse tipo. Não sei, também, porque não contatou o próprio Clemente ao invés de mim. Sei que ele convivia muito mais com a família do que eu. (Bom, talvez seja por isso mesmo, ou talvez pela conveniência da cidade. Sei lá).

Acedi à solicitação de ajuda de Marta e liguei na seguradora para me informar sobre a apólice, e o que não pude afastar da minha cabeça desde então, desde que descobri o valor que a família de Abel vai receber pelo seguro, é uma terrível suspeita. Uma terrível hipótese. A hipótese. Se desenrolo de trás pra frente o histórico de Abel eu talvez devesse ter visto. Não. Não. Como eu poderia saber? A escala Hamilton não permitia dizer nada. A observação clínica tampouco. A anamnese mais rigorosa não endossaria qualquer medida mais severa.

Mas e se...

Retomei minhas notas ontem, mas a dúvida prevaleceu. Encontrei trechos como:

"(...) diferentemente da época do seminário ou mesmo da última consulta, hoje Abel apareceu com as unhas roídas. Seus dedos ficaram muito diferentes do aspecto usual, mais limpos, até, me parece, pois por conta das atividades de sua labuta

diária, as unhas acabavam sempre contendo pequenas sujeiras. Os arroxeados de marteladas e prensadas, contudo, permanecem.” (7 de julho de 2009)

Ou então:

“(...) estralou os dedos várias vezes (atitude incomum) e apertou as mãos grossas também (uma à outra, quase como se fosse uma descarga nervosa, indício de uma apreensão qualquer). Quando relatava as obras do novo aviário, que forçou a realocação de sua horta, notei que sua mão apertou o braço da poltrona nalguns momentos.” (11 de junho de 2009)

Ainda:

“(...) a respiração torácica de Abel se manteve apesar da medicação. Uma reavaliação em três semanas é o ideal para determinar se é necessário aumento da dosagem. A natureza de Abel deve tê-lo feito sempre propenso a essas agitações internas. Ele pisou em ovos a vida toda. Essa foi a impressão que sempre me causou. Por que é que agora isso se tornou um problema? Os indicadores hormonais não sugerem esse tipo de alteração, como seria de esperar numa crise de meia-idade, e seus exames também pouco contribuem para esclarecer o quadro quanto a uma psicopatologia específica. As dívidas que contraiu devem ter seu peso para deixá-lo intranquilo, mas não sei se são determinantes a tal ponto. Se penso nele na época do seminário, me parece que já vivia como se fosse endividado: dívida com os mais velhos, dívida com os padres, dívida com deus e as autoridades seculares (...).” (30 de outubro de 2009)

Compilando-os assim, lado a lado, ponho-me mal, penso que deveria ter tratado a hipótese com mais seriedade.

Contudo, nas mesmas notas encontrei também relatos como:

“Parece bastante mais calmo hoje, e alegre também. Lembrou da ‘Batalha dos pés de mexerica’, quando eu, ele e o Clemente começamos a atirar frutas caídas uns nos outros por pura farragem. Algum padre tinha mandado Abel checar a bomba do poço, pois as torneiras do seminário estavam cuspidando ar entre os esguichos de água, e eu e o Clemente fomos junto. O poço ficava afastado, numa espécie de bosque, e no meio do caminho, ao parar para apanhar algumas mexericas, eu escorreguei e caí. O Abel riu, já atribuindo o tombo à minha perna manca, ao passo que eu, com raiva, lhe joguei alguns gomos nas ventas. Ele ficou paralisado, em choque, e o Clemente interveio, adotando (é claro!) sua defesa, somente para receber o restante dos gomos nas fuças. Abel riu dele também. E então iniciou-se a refrega. Nos entocamos cada um num ponto e trocamos balaços cítricos por vários minutos até darmos-nos por satisfeitos, declarando aos risos uma trégua. O Clemente, com seus pendores poéticos, batizou o evento de ‘A batalha dos pés de mexerica’, e o Abel gostou da ideia. Quando contou a história hoje, o fez animadamente, com as maçãs do rosto salientes, num perene ‘semi-sorriso’.” (7 de agosto de 2009)

Ou:

“Relatou hoje o episódio do nascimento de um terneiro (um ‘bezerrote’, como ele insistiu em chamar). Os detalhes práticos são grotescos, pois envolvem vísceras, fluidos e secreções, além do mau cheiro que suponho ter empestado toda a cena, mas que Abel não achou relevante o suficiente para acrescentar à história. O que me deixou contente foi ver que, diferente das outras vezes, Abel se usou como fio condutor da narrativa. Ele escutou a vaca mugir diferente, ele ajeitou a lanterna, ele puxou o ‘bezerrote’ para fora da vaca, ele o ajudou a desenroscar-se da placenta para poder respirar. Me pareceu um bom sinal. Ele não parecia sofrer a história, mas participar dela, nesse caso, inclusive, como protagonista.” (12 de novembro de 2009)

Ou seja: nada que permitisse ser conclusivo. Nada!

Se eu transformasse Abel em um gráfico, a linha ia parecer uma cordilheira. Não havia regularidade nem nas subidas, nem nas recaídas. Não havia modo de diagnosticar uma melhora ou piora súbita. Não tinha por que esperar alguma mudança acentuada no quadro. A medicação oscilava, mas vinha dando resultados (como é comum, aliás).

Mas não. Talvez tenha algum indício que eu deixei passar. Alguma informação crucial que eu possa ter deixado de considerar. Se tivesse sido mais incisivo nas minhas perguntas, ou mais paciente com suas respostas, talvez... Não. Nem revirando o Psicopatologia do Jaspers eu encontraria um furo no meu proceder... Quem sabe o furo esteja no exame de sangue. Sim! Preciso retomar o prontuário, deve estar em anexo... Não. Nenhum dado objetivo desses explicaria aquela hipótese. A hipótese.

Como eu poderia saber? Não dá pra simplesmente tratar todo mundo como um suicida em potencial!

Merda! Vou ter que falar com Clemente.

V.
CLEMENTE

Domingo, 31 de janeiro de 2010

Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador.

Esse tem sido meu mantra os últimos dias, desde que o Desidério resolveu reacender seus antigos ressentimentos e tentar me usar para alimentar a fogueira.

De novo.

Depois de eu tentar entender o que aconteceu, não conseguir, desistir e dar conta de pôr uma resignada pá de cal sobre o assunto, ele vem e simplesmente desenterra a coisa toda depois de vinte e tantos anos? E com insinuações maldosas e o seu típico sarcasmo barato?! Será que não vai superar nunca suas frustrações filosóficas? Ele não conseguiu ser soldado primeiro, é verdade, e não conseguiu ser padre em seguida, de fato, mas tornou-se um psiquiatra de respeito, um profissional idôneo, de certo renome, até. Por que então, meu Deus, insiste em barafustar-se no espiral de ressentimento e raiva que ele, na altivez de seu deboche, chamava de “a vida que lhe foi amputada junto com a perna”?

Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador.
Odeie pecado, não pecador.

É difícil. Valha-me Deus.

Jesus dizia para oferecer a outra face, e longe de mim duvidar de um conselho do Nosso Senhor, mas só tenho duas.

Há que se perseverar. Hei de perseverar.

Com a Graça, hei de consegui-lo.

Se Desidério resolveu abrir a tumba e exumar essa culpa carcomida, é tarde já para recusar-me a uma nova autópsia. Já não dormi bem as últimas noites e creio que minha assembleia achou a pregação de hoje demasiado soturna para um domingo do Tempo Comum.

Em outros termos, o mau cheiro do defunto já se instalou.

É preciso dissecá-lo logo de uma vez,

ainda uma vez,

mais uma vez,

não de quando em vez,

mas de uma vez por todas,

para então poder devolvê-lo à sua necrópole.

Dante chamou Virgílio por guia, eu chamo Jó. Se ele precisava da grande sabedoria daquele, eu necessito da proverbial paciência deste.

Chamo de culpa porque é como a senti, e não porque a tenha constatado. Talvez eu tenha agido mal ou feito algo de reprovável, é possível, não vou negá-lo. Logo, se admito alguma coisa é minha ignorância quanto aos fatos precisos, e não alguma falta cabal.

É confuso. E continua sendo, mesmo depois de tanto tempo.

O ponto é que os pormenores da ocasião que o Desidério resolveu desenterrar estão difusos e embaralhados na minha memória. E por causa do mesmíssimo Desidério e da sua cruzada contra qualquer tipo de fraqueza "autossuposta". Naquela fatídica Sexta-feira Santa, essa cruzada se materializou na forma de uma garrafa de licor daquelas que parecem mais um

garraão de vinho e uma heresia muito deliberada. A garrafa de licor sendo uma furtada do gabinete do Monsenhor Abraão — ato de “ousadia”, segundo Desidério —, a heresia sendo a bebedeira na capela — pretensa medalha de hombridade, suponho.

Os “pendores poéticos” e a “carolice estética” que ele debochava em mim tinham seu par análogo nele, numa contra simetria muito curiosa. Ele fazia questão de afirmar sua masculinidade de modo ostensivo para compensar pelo fato de claudicar. Parecia até um personagem do Hemingway, cheio de cismas quanto à sua virilidade, fazendo questão de sublinhá-la sempre que possível porque a imagina constantemente ameaçada. Aqueles três centímetros e meio de perna faziam-lhe... fazem-lhe muita falta, é certo, mas como podiam desestabilizá-lo de tal modo, para além da carne? Como podiam torná-lo tão propenso à arrogância?

Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador.

A história de como fui parar na capela naquela noite e de como me deixei convencer a tomar parte naquele ritual imbecil está completamente entrelaçado com esses três centímetros e meio de perna. Aliás, o fato de eu conhecer o Desidério dependeu desse mísero pedacinho de carne e osso. Ele estaria vestindo roupas camufladas e marchando por aí uma hora dessas se não fosse o acidente que lhe quebrou a perna e o cirurgião desastrado que a operou. Somente quando malograda a carreira militar é que ele acabou se decidindo pelo seminário.

Tortos caminhos os da Providência.

Se ele não tivesse me confiado certos detalhes que circundaram sua decisão, eu suspeitaria que essa era mais uma das histórias da carochinha que ele contava, normalmente para arrogar-se vantagem. Afinal, da caserna para o seminário há uma distância de disposições bastante grande, não se trata de uma trilha vocacional muito comum. Somente quando ele me contou que a vida eclesial apareceu como uma espécie de alternativa que bloqueava outro prospecto é que fui entender como acabamos por dividir um quarto no seminário.

Acho que o Desidério nunca ia admitir uma coisa dessas, mas boa parte da vida dele foi definida pelas expectativas familiares, especialmente as do pai. Seu pai tinha ojeriza à vida militar, e lá estava Desidério, pronto a contradizê-lo. Seu pai queria arranjar-lhe um emprego num escritório de contabilidade em que era sócio, e Desidério deu um jeito de encontrar outro caminho, adulando, para isso, as expectativas da mãe, que era muito devota. Já no seminário, tomado pelas dúvidas quanto à sua escolha, o oprimia o peso de frustrar essas mesmas expectativas maternas de que lançara mão. Foi também por isso, aliás, que a morte da mãe teve um peso tão ambíguo sobre ele: sentiu-se como que livre do peso da expectativa dela, mas ficou também atormentado pela culpa de assim se sentir.

Suspeito que sua personalidade, seu jeito de lidar com as coisas, tinham muito a ver com isso. Vivera sempre com esse fardo a pesar sobre si, encabrestando-o, portanto, e escolheva toda vez que sentia que alguém tentava lhe pôr arreios ou depositar mais peso sobre si. Nessas ocasiões, reais ou imaginadas, era grosseiro, agressivo, ofendia os outros. Ele conhecia bem demais essa carga para ser dócil a ela, mas isso o tornava às vezes intratável, histérico, quase paranoico.

Com isso a impeli-lo na direção de se afirmar, situações como a da bebedeira na capela constituíam espécie de declaração que ele recorrentemente sentia-se na necessidade de fazer. Eu e Abel fomos levados a reboque disso várias vezes, assim como o Saulo e o Pedro naquela ocasião específica. Foram esses mesmos impulsos, aliás, que contribuíram para fazer escalar os eventos daquela noite até o triste desfecho de sua saída no seminário no dia seguinte — também o fato de ter me amaldiçoado e rompido qualquer tipo de amizade comigo.

Era difícil — é difícil — ter noção do que passa na cabeça desse caturra.

Se não sei ao certo o que ocorreu naquela noite, porque experimentei meu primeiro porre, sei muito bem o detalhe episódico que nos levou à vigília das três da madrugada: uma

revista pornográfica que o Desidério mantinha escondida debaixo da cama. Como fui eu quem ficou dias insistindo para que ele virasse o colchão, me senti mal por um pedaço dela ter ficado exposto na hora em que o Monsenhor passava por ali, levando ao flagrante — minha mãe sempre fazia a gente virar os nossos em casa, porque “fazia bem o colchão respirar”. Declarei-me culpado em solidariedade a Desidério, e o Monsenhor, parecendo ofendido por meu ato, tomou-nos parte de uma confraria de devassos e alargou a punição também para nossos dois outros colegas de quarto, Saulo e Pedro.

Assim, naquela Sexta-feira Santa, ficamos todos os quatro cumprindo nossa vigília na capela. Tentei seguir os ritos indicados e respeitar a solenidade sagrada da ocasião, mas fui impedido pela conspiração dionisíaca dos três, que pressionavam para que me juntasse a eles. Após vários terços interrompidos, acabei vencido e bebi.

O adocicado do licor me ludibriou quanto ao seu poder de embriaguez. Em algumas rodadas estava já tonto e afogado nas faces, mais rápido do que pude me dar conta. Não vou mentir, a sensação era bastante boa, fosse pelo senso de fraternidade criado pela situação, fosse pelo calor do licor naquele ambiente frio. Várias vezes me peguei lembrando disso, tentando coligar minhas impressões de modo a formar uma imagem como que “de fora” de mim mesmo. A cena que resultava desse esforço era bastante plástica: no interior daquela nave gélida, na penumbra cediça das velas, com os olhos frios dos santos pousados sobre nossas cabeças, estávamos os quatro em confraternização, unidos pelo pecado comum. Se fosse fazer uma pintura disso, a capela formaria um grande pano de fundo azul-escuro, mais preto que azul, e o centro da tela seria ocupado por nós quatro, pequeninos, iluminados obliquamente por duas luzes: uma alaranjada, vinda das velas, outra arroxeada, vinda também das velas, mas filtrada pela garrafa de licor. Pinceladas à Van Gogh, usando a própria tela como uma paleta para misturar, dariam conta de fundir tudo, dando a impressão

de que uma fogueira ardia no centro do quadro, oferecendo-se em contraste ao seu grande e difuso fundo crepuscular.

Idealizei a cena de tanto enxergá-la em minha mente, e acho que lembrei dela tantas vezes porque é a última coisa que consigo recordar com maior nitidez. Dali em diante a memória é entrecortada, borrada, como se papel-bolha tivesse sido enrolado ao redor dos meus sentidos. Lapsos de lembranças aqui e acolá, todos como que ao longe. O fio de sequência e de lógica que os une não é claro, só o alcanço mediante deduções e inferências que poderiam passar facilmente por especulação.

É aí que repousam as incertezas.

Lembro de Saulo e Pedro dizendo que iam ao sacrário, do outro lado do altar, e desaparecendo junto com a garrafa. Eu e Desidério permanecemos em frente do altar, sentados no degrau do meio, conversando sobre algo que me foge. Ele me escutava interessado, e permaneceu desse mesmo modo, com a mesma expressão, até que, subitamente, arregalou os olhos e fitou-me assustado. Achei que havia acontecido algo com meu rosto, que eu tinha em fogo, mas como Desidério desviou o olhar e voltou a cabeça para o chão logo em seguida, vi que não era isso.

Alguns momentos se passaram sem que eu tenha retido deles lembrança alguma. Não os suponho longos, mas algo importante ocorreu neles, pois a lembrança seguinte é de Desidério e eu abraçados, entregues às lágrimas. Como não sabia o que tinha ocorrido, mas estava preocupado com o amigo, o consolei de modo um tanto aleatório: abracei-lhe e disse que não se preocupasse.

Eu nunca tinha visto Desidério tão desarvorado e triste, tão completamente prostrado como naquela noite — salvo, talvez, quando sua mãe falecera alguns meses antes. Ser ele alvo de piedade era algo de raro. Havia no seminário quem o detestasse, quem o admirasse e mesmo quem o temesse, mas quem dele tivesse dó, isso era algo de incomum.

Desidério mantinha quase sempre aquela fronte férrea, como se fosse o lobo-do-mar do Jack London, e cuidava para

não deixar nenhuma rachadura comprometer a integridade desse estado de espírito e da forte impressão que causava. Mesmo quando me contava coisas pessoais, como suas dúvidas quanto à vocação religiosa, eu sentia que ele discretamente riscava uma linha no chão da sua mente, para delimitar até onde iria com suas confidências. Não se abria por completo, não baixava sua guarda de fato. Penso que tinha medo de admitir, para mim e para si mesmo, suas inseguranças mais profundas, pois revelariam fragilidades e pontos sensíveis de sua constituição, sensíveis demais para a imagem e autoimagem de hombridade que ele cultivava.

O cabeça-dura, teimoso de uma figa, dera conta de se tornar refém de si mesmo!

Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador.

Naquela madrugada fria, contudo, Desidério havia desmoronado, ultrapassando a linha que até então se impusera. À minha frente estava o Desidério real, sem a couraça de machete que costumava vestir. Independente do papel exato que o licor desempenhou nesse processo, confesso que me senti lisonjeado por ser digno de tamanha confiança, e quis corresponder a credibilidade sendo-lhe tão solidário quanto podia. Esmerei-me no abraço, apertando-o contra mim enquanto seguia com os tapas de encorajamento nas costas. Pigarreei para limpar a voz e conseguir transmitir-lhe o máximo de segurança ao falar. Assegurei que ia ajudá-lo, mesmo que não soubesse o que o afligia.

Cheguei mesmo a pôr-me em pé para injetar mais convicção em minhas palavras, mas não sei se consegui fazê-lo por conta da tontura causada pela embriaguez. Minhas lembranças do episódio terminam aí.

A memória seguinte, de um bom tempo mais tarde, é de levantar do chão com a bochecha direita dolorida, o Desidério caído alguns passos adiante, à frente dele uma mancha de vômito. Ignoro onde estavam Saulo e Pedro. Sentei-me no chão

frio da capela e tentei fazer sentido da situação. A carne na altura da bochecha doía muito, como se algo tivesse me atingido, e eu não era capaz de saber a causa daquilo. Devo ter passado alguns minutos assim, lutando contra a dor de cabeça para poder raciocinar, e foi assim, nesse estado precário, que ouvi o clique da epifania se encaixando toda.

Ruborizei de imediato, ou era ainda o efeito do licor. Não sei dizer. Mas envergonho-me ainda hoje tentando preencher as lacunas da memória. Devo ter abraçado Desidério por um tempo longo demais, ou adotado no meu esforço de consolação uma intimidade que ele considerava invasiva, ou talvez eu tenha o encostado de um modo que julgou ofensivo, sugestivo de outra coisa. Não sei. Não sei mesmo. Queria saber. Ele deve ter pensado que havia algo além de solidariedade nisso, alguma “coisa de bicha”, para usar os termos que ele costumava empregar. Devo ter insultado a masculinidade dele, injuriado sua hombridade com minha tentativa de ampará-lo na sua desolação. Não era preciso muito para isso, é bem verdade, pois ele era muito sensível a esse respeito. Na sua visão insistente de animal acuado, a reação a isso fora a violência: quando eu ficara em pé, ele deve ter aplicado um soco em meu rosto, pondo-me desacordado — por isso é que minhas memórias terminavam de súbito. Isso explicava o meu rosto dolorido e as juntas avermelhadas da mão de Desidério, a qual verifiquei enquanto ele estava caído. Talvez explique até o vômito que jazia perto dele, fruto de sua agitação nervosa e do asco que o assunto lhe causava.

Olhei para os lados para ver se havia alguma testemunha de meu vexame e da minha culpa — da culpa que eu supunha, isto é. Não havia ninguém. Aproveitei que Desidério estava ainda desacordado e, juntando minhas forças e coordenação, saí da capela o mais rápida e discretamente que pude. Acredito que ainda faltavam horas para amanhecer, pois a escuridão prevalecia sobre qualquer indício de amanhecer.

Atordoadado, me esgueirei pelos corredores, meio abaixado, muito quieto, indo em direção ao dormitório. Minha impressão

é que havia inúmeras pessoas escondidas nas sombras a me espreitar, todas elas compondo um júri secreto que fiscalizava cada passo que eu dava e cada gesto que eu fazia, tomando notas meticulosas. É engraçado como a culpa funciona demolindo nosso senso de plausível e tornando-nos seres incapazes de verossimilhança — talvez seja por isso que o absurdo está sempre à espreita na ficção de Kafka. A julgar pela escuridão, era pouquíssimo provável que alguém estivesse acordado no seminário àquela hora, e se estivesse, essa pessoa não teria a menor noção de que eu havia feito qualquer coisa de errado — e, ainda, se esse improvável alguém me abordasse, eu poderia tranquilamente dizer que estava indo ao banheiro, ou tendo uma noite de insônia, ou que fora à enfermaria tomar um remédio para dor de cabeça. As desculpas a inventar eram inúmeras, mas na minha alma de culpado é como se elas simplesmente não existissem, muito diferentes do batalhão de juízes que escutava detrás das portas, que para mim existia com toda a força de realidade.

Eu me sabia um infrator por ter bebido, por ter desrespeitado a santa vigília, por estar fugindo de um castigo, e por agir, digamos, de modo reprovável com Desidério. As três primeiras eram culpas reais, a última, uma suposição — que assim continua até hoje, uma suposição. Contudo, pelo modo como funciona o juízo de um culpado, as quatro eram igualmente reais. Por isso é que, conforme eu avançava pelos corredores do seminário, sentia-me como um flautista de Hamelin involuntário: minha culpa atraía todos os olhos e ouvidos de onde passava, do mesmo modo que aquele aos ratos.

Quando cheguei ao quarto, meu coração pulava no peito. Me sentia tonto e padecia de um mal-estar terrível. Não liquei luz alguma para não chamar a atenção. Deitei na cama e ali fiquei, sem ousar me mexer, sem fazer barulho, tentando me acalmar. Permaneci desperto por muito tempo, na mesma posição em que deitei, eletrizado pela torrente de pensamentos. A exaustão eventualmente se abateu sobre mim, no entanto, e acabei por adormecer.

Quando acordei, quase ao meio-dia, vi Saulo e Pedro dormindo no quarto. Desidério não estava ali agora, mas estivera, pois seu leito estava desarrumado. Sentei na cama, coloquei os pés ainda calçados no chão, curvei-me e comecei a massagear as têmporas, tentando amenizar a dor de cabeça. Pouco tempo depois, a porta se abriu e Desidério entrou no quarto. O cumprimento foi por reflexo, num murmúrio sem graça, e rapidamente deitei mão em algumas roupas limpas na cômoda, no intento de ter o pretexto de sair do quarto para tomar banho.

Essa foi a última vez que vi o Desidério antes de ele sair do seminário. Não pude ver a expressão que trazia no rosto quando entrou no quarto, se era de frieza calculada, de indiferença, de rancor ou de vergonha. Gosto de pensar que, junto com os dentes rilhados que devia trazer sob os lábios fechados, havia também algum indício de perdão, de tolerância, algum repuxo na expressão por conta da longa amizade que tínhamos.

Isso, no entanto, é só uma vontade que me permito por não ter visto, de fato, cabalmente, a expressão dele naquela hora. É uma lacuna de evidência direta que eu preencho com minhas melhores intenções e esperanças. Leia-se, com ilusões, porque a realidade as desmentiu em pouco tempo.

Naquele dia, ao fim da tarde, fui chamado ao gabinete do reitor. Alguém, um sonâmbulo ou xereta, o havia informado dos eventos da noite passada na capela, e eu precisava dar explicações sobre meu paradeiro. Temi a expulsão, mas ela não ocorreu, apesar de eu guardar bem a expressão de decepção do reitor ao me ver sentado lá, naquelas circunstâncias. Saulo e Pedro me contaram depois que tinham sido chamados mais cedo e tomado dura reprimenda pela bebedeira sacrílega. Creio que o delator passou pela capela mais próximo do amanhecer, quando eu já tinha saído de lá, pois se Saulo e Pedro foram repreendidos pela esbórnia, eu o fui por não ter cumprido o castigo de Monsenhor Abraão.

Nenhum de nós três sabia se Desidério tivera nosso mesmo destino. Saulo o vira no outro lado do pátio quando saíra de

sua bronca, mas não lhe procurou, e depois não voltou a avistá-lo. Ninguém o vira ser chamado ao gabinete do reitor naquela Sexta-feira Santa.

Se não vi mais o Desidério antes de ele ir embora, no entanto, não foi a última vez que ele fez sua presença ser sentida. Na manhã do dia seguinte acordei cedo como de costume, e me deparei com uma pequena aglomeração à frente dos dormitórios, no lado oposto do andar. Descobri que a causa dela era o *mise-en-scène* armado por Desidério: um boneco de pano, Judas malhado dotado de sobranceiras hirsutas como as minhas, enforcado num galho de árvore. Era sua vingança cruel e dispensável, mas uma declaração impetuosa bem ao gosto da têmpera dele. Muito “viril”, poder-se-ia dizer.

O seminário tinha alunos em número suficiente para que se ignorasse em larga medida se tratar de uma efígie minha. Para muitos deles tratava-se somente da traquinagem de um seminarista brincalhão, contribuindo a seu modo para manter viva a longeva tradição da malhação do Judas. Para mim, contudo, a experiência foi horrível. Foi como confirmar minha culpa de modo humilhante, e atestar que todas as testemunhas que eu supunha detrás de portas e janelas na noite anterior estavam mesmo lá, e haviam convergido para aquela terrível sentença. O boneco era como que um atestado da minha culpa.

Alguns dos desavisados seminaristas devem ter me tomado por um cristão moralista ou mesmo revisionista, pois passada minha paralisia inicial, corri azafamado para ajudar Cirino, o faxineiro encarregado de retirar o boneco. Meus olhos estavam marejados e internamente eu oscilava, feito um pêndulo, da tristeza para a vergonha e vice-versa.

Desidério não precisava ter feito aquilo, assim como não precisava ter feito tantas outras coisas da mesma natureza daquela. Existiam outros meios de resolver o agravo — se é que agravo houve. No seu modo de ver as coisas, no entanto, tenho certeza de que essa necessidade existia, e que toda essa demonstração era não só crucial como desejável, mesmo. Eu sabia

que ele podia ser bruto e impiedoso quando se sentia diminuído de algum mod... “Diminuído”, termo oportuno. Vem bem a calhar mesmo: ele podia ser bruto e impiedoso quando se sentia três centímetros e meio diminuído. Sádico de uma figa!

Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador. Odeie pecado, não pecador.

Queria conseguir chamá-lo de pobre-diabo ao invés de turrão, cabeça-dura, orgulhoso, pretensioso, jactante, estourado, mas é difícil. Vivia desconfiado de que queriam mandar nele ou então castrá-lo, ou melhor, estava convencido disso, convencido demais para que pudesse baixar os escudos por tempo o suficiente para amizades duradouras, para dar-se ao luxo de uma empatia irrestrita. Supunha ver fios de titereiro em todos os lugares, mesmo em laços afetivos. Acabava inconveniente, agressivo, pouco tragável mesmo ao mais paciente dos amigos. Se ele tivesse cabelo branco e cultivasse suíças podia passar por Schopenhauer, um de seus pequenos ídolos, pois a misantropia deste já tinha — já era, como aquele, um sujeito avinagrado.

Os três centímetros e meio de perna se tornavam uma estranha espécie de “membro-fantasma” de sua constituição, e num nível profundo, de alma mesmo. Não porque sentia que os tinha, mas porque sabia que não os tinha, e isso o transformava. Mancava em seus passos, sim, mas mais do que isso, mancava em sua filosofia, no seu espírito, no trato do mundo, na lida com as pessoas. Encastelou-se na sua ideia fixa de que queriam diminuí-lo e sujeitá-lo, e que era um imperativo existencial de si que ele se opusesse a essa suposta vontade do mundo, com todas as forças e de todos os modos possíveis. Nem que lhe custasse os amigos, nem que o condenasse à solidão.

Foi o arquiteto de sua própria prisão, de um certo modo.

De fato... era um pobre-diabo!

Esse é seu caminho para o bálsamo da piedade!

Enquanto a perna não lhe fora encurtada e seus projetos estiolados, sentia-se seguro e confiante de si, podia carregar

o peso das expectativas paternas sobre os ombros, e mesmo aguentar a eventual culpa de ter de frustrá-las. Não as sentia como um cativo ou como um cabresto. Quando o acidente lhe tolheu os planos e o condenou a claudicar, essas se tornaram pesadas demais, quase intoleráveis, e o acabrunhavam a ponto de impor-lhe hesitações, minar sua firmeza resoluta.

Tenho a impressão de que esse era o caso com as suas dúvidas quanto à vocação religiosa. O assunto o carcomeu internamente durante todo o tempo em que estive no seminário e era um tópico recorrente de nossas conversas, pois eu também entrei no seminário padecendo delas. Mas na medida em que essas dúvidas eram em Desidério um sintoma da sua estranha síndrome do “membro-fantasma”, elas persistiram. Persistiram, persistiram e sobreviveram às minhas. Causavam-no tamanha perturbação que ele nunca lidou bem com esse fato, com a recessão de minhas incertezas vocacionais. Se ressentia, e então fazia chacota disso, como era seu costume, dizendo que eu mentia para mim mesmo.

Apesar de todas as coisas maldosas que ele fez e disse, e de todos os dissabores que me causou, sou obrigado a reconhecer, ao fim e ao cabo, que ele era um pobre-diabo. Gostaria que esse não fosse o caso, e que ele não tivesse resolvido me interpretar tão mal e me trancar para fora de seu convívio. Gostaria também que não tivesse me relegado a esse silêncio vil de tantos anos, que me atormenta na forma da incerteza quanto à minha culpa. Ou pretensa culpa. Ou suposta culpa. Ou imaginária culpa.

Termino essas linhas sem saber se elas registram algum pecado. São elas somente memórias ou há aqui alguma confissão?

Devo arrancar a folha e queimá-la?

Domingo, 14 de fevereiro de 2010

Gosto de escrever nos domingos, e especialmente aos domingos de manhã, após a celebração. Fazer homilias costuma me dar boas ideias para homilias. Enquanto falo, vou sentindo a temperatura da assembleia, passando suas expressões em revista, medindo o impacto deste ou daquele termo ou tópico, e assim descubro quais terrenos ainda posso sondar e quais nós ainda tenho que desatar.

Ataco logo as lembranças que pude reter com meu termômetro de reações e caretas e de lá desencavo a matéria-prima com que trabalhar. A coisa sai sem forma da memória, meio impressionista e grotesca mesmo, mas é assim que gosto de trabalhar. Uma vez que os olhos arregalados, narizes torcidos, cenhos franzidos, olhares desviados, “ohs”, “ahs” e “humpfs” se empilham em cima da mesa, recolhidos todos do último sermão, sei que já posso começar. Dali em diante é polir, polir, polir.

Hoje um fato muito prosaico me fez lembrar de Abel e pôs-me a pensar numa ideia de sermão que pode funcionar, talvez como uma espécie de parábola. O detalhe é verdadeiramente pequeno, quase banal, e só foi salvo do esquecimento das coisas desimportantes porque fez comigo o que as *madeleines* faziam no livro de Proust. Me arrastaram numa espiral de memórias que acabou me levando a um lugar epifânico.

O que aconteceu foi um simples erro de pronúncia no responsório da celebração, cometido por um velhinho que estava sentado à primeira fileira. Quando deveria dizer “Glória a vós, senhor”, ele insistiu no “Glória a nós, senhor”. Viesse de outra pessoa e eu estaria a me perguntar se não seria um ato falho de narcisismo, mas não creio que fosse o caso. Já vi aquele pequerrucho senhorzinho sentado muito solitário no banco do lado de fora da igreja — só seria mais pitoresco se tratasse os pombos. Com ou sem pombos, parece a mim estar longe da fogueira das vaidades.

Como existem diversas ocasiões em que a tal resposta é dada ao longo da missa, o velhinho acabou me levando várias vezes a lembrar de Abel, que praticava uma corruptela parecida. No caso deste, o erro se dava na oração do “Salve Rainha”, que logo depois de uma introdução elegíaca, diz: “A vós bradamos, os degradados filhos de Eva”. Nessa parte, o Abel dizia “os degradados filhos de Eva”.

Erro mais que perdoável, diga-se de passagem.

Eu notei esse pequeno deslize dele na época do seminário ainda, mas jamais o mencionei, pois sei que isso só o faria se sentir mais acanhado do que o usual. Uma correção, ainda que bem-intencionada, dificilmente traria algum benefício ali. Deus, Jesus, Maria, o Espírito Santo ou quem quer que fosse o intercessor específico que Abel tinha mente, nenhum deles iria se importar com aquilo. Se a fé ultrapassou o latim que os camponeses medievais e os índios sul-americanos não falavam, por que é que tropeçaria numa mísera letrinha?

Quando me dei conta do erro pela primeira vez, pensei que quem rezava errado era eu. Supus que eu estava pondo um ro-có onde não havia, enfeitando com volutas uma passagem que era lisa. Cheguei a checar o verso no latim e acabei até o memorizando. “*Ad te clamamus, exsules, filii evae*”. De fato, estava lá o “*exsules*”: “degradados”, “exilados”, “expulsos”. Reassegurei-me da virtude poética daquela oração criada por um monge alemão, uma de minhas favoritas, mas mantive meu silêncio junto de Abel.

Ouvi-o muitas vezes repetir isto, e mesmo depois do seminário, quando ele comparecia a várias celebrações que eu presidia. Na maioria dos roteiros dos missais não consta a oração, mas como a aprecio, faço questão de puxar uma, próximo do fim da missa, de modo que não faltaram oportunidades para ouvir o tal “degradados filhos de Eva” da boca de Abel. E mesmo assim, foi somente agora que me dei conta de que talvez houvesse algo de mais profundo nisso.

Custei a notar que havia uma certa coerência inconsciente nesse erro de Abel, pois a humildade existencial em que

ele vivia tornavam-no um ser próximo da pureza, dono de uma inocência que não se costuma enxergar nas pessoas. Não digo que ele não tivesse pecados, mas que aqueles que carregava deviam ter sido cometidos como que por acidente, desprovidos de intenções malsãs. Não tinham sido praticados com a consciência de sê-lo, ao passo que nasciam meio eximidos. Ou seja, se alguém estava em condições de se eximir do degredo dos filhos de Eva mencionado pelo “Salve Rainha”, a terrível expulsão do Éden, esse alguém era Abel.

O pecado original parecia passar ao largo dele porque sua constante ocupação em operações concretas e seu peregrino serviço aos outros praticamente lhe preservavam da consciência, e mesmo das intenções e seu efeito dúbio. Não que Abel fosse imune à herança da fome primordial que levava o Homem a comer da “árvore da ciência do bem e do mal” — para usar essa expressão gasta —, mas sim que ficou tanto tempo sem comê-lo que esqueceu do gosto. Jejuou por tão longo período que secou seu palato e tornou-se imune ao sabor ambíguo do fruto proibido. Aprendera tão bem a encarnar a condição de cordeiro, essa condição tão recomendada pela religião, que acabou por se livrar do degredo dos filhos de Eva. Podia dizê-lo seu “degradados” sem soar presunçoso, e o fazia, precisamente porque não tinha consciência de que o fazia.

Quem via como Abel se dispunha a ajudar a todos e não se indispunha com ninguém, podia pensar que ele era alguém aferrado a uma penitência. “Vivia pagando promessa”, dizia o Desidério. Não creio que fosse isso. Era da sua natureza ser assim. Ele simplesmente era desse modo e pronto. Sem motivos ulteriores, sem intenções disfarçadas, sem tartufices. Se aparentava penitência, era por conta da profundidade de sua humildade, antes do tamanho de sua culpa.

Como apagou suas vontades, Abel acabou também com sua vaidade; vivia contente porque vivia contentado. Hipotecou-se à Divina Providência, ao passo que não vivia assolado pelo peso de suas próprias intenções. Assim, pôde aceitar o

destino mortal da Criação, da matéria, que era o de não ser eterna. Em outros termos, degradar-se.

Abel era um "degradado", sim, mas não um "degredado".

Pensando bem, talvez fosse isso que estava por detrás da sua estranha confissão.

Quando começou a dobrar as coisas de acordo com seus projetos ao invés de dobrar-se às coisas d'O projeto, sentiu-se arrogante, um soberbo. Contrariou a humildade de sua natureza. Trazer o sítio mais moderno, lidar com dinheiro mais grosso, vestir-se com mais aprumo, morar com mais conforto, dirigir com mais segurança, entreter-se com mais recursos. Mais, mais, mais, mais, mais.

De fato, a leitura da cobiça não é desarrazoada nesses termos.

Turvou-lhe a consciência por ter tomado consciência — simetria linguística medonha; Desidério havia de se regalar filosoficamente com isso.

O que terá sido mais penoso a Abel: mortificar-se sob o bálsamo da inocência ou fartar-se sob o império da culpa? Gostaria de poder responder essa pergunta com convicção, mas não sou capaz. Tudo o que consigo fazer é alinhar conjecturas.

Pode ter sido uma coincidência, mas nunca tinha me procurado para uma confissão antes. No seminário e mesmo alguns anos depois, até se casar e ficar com o sítio dos pais, jamais me buscou com essa intenção. Eu o visitava e ele passava pela casa paroquial várias vezes, então não faltaram oportunidades. Talvez tivesse a ver com algum constrangimento, mas também podia ser a ausência anterior desse pecado que finalmente o levou até meu confessor.

Como posso saber?

Conjecturo, ruminando a pergunta: terá Abel rezado suas derradeiras "Salve Rainha" com ou sem o erro?

Segunda-feira, 15 de fevereiro de 2010

Desidério me ligou agora há pouco. Esperava antes a ligação do Papa me convidando para fazer parte do colégio cardinalício do que a dele. E em hora avançada ainda. Deixou-me pensativo e adulou-me a ansiedade. Sei que custarei a dormir, então por que não tentar dissipar alguma preocupação no papel?

Parecia apreensivo, foi muito breve, explicou-me quase nada. Disse, entre alguns meneios formais de cordialidade, que “precisamos conversar”, e acrescentou que “é algo delicado, que é melhor ser dito pessoalmente”. Não creio em uma reavaliação de atitudes da parte dele, nem num movimento de concórdia, tampouco numa tentativa de desculpas. Desidério não funciona desse jeito, não é o tipo de pessoa inclinada a esses comportamentos. Tende antes a engarrafá-los no seu interior para forçá-los ao exílio da inconsciência, ou, então, no máximo, vive seu orgulho ferido como uma crise de consciência. De um e de outro modo, guarda as coisas no seu íntimo, esconde-as ali para não precisar reconhecê-las para outrem que não a si próprio.

Se não isso, entretanto, o que quer?

Me intrigou também a presteza com que sugeriu que nos encontrássemos na casa paroquial. Parecia até contatar-me nas capacidades de padre, e não como conhecido pessoal. Talvez queira se esconder atrás dessa formalidade para não ter de admiti-lo para si que recorreu a mim. Tentará olhar a batinha antes de mim. Não, não pode ser isso, ele nunca gostou de prestar deferências a padres antes, não vai começar agora.

Bom, independente do motivo, fui pego de surpresa e não pude dizer outra coisa além de “tudo bem”, sem sequer pensar se isso queria ou não dizer alguma coisa. Era uma resolução prática, afinal. A casa paroquial dava alguma formalidade e discrição à situação, não sugeria uma simples distensão como se fosse num bar ou restaurante, nem familiaridade como se fosse a sua ou a minha casa. Certo, creio que são todas essas

precauções razoáveis que ele deve ter tomado, mas ainda não se explica a motivação da ligação ou do encontro.

Que assunto há por detrás disso?

Será que passa por alguma aflição? Recebeu algum diagnóstico terrível? Perdeu alguma pessoa próxima? Acho que se fosse a morte de algum amigo ou parente ele teria dito. Seu pai ainda é vivo, mas que eu saiba não se encontra mal de saúde, e tampouco seus irmãos. Nunca se casou, que eu saiba, e não tem filhos — mora sozinho num apartamento elegante num prédio grande, pelo que me disseram. Espero, então, que não seja o próprio Desidério quem padece de alguma enfermidade. Sua perna manca nunca lhe ofereceu um risco dessa natureza. É mazela daquelas crônicas, não das fulminantes.

Quererá ele talvez nova oportunidade para uma desforra? De fato, havia iniciado uma investida contra mim da última vez, e penso que só parou quando a tempestade assaltou a igreja. Enfiou-lhe algum bom senso nas ideias, isso sim. Foi dissuadido. Pode ser só momentaneamente, no entanto. Quem sabe espera amanhã levar a cabo o que deixou inconcluso alguns dias atrás.

Mas não...

Desidério soava apreensivo ao telefone, preocupado, mesmo. Parecia não querer estar ligando. E não seria tão insidioso a ponto de se passar por coitado para atrair-me a uma armadilha. Era orgulhoso demais para esses salamaleques teatrais, impetuoso demais para tocaias dessa natureza. Nesse aspecto era irrepreensível: deixava logo suas impressões muito claras para os outros, não os enganava. Se tinha um pecado, não era este.

O aniversário de morte de sua mãe está longe também, não deve ter nada a ver com o telefonema. Ela faleceu no início de novembro. Imagino que seja uma data muito ruim para Desidério, pois deve ainda assombrá-lo o fantasma da promessa não cumprida à mãe. Quando ela morreu, ele se tornou especialmente agressivo, amargurado mesmo, recebia mal os colegas que tentavam tocar no assunto, e se irritava também

quando alguém tentava contorná-lo. E aí de quem tentasse falar em “conformar-se” ou “aceitar os mistérios e planos de Deus”. Desidério reagia feroz, cobrindo-o de xingamentos.

Minha impressão é que, quando a mãe morreu, ele já estava quase convencido de que devia largar o seminário e que ser padre não era sua vocação. Penso até que estivesse planejando contar aos pais a situação, pois já havia programado uma visita à casa deles no feriado de 15 de novembro, que naquele ano seria numa quinta-feira, se não me engano. Uma trombose coronária, no entanto, tomou-lhe a mãe antes disso, adiantando a viagem à casa dos pais.

Pode ser que eu esteja costurando fatos com fios de imaginação aqui, mas a coerência da costura foi sempre muito forte. O que sei é que Desidério ficou desarvorado, sentiu a morte da mãe como mais um de uma sequência de infortúnios que a vida lhe impunha. O mais doloroso deles, certamente. Além da natural tragédia da orfandade materna, ele ainda ficou devendo o cumprimento da promessa à memória dela, pois a morte chegou antes que a mãe pudesse libertá-lo das expectativas da ordenação religiosa.

Estou a tergiversar. Ele não quer falar da mãe falecida.

O que quer, pois, o Desidério?

Olho no calendário à minha frente e não posso evitar sorrir para as convergências misteriosas. Amanhã é dia de Santo Onésimo. Diante disso, como não deixar acesa ao menos uma pequenina esperança? Não foi ele que, convertido por São Paulo na prisão, retornou à cena do crime para resolver seus agravos e pedir perdão? O improvável telefonema talvez seja a oportunidade de aparar arestas e corrigir antigas faltas. Em meu caso, diferentemente de Santo Onésimo, o ensejo para a desculpa vem até mim, em vez de eu ter de ir a ele — são só pequenas curvas e desvios, que a Providência facilmente dá conta de endireitar se quiser.

Mas e se não for nada disso? E se tudo isso, todas essas possibilidades, forem só isso mesmo, possibilidades?

E se for tudo simples esperança,
mera expectativa,
vã espera?
Aguardo como quem confia
ou espero Godot?
Não sei.

Onésimo tornou-se mártir por uma razão e só há uma razão pela qual torna-se mártir... Se essa história tem linhas tortas, só espero que o perdão venha antes do apedrejamento.
Valha-me Deus.

VI.

[A casa paroquial tinha pouco movimento ao final da tarde, menos ainda do que durante o já tranquilo expediente diário. A moça que trabalha como recepcionista algumas vezes na semana já fora dispensada, e, salvo por um outro padre que ficava nos aposentos contíguos ao fundo, distante da recepção, a casa paroquial estava vazia. Clemente aguarda Desidério, e já pegou-se arrumando papéis, canetas e cliques mais de uma vez durante esse tempo. Ele havia programado seus afazeres do dia de modo a tê-los todos resolvidos a essa hora. Chegou a considerar a possibilidade de receber Desidério em seu escritório, reservadamente, mas pensou que essa intimidade pudesse acuá-lo de algum modo, ou fazê-lo imaginar alguma condescendência paternal no ato. Preferiu a casualidade simulada da recepção vazia, meio-termo entre o sigilo que a situação parecia exigir e a não-cerimônia que pudesse pô-lo mais à vontade. Não gostava da ideia de ter a velha escrivã entre eles, pois poderia sugerir uma das hierarquias tão detestadas por Desidério, mas um arranjo de duas cadeiras lado a lado talvez o incomodasse, pois evocava uma familiaridade cheia de ambiguidades. Passados alguns minutos do

horário combinado, o rangido do velho portão de ferro anuncia sua chegada. Clemente levanta-se para ir cumprimentá-lo à porta, e tão logo concluem as saudações formais, sentam-se: Desidério numa cadeira de frente à escrivaninha, Clemente do outro lado dela.]

Desidério: (*hesitante*) Eu preciso falar com você a respeito de algo muito sério.

[Pausa.]

Clemente: (*tentando infundir segurança*) Certo. Pode falar. A recepcionista já foi para casa e o Padre Molinos está lá nos fundos. Não consegue ouvir.

D.: O caso é que... (*suspira*) Marta me ligou sábado e me pediu ajuda quanto a um seguro de vida que Abel havia contratado.

[Clemente fica surpreso com a revelação e também um pouco incomodado de ter sido preterido. Mantém, contudo, o semblante aberto. Desidério nota a ligeira oscilação nas feições do outro e antecipa-se na explicação.]

D.: Provavelmente me procurou pela conveniência, pois a companhia em que Abel comprou o seguro é lá na cidade, não aqui.

[Nova surpresa de Clemente, que franze o cenho. O detalhe não passa despercebido por Desidério, que, confirmando que as consultas psiquiátricas não haviam sido reveladas, mais uma vez toma a dianteira da pergunta.]

D.: Ele provavelmente acabou procurando essa companhia porque vinha frequentando o consultório há seis meses. Deve ter aproveitado isso para contratar o seguro lá ao invés daqui, porque assim podia manter o sigilo.

[Clemente não está preparado para tantas informações de uma vez só. Mostra-se incapaz de ir além desse cipoal de revelações episódicas e chegar na motivação que levava Desidério a procurá-lo. Precisa ainda de algum tempo para catalogar isso.]

D.: (*notando a concentração do outro, prossegue*) Não sei se eu deveria estar te contando isso. Acho que se Marta quisesse, teria te posto a par da situação, mas é que tem algo que eu preci...

C.: (*interrompendo*) Espere um pouco. O Abel ia ao psiquiatra? Com você? Quer dizer, você era o psiquiatra dele?

[Clemente sente-se incomodado por Abel e Marta não terem lhe dito nada a respeito do tratamento.]

D.: (*com leve sarcasmo*) Sim, seu amigo tinha crises e problemas como todos nós.

C.: Mas o que... como ele foi parar lá? Os filhos o obrigaram a ir?

D.: Calma, Clemente. Tem algo mais urgente que isso.

C.: (*irritadiço*) Mas como "mais urgente"? O Abel estava mal, indo ao psiquiatra, e ninguém me disse nada.

D.: Calma, Clemente.

C.: (*falando mais rápido que o usual*) Sim, eu notei que ele estava preocupado e às vezes ficava abatido, mas ele sempre teve esse jeito meio assustadiço, esse retraimento...

D.: Não precisa se explicar. Se acalme, porra!

C.: (*impaciente*) Ora, fale logo de uma vez, então!

D.: (*pigarreia*) O que é urgente é que o valor que cabe ao beneficiário do seguro, Marta, é (*pausou, e depois disse o resto da frase rapidamente*) praticamente o mesmo valor da dívida deles por conta dos aviários...

[O barulho do portão de ferro faz Desidério interromper-se e os dois olharem para fora, pela vidraça. Uma senhora idosa transpõe a calçada e anda até a porta da casa paroquial. Entra e saúda os dois, sentando numa cadeira do lado esquerdo da porta para esperar sua vez. Clemente se atrapalha todo para descobrir o que ela deseja, pois está perdido dentro da sua cabeça tentando pesar as implicações do que acabou de ouvir. Após vencer a insistência da velha senhora em ser atendida antes de Desidério, a encaminha para os fundos da casa paroquial, para falar com Padre Molinos, e uma vez resolvido o imbróglio, volta a se sentar.]

C.: (*falando mais baixo que antes*) O que isso, todo esse negócio do seguro, quer dizer?

D.: (*mantendo a voz baixa*) Não te parece óbvio?

[Clemente desvia o olhar de Desidério. Volta o rosto para o chão e força o raciocínio. Quando ergue a cabeça de novo, já tem os olhos mais arregalados que antes.]

C.: Você acha...

D.: ...

C.: Ele não seria capaz de uma coisa dessas...

D.: Eu não sei o que pensar. (*pausa*) Por isso é que vim aqui. Sei que você tinha mais contato com ele e com a família e...

C.: Mas não pode ser...

[Clemente está com a cabeça erguida, com uma das mãos nela, os olhos perdidos, porque olhavam para dentro antes do que para fora. Ele estava no presente, mas sua consciência corria em direção ao passado, vasculhando cada episódio à luz dessa hipótese, testando-os. O resultado da checagem o deixava com algumas rugas à testa e a boca meio aberta, como que embasbacado.]

C.: Mas não pode ser...

[Clemente não consegue voltar ao presente. Está como num transe. Desidério aguarda com o olhar baixo, sentindo a mesma dor de cabeça de sábado aproximando-se, passo a passo.]

D.: *(tentando quebrar o torpor sinistro que tomara o ambiente)* Você disse que ele estava "preocupado" e "abatido" às vezes. Tem alguma coisa que ele tenha dito ou feito nos últimos tempos que te leve a crer que ele pudesse...

C.: *(ainda confuso)* Não é possível. *(pausa, pisca os olhos com força)* Quer dizer... *(pausa)* Ele sempre teve esse jeito humilde e preocupado, estava o tempo todo atento aos outros. Mas nada que...

[O silêncio toma conta da recepção novamente, cada um dos dois tentando processar mentalmente a situação, guardando cada qual seu próprio segredo acerca de Abel. Assim ficam por longos instantes. É Clemente quem rompe o torpor dessa vez.]

C.: Mas, mas foi um acidente que matou ele. O suporte do silo com a ração das galinhas quebrou e tudo caiu em cima dele. Foi isso!

D.: Pois é. É o que eu acho... ou o que eu quero achar. Não sei. Tudo parecia ser só isso até a Marta ligar. Tu não acha que o fato de o valor do seguro ser tão próximo do valor da dívida é muito estranho?

C.: (*forçando tom de incredulidade*) É só uma coincidência. Nada mais. Só uma triste coincidência.

[Novo barulho vindo do portão de ferro. Os dois arrumam-se nas cadeiras de sobressalto. Olham para fora, mas é só o vento. A velha de antes não havia fechado a tramela direito. Clemente retoma, e nota que assume o tom tranquilizador e paternal com que se despede dos recém confessados.]

C.: Não passa disto: uma coincidência. Só isso.

D.: Como você pode ter tanta certeza?

C.: (*sente-se acuado*) Abel não faria uma coisa dessas. Impossível. Tenho certeza.

D.: (*levantando as sobrancelhas*) Tem certeza mesmo?

C.: Ora, Desidério. Se escute falando o que está falando. Não te parece coisa de doido? Não acha que está exagerando, não?

D.: (*tinha uma réplica, mas desiste*) Espero que sim. (*pausa*) Tomara que eu esteja. O que me incomoda é que... é que as coisas que o Ab...

[Mais uma vez o portão range lá fora, fazendo Desidério calar-se e pondo os dois inquietos novamente. Clemente olha o relógio da parede e nota que faltam só alguns minutos para o fim do expediente. Decide trancar a porta da casa paroquial, deixar a chave na porta para o Padre Molinos, e pedir a Desidério que

passem à saleta à esquerda do cômodo que servia de recepção. Este aceita e logo sentam-se os dois nas cadeiras que lá estavam.]

C.: (*encoraja Desidério a prosseguir*) Pois então...

[Sentado assim de frente com Clemente, as cadeiras levemente desalinhadas, Desidério se sente estranho. Pela situação e pelo assunto. Está sentado sem se apoiar no encosto da cadeira: costas curvadas para frente, cabeça baixa, cotovelos apoiados nos joelhos. As mãos estão unidas e os dedos entrelaçados.]

D.: Bom, eu não devia falar disso, mas é que eu não sei o que fazer. (*não encara Clemente*) A coisa é que... O que me incomoda nisso tudo, em toda essa situação, é a suspeita, sabe? Sim, eu estou dizendo pra mim mesmo o que você acabou de dizer: tudo não passa de uma bizarra coincidência, afinal, o Abel morreu esmagado por um silo de ração, não é? (*hesita*) Mas desde que Marta ligou e essa merda de suspeita surgiu é basicamente tudo o que tenho feito: tentar me convencer de que é tudo coincidência. (*pausa*) Uma parte de mim insiste em achar que não se trata disso. (*pausa*) Eu não devia falar disso, mas...

[Desidério para de falar. Clemente, muito atento, tenta confortá-lo de algum modo e fazê-lo continuar.]

C.: Não tenha medo, pode falar.

D.: (*respira mais fundo*) É que Abel... nas consultas... ele parecia perturbado. Quer dizer... ele sempre parecia meio perturbado... Lembra que eu sempre te dizia isso, desde a época do seminário? Que ele andava pisando em ovos perto dos padres, perto dos pais, dos tios, dos avós. Ele sempre foi uma pessoa preocupada. Vivia sempre olhando por cima do ombro pra ver se tinha incomodado alguém, ofendido alguém, perturbado alguém.

Lembra que ele dizia, repetindo o conselho da mãe ou de alguma tia, que não se devia andar pra trás, porque “quem anda pra trás pisa no cabelo de Maria”? Então, Abel estava sempre, sempre...

[A voz de Desidério parece falhar um pouco, ficando embargada pela fala ligeira. Ele se interrompe para tentar se recompor, as mãos a tremer. Clemente nota e tenta intervir.]

C.: Calma. Não precisa falar tudo de uma vez.

D.: (*ainda alterado*) É que... é que... como eu ia saber? Eu não tinha como saber. Eu tentei saber o que se passava com ele, mas ele tinha sido uma pessoa meio angustiada, meio apreensiva desde que eu o conheci. O que ele vinha tendo nos últimos tempos, quando veio no consultório, não era assim tão diferente das coisas que já afligiam ele na época do seminário. Ele andava todo acabrunhado e agora não era diferente. (*pausa, retoma irritado*) Só que agora era por conta dessa porra de dívida que ele se arranjou. Quando não era aos pais ou aos padres que tinha que bater continência, era a essa merda de cooperativa, a esses protocolos sanitários, a esse padrão de qualidade, a essa modernização, a essa porcaria de atitude empreendedora.

[Enquanto falava, Desidério gesticulava de modo enfático. Apontava dedos, punha as duas mãos à frente como a apresentar uma prova, voltava as mãos à cabeça. A agitação do relato deixou-lhe o rosto afogueado e os olhos rasos d'água. Era difícil dizer se as lágrimas represadas nas pálpebras eram de tristeza ou de raiva.]

C.: (*entre suave e firme*) Calma, Desidério. O Abel não se matou! Ele sofreu um acidente e, infelizmente, morreu.

D.: (*erguendo os olhos, acusatório*) Você também quer se convencer disso, não é?

[Clemente engoliu em seco, lembrando da confissão de Abel. Por causa dela, o escrutínio de Desidério era insuportável. Os olhos injetados e marejados deste perfuravam a serenidade de Clemente.]

D.: Você provavelmente está certo, mas não tem uma parte de você que duvida disso? (*pausa*) Não era você que sempre ficava rindo da minha “mania cartesiana”? Pois bem, todo o meu cartesianismo aponta na direção de um acidente, mas alguma coisa, uma coisa não-cartesiana, me diz que talvez não seja. O Abel chegou no consultório se queixando de insônia e de palpitações, dizendo que andava muito preocupado. Toda vez que narrava algum desses eventos tinha alguma coisa a ver com os aviários. Era o parreiral que ele teve que derrubar para construir o segundo aviário. Ou os frangos que ele não podia mais criar soltos no terreiro. Ou as vacas que ele lutou pra não tirarem dele. Ou as regras que ele tinha que seguir para ter selo de qualidade produtiva. Ou a porcaria da sirene dos aviários que ele tinha que socorrer toda vez que soava. Ou os filhos com que ele não se entendia mais, porque eles já cresceram dentro dessa lógica competitiva filha da puta e ele não. (*pausa, recuperando o fôlego*) Isso tudo era demais pra ele. Criou uma situação em que ele não se encaixava mais na rotina do sítio. Acabou por se convencer que “só estrovava”, como ele mesmo dizia.

C.: (*tentando não irritar Desidério*) Entendo isso, e sinto muito. Muito mesmo. Eu percebia uma certa angústia no Abel quando ele falava de todas essas mudanças, dessa modernização. Mas isso não significa que ele se matou.

D.: Você só fala desse jeito, com essa convicção, porque não estava lá nas consultas. Não ouviu ele falar. E ele falava. Muito. Imagine só: Abel, o quase-mudo, falando pelos cotovelos! Isso não quer dizer que alguma coisa estava errada? (*adotando entonação mais suave*) Por favor, Clemente, não me faça

atropelar minha ética profissional por nada. Estou te falando coisas que não deveria falar, então escute.

C.: Mas o que você quer que eu faça? Que eu confirme sua hipótese doida de suicídio?

D.: (*num rompante*) Eu não sei!

[Se impõe o silêncio, que Clemente não ousa quebrar.]

D.: E se eu tiver deixado passar uma informação crucial, Clemente? (*a voz treme*) E se essa informação tivesse salvado ele?

[Desidério desiste de tentar evitar o choro e deixa as lágrimas correrem. Põe a cabeça entre as mãos, envergonhado. Hesitando, Clemente pousa sua mão no ombro dele e busca confortá-lo de algum modo.]

D.: E se ele estivesse tentando me avisar de algum modo? (*funga, limpando as lágrimas com as costas da mão*) Ele sempre foi uma pessoa preocupada, por isso é que eu devo ter deixado passar alguma coisa. Era e não era o mesmo Abel de antes. A subserviência da época do seminário virou a culpa de agora. Mas não era culpa antes também? E não era subserviência agora? Em termos de aparência davam quase na mesma: faziam ele ficar sempre com aquele jeito acanhado e cabisbaixo, quase servil. O detalhe é que antes, sei lá, ele era assim por conta de uma obediência aos outros, parte de toda a sua cultura de criação, de reverência à autoridade. E agora, por outro lado, é como se ele estivesse acabrunhado por conta de suas próprias ações. Mas... não sei bem se é isso. (*funga de novo*)

[Espera antes de continuar. Clemente permanece quieto, ouvindo atento.]

D.: É como se... como se antes ele se dobrasse a uma vontade alheia à sua, então se algo ruim acontecesse, era em virtude dos outros. Era submisso, subserviente, sim, mas entendia que esse era um fato da vida, e por tal não se incomodava com isso mais do que o necessário. Agora, no entanto, sentia que os problemas se deviam a ele próprio, como se tudo o que estivesse ocorrendo fosse responsabilidade sua, decorrente de suas decisões. Culpa sua. *(mais algumas lágrimas caem de seus olhos)* Atormentava-se contando que a ideia de criar galinhas tinha sido sua, mesmo que essa decisão tivesse sido tomada bem antes de toda essa mudança de modernização. Coitado. Achava que a dívida, as mudanças no sítio, os conflitos familiares, enfim, tudo era culpa sua. Sucumbia sob esse peso. *(irritado)* Enfiaram-lhe na cabeça essa besteira de “empreendedorismo” e o martelaram de tal modo com a ladainha do “ser responsável por sua própria prosperidade” que acabaram por convencê-lo disso. Coitado. Deram conta de transformar a merda das oscilações de mercado em crise de consciência, e as crises econômicas, as manobras corporativas, em dilemas pessoais. Filhos da puta! Pobre Abel. Eu devia ter tratado isso como se fosse algo mais grave, mais sério...

[Desidério esconde novamente o rosto nas mãos. Clemente novamente tenta consolá-lo. Aplica-lhe acanhados tapinhas nas costas.]

C.: Você não tinha como saber, Desidério. Não se culpe.

D.: *(fungando)* Eu tô tentando.

C.: Essa “culpa” de que você fala, ela não se devia ao fato de que agora ele é, era chefe de família, e de que, portanto, tinha mais responsabilidades que antes, quando estava no seminário, era jovem e tinha os pais vivos? Não é um processo um tanto... natural, apesar de difícil, e até traumático?

D.: (*ainda fungando*) Talvez. Cheguei a pensar nisto. Cheguei a pensar em uma crise de meia-idade também, precipitada por alguma alteração hormonal, mas nenhum exame era claro nessa direção, porque as alterações eram poucas, estavam dentro de uma curva aceitável para a idade dele. O que foi me afastando disso, dessas hipóteses, é a recorrência com que acabava mencionando a dívida, as mudanças no sítio. Pensando de frente pra trás, uma linha de argumentação pode ser reconstruída a partir dos relatos de Abel, mesmo que ele próprio não tivesse consciência dela: ele sentia que “estrovava” a rotina que se estabelecera no sítio e sentia que a culpa desse estado de coisas era sua.

C.: A maneira como você sempre descreveu Abel é essa, não é? Alguém que vive pisando em ovos perto dos outros, que sente que “estrova”, que é subserviente e que vive culpado. Não é isso?

D.: Sim! E esse é o ponto: ele era e não era essa mesma pessoa! Deus do céu! O que foi que eu deixei passar? O que foi que eu não vi?

C.: Talvez não haja alguma coisa a se ver aqui. Não pode ser esse o caso?

D.: Talvez. Não sei... Não sei. Não sei! Caralho!

[Desidério levanta da cadeira, inquieto. Chega a virar para o lado e ensaiar um ou dois passos, mas volta e se senta novamente.]

D.: O problema é que... Não sei como explicar isso. Vai parecer besta isso, mas sabe quando todos os elementos da explicação estão ali, mas alguma coisa não bate? Como se fosse uma coisa meio intangível, meio imponderável. Se eu fizesse uma tabela com duas colunas, uma dizendo “Abel da época do seminário”

e a outra “Abel de agora”, e colocasse as características de personalidade como linhas, eu provavelmente ia colocar X dos dois lados, porque todos os adjetivos que eu usaria para descrever ele antes, eu usaria também agora. Inquieto, preocupado, subserviente etc., etc., etc. Então, sim, quando eu olho pra coisa, dá a impressão de que não tem coisa nenhuma pra explicar: tava tudo ali antes, tá tudo ali agora. Mas ainda assim, digamos que a soma final não bate. A inquietação do Abel de antes era um troço diferente. E o mesmo se dá pra preocupação e subserviência. *(interrompe um pouco o raciocínio)* Devo estar parecendo meio maluco, né?

C.: *(com um leve sorriso)* Maluco não, mas pouquíssimo cartesiano.

D.: *(riso discreto)* Bom, de qualquer modo, era assim que a coisa me parecia. Lembra que na época do seminário eu ficava com raiva porque não acreditava que o Abel aceitasse numa boa os mandos e desmandos dos padres, pais, tios e avós, né? Então, uma parte dele se curvava a essas autoridades, mas de um modo, digamos, tático. Ele era obrigado a se dobrar porque essa era a maneira como o mundo funcionava, ou pelo menos a maneira como ele foi ensinado que o mundo funcionava: através de uma hierarquia, a qual implicava uma cadeia de mando e obediência. Então, olha só: se ele contrariava sua vontade, seus próprios desígnios, é porque algo externo se impunha sobre ele. Sempre pensei que uma parte do Abel não gostava disso, e até sofria por ter de acatar a essas coisas, essas ordens dos outros, mas, se essa parte existia, é porque essa vontade própria dele, esse “eu”, existia e tinha desejos e desígnios próprios. Por isso, dobrar-se era uma fatalidade que o mundo impunha, uma tragédia, digamos. E uma que ele aceitava resignado, com certa resiliência, até. *(pausa)* O que estava acontecendo com ele agora, mais recentemente, era algo diferente. Talvez muito diferente. Não sei. *(pausa)* Não sei... tenho a impressão de que

dessa vez a situação parecia diferente aos olhos de Abel, e porque a ideia de criar galinhas foi dele — pelo menos era isso que transparecia nas consultas. A ideia que eventualmente levou ele a construir os aviários, a contrair dívidas, a se integrar na cadeia produtiva etc. veio dele. Mesmo que inúmeros fatores externos tenham influenciado nessa decisão, talvez até tornado ela meio que inevitável, não foi assim que a coisa lhe pareceu. Desde a pressão dos irmãos até as mudanças administrativas da cooperativa, das urgências domésticas até a incapacidade dele de competir com o novo modelo produtivo, tudo isso o levou à decisão. E, ainda assim, não foi desse modo que ele viu a situação. O resultado disso foi que o ônus de tudo o que acontecia passou a recair em cima dele. Se fosse pra dar certo ou pra dar errado, ele era imediatamente responsabilizável. Coisas que não dependiam do esforço de Abel passaram a ser vistas por ele como resultado direto de sua ação ou inação. Por isso a culpa, essa responsabilidade desequilibrada. Entende? *(pausa)* A coisa não aparecia pra ele como antes, nos termos de uma imposição externa que ele aguentava firme. Agora ele se culpava por seu próprio infortúnio. Antes e agora era uma tragédia, mas antes havia algo de heroico, agora era só uma ironia meio patética.

[Desidério respira aliviado. Parece ter descarregado algo de ruim que trazia dentro de si. Clemente vivencia o sentimento oposto. Encontra-se apreensivo, não sabe o que fazer com tudo aquilo que ouviu.]

C.: *(hesitante)* Mas você acha que isso era algo tão ruim que tenha feito ele querer...

D.: Não sei. É por isso que vim falar com você.

[Os dois se encaram, ponderando cada um consigo próprio o que fazer ou dizer. Passados alguns instantes, são tirados de

dentro de suas cabeças por três batidas na porta. Desidério se levanta de um salto e dá alguns passos pela sala, embaraçado; Clemente ergue-se da cadeira e se dirige à porta. É o Padre Molinos, avisando que terminou o atendimento da velha senhora e vai embora. Clemente se despede dele e torna a fechar a porta. Na sua inquietação, Desidério levantara para colocar-se fora do ângulo de visão de quem estava na porta. Fechada esta, acabou por se sentar na cadeira em que antes estava Clemente.]

C.: *(se sentando)* Tenho algo que quero dizer. *(pausa, respira fundo)* Ano passado, uns sete meses atrás, Abel me procurou aqui na casa paroquial. Veio se confessar. Não sei se ele costumava se confessar, acho que não, e nunca tinha se confessado comigo. Foi bastante estranho, para falar a verdade. O que ele contou na ocasião talvez tenha alguma ligação com o que você está falando. *(se retrai)* Acho que eu não deveria...

D.: Ora, diga, Clemente! O assunto é sério! Eu violei a confidencialidade de médico e paciente, não me venha com carolices quanto ao segredo de confessorário!

C.: *(aperta a nuca com a mão, contrariado)* O Abel... Quando ele veio aqui... a principal coisa que ele veio confessar foi o que chamou de "cobiça", algo que suponho que tenha a ver com as mudanças do sítio, com... enfim, a modernização.

D.: O Abel? Cobiça?!

C.: Pois é, foi como eu reagi também. Tive que me esforçar para não demonstrar. Não queria ser condescendente com ele. Como não cabe a mim julgar os pecados dos outros, não tentei dissuadi-lo, nem tentei convencê-lo do contrário. Somente o confortei e dei-lhe a absolvição.

D.: Mas o que ele disse? Ele só falou “cobiça” e passou pra outros pecados? Ou explicou alguma coisa?

C.: Ele falou de coisas do sítio, disse que se sentia mal por ter hoje, comparativamente à época do seminário, por exemplo, mais recursos e mais conforto. *(pausa)* Penso que sua humildade profunda se sentia ofendida por ter hoje condições melhores do que os pais tiveram. Penso que isso tudo tinha algo a ver com as pregações cristãs também, sabe? Toda a longa retórica do camelo e do buraco da agulha, das dificuldades dos ricos em relação ao Reino dos Céus. Penso que ele deve ter se fiado em coisas desse tipo. Ele era uma alma sensível e deve ter ficado melindrado por viver melhor que seus pais *(se interrompe)*, quer dizer, pelo menos em termos materiais, digamos.

D.: Mas ele se sentia culpado por isso? *(pausa)* Bem, claro! Do contrário não teria buscado a confissão. *(colhe as implicações da constatação)* Deus do céu!

C.: Abel era um sujeito dotado de profunda humildade, você sabe disso. Ele tinha se acostumado desde sempre a contentar-se com o que tinha e a não se revoltar contra a escassez das coisas ou a precariedade em que sua família às vezes se encontrava. Por isso é que a estabilidade que tinha agora o punha incomodado. Lembra as histórias que ele contava sobre comer tatus e lagartos quando apareciam perambulando próximo do sítio? Então, ele devia tomar esse tipo de coisa como parâmetro para entender a situação em que estava agora. Gostava que a família pudesse desfrutar de certos confortos que ele próprio não tivera, mas também tinha medo de que essas coisas fossem passageiras, e que, quando a realidade retornasse ao seu “normal”, não soubessem mais viver sem elas. *(pausa, pensativo)* Acredito que a dívida pesava sobre a cabeça dele como uma ameaça desse tipo. Se falhassem no pagamento de uma ou duas parcelas do financiamento, podiam ter que

retornar às condições de vida de antes, e ele talvez achasse que tinha “estragado” os meninos para essa vida. A casca de Abel era grossa, e penso que ele se cobrava pela casca dos filhos não ser tão grossa como a dele. *(pausa)* Não que eles fossem ricos, não eram, e a dívida era prova disso, mas tinham acesso a coisas que antes não estavam disponíveis, e isso contrariava a austeridade existencial que ele se impunha, aquela que recebera como educação.

D.: Isso não deixa de ser mais um elemento ligado à criação de galinhas, aos aviários.

C.: É, pode ser. Acho que sim, porque lembro que Abel ficou muito irritado quando surgiu a proposta de financiar um segundo aviário. Se não me engano, foi um irmão dele que apareceu com essa ideia, mas a fez passar primeiro pelos meninos, e isso enfureceu Abel de um jeito que eu nunca tinha visto. Ele se sentiu não só traído, pelo irmão e pelos filhos, mas sentiu também que iam na direção errada, cedendo à ganância de querer mais, de prezar a riqueza, de serem ambiciosos. E tudo isso ao custo de novos financiamentos e do alargamento da dívida a ser paga.

D.: Ele mencionou essa briga numa das consultas, mas somente por alto. Se eu não me engano, isso foi há uns quatro anos atrás, não foi?

C.: Acho que sim, por volta disso.

D.: Pois então, veja só: isso deve ter sido por volta de 2006, quando o preço do frango caiu por causa da retomada da produção do sudeste asiático, depois do surto de gripe aviária. Essa queda provavelmente achatou os ganhos que eles tinham com um só aviário, e pressionou a solução sugerida pelo irmão de Abel.

C.: (*meio cético*) Talvez seja, não sei. Mas ele estava, como você disse, diferente do que era antes apesar de eu não saber em que sentido, exatamente. A sensação que eu tinha era muito parecida com a sua: os traços marcantes da personalidade de Abel estavam todos lá, e mesmo assim tinha alguma coisa estranha nele. Realmente, você tem razão, se ouvir dizendo isso dá a impressão de que a gente é maluco, mas o detalhe é que conhecíamos Abel com familiaridade suficiente para notar mudanças nesse sentido, né? É razoável supor que nossa amizade pregressa, e o fato de eu continuar indo à casa dele, dessem algum tipo de vantagem de percepção, um certo apuro quanto ao conhecimento dele. (*pausa*) Acho que... (*pondera mentalmente*) Bom, não sei, talvez não... (*pausa*) mas se eu fosse colocar o dedo em cima de uma coisa que sinto ter mudado mais, seria ele ter cada vez menos aquela sensibilidade de antes...

D.: (*jocosos*) A “abertura casca-grossa ao sublime”?

C.: É. Isso. A humildade que ele sempre teve não parecia mais dar conta de torná-lo reverente, não o “abria” às coisas, sabe? Você vai rir, mas ele não tinha mais aquele jeito contemplativo de antes. Parecia que tinha se fechado em si, como que numa posição defensiva. É difícil explicar isso direito...

D.: Ele sempre foi quieto, Clemente. Ele “fechar-se em si” não é exatamente uma novidade em Abel.

C.: Você está certo. Não é bem isso. O “fechar-se” que eu digo é diferente, porque antes, quando ele se recolhia em si, a gente via que ele tinha alguma introspecção, sabe? Ele estava pensando coisas, olhando o mundo em volta dele, mas preferindo não falar, por causa do acanhamento natural dele. Era um “fechar-se” sem se fechar de verdade, sabe? (*espera o assentimento de Desidério para continuar*) O “fechar-se” dos últimos

tempos não. Era se fechar mesmo. Se trancar. Não deixar nada entrar, nem absorver o mundo. Não parecia a timidez de antes, parecia mais... sei lá, medo mesmo. Receio, desconfiança, suspeita, sei lá. Como se estivesse esperando alguma coisa de ruim acontecer. O fechar-se dele era uma defensiva mesmo, um estado de alerta constante. Sabe quando você coloca um gato perto de um cachorro e ele fica com os pelos todos eriçados, arqueando as costas, com as garras expostas? Então. Era algo parecido com isso. *(pausa)* Pensando bem, considerando o que tu falou, ele tinha estado mais desse jeito nos últimos tempos. Eu visitava o Abel e a família uma vez por mês, talvez menos. E como costumava ir aos domingos, não era incomum encontrar outros parentes por lá. Eram poucas as vezes em que eu conversava a sós com ele, e, portanto, não eram exatamente comuns as ocasiões em que ele poderia abordar assuntos pessoais desses. Nem era do feitio dele “pôr para fora” essas coisas. Mas, de fato, ele estava mais abatido, mais arredio ultimamente.

[Clemente se cala. Passa a pesar as implicações do fato que acabou de notar em retrospecto. Desidério permanece atento, compenetrado.]

C.: Será que... Será que ele queria me dizer algo quando veio se confessar? *(os olhos mais abertos que antes, assustados)* Pensando agora no fato de que eu ia à casa dele nos domingos, com aquele monte de gente, o Abel me procurar na casa paroquial com o pretexto de uma confissão era um jeito de criar uma ocasião mais reservada. Foi estranho ele ter me procurado para se confessar. *(arregala os olhos)* Será que eu deveria ter... mas, como é que ia saber? Eu dei a absolvição dos pecados para ele... Não é possível que eu tenha...

D.: *(tentando convicção)* Calma, Clemente.

C.: (*falando mais rápido que antes*) Ele devia estar em pior estado do que julguei. Se você estiver certo, ele estava com os ombros e a cabeça muito carregados. Talvez a cobiça que ele confessou tenha mesmo a ver com essa sua impressão de que ele começou a colocar toda a responsabilidade sobre si. (*pau- sa*) Abel nunca foi acostumado a se colocar desse jeito, assim, no centro das coisas. Pense em como era o sítio da família na época do seminário, ou mesmo antes de todas as mudanças da modernização: a casa, o chiqueiro, o paiol, o potreiro e mesmo as plantações e pequenas construções que havia eram antes a adequação aos ditames da natureza do que submissão do espaço à vontade deles. Até nisso Abel havia aprendido a ser humilde! Contornavam árvores, adaptavam a arquitetura da casa ao desnível do terreno, dispunham parreiral, tábua de lavar e paiol nos lugares em que não havia necessidade de violar muito o estado natural das coisas, já estabelecido. (*pausa*) E agora, ou mais recentemente, criavam-se elevações artificiais, cavavam-se buracos fundos, derrubavam-se árvores, sujeitavam o espaço a desígnios “não naturais”, por assim dizer. No modo de ver de Abel, isso talvez ofendesse sua reverência espiritual, como se fosse preciso alinhar e corrigir a Criação de Deus ou algo do tipo. Pensando aqui, tenho a impressão de que isso talvez parecesse a Abel uma arrogância, uma presunção, quase uma soberba.

D.: (*enfático*) Sim! É isso que estou lhe dizendo. Empurraram ouvido adentro essa ideologia imbecil de *self-made man* que vêm martelando há anos na cabeça dessa gente toda. Não precisam nem mais arcar com propriedades ou relações de trabalho, pois já persuadiram a maioria deles de que bom mesmo é “serem patrões de si próprios”. Os que não se deixaram convencer já estão na retranca, não vão poder mais se dar ao luxo da recusa por muito tempo. (*cresce em fúria*) E lá estão, todas as palestras motivacionais, os workshops, as peças publicitárias, os boletins informativos, as competições entre produtores, as

campanhas escolares, os programas de estágio, tudo reforçando essa ideologia tosca de falso protagonismo. Tudo conspirando para terceirizar ônus através das ilusões de tenacidade e diligência individuais. Embelezam um pouco o cabresto e dizem que é uma coroa de louros.

C.: Mas... mas como pode alguém ser ao mesmo tempo soberbo e submisso? Não é uma contradição vivenciar simultaneamente o jugo externo amaldiçoando-se internamente? Seria... seria como...

D.: *(solene, mas perturbado)* Não é precisamente um sujeito desse tipo, afligido por esse tipo de coisa, que busca confissão e tratamento?

C.: *(desesperando-se)* Meu Deus, Desidério. Meu Deus! *(olha para cima e aos poucos brotam-lhe lágrimas no canto dos olhos)* Eu podia ter... Eu devia ter...

D.: *(sentindo na garganta a golfada do pranto)* Como podia você... Como podia eu...

C.: Mas e se...

D.: E se...

[Se calam, aterrados pela possibilidade.]

VII. DESIDÉRIO

18/02/2010

Frustração #4327: Ver o Clemente chorar igual criança e não conseguir nem ter raiva do filho da puta.

Frustração #4328: Mal conter minhas próprias lágrimas vendo o Clemente chorar igual criança.

Frustração #4329: Acho que o Abel se matou.

Queria conseguir praticar o pragmatismo que um paciente meu, P., insistia em demonstrar que praticava. A última consulta dele deve ter sido no fim do ano passado. Ele disse que "morte é morte", e que "não interessa se é morte matada ou morte morrida". Ainda segundo ele, "o que interessa é a diferença entre vivo e morto, porque depois de morto, tanto faz".

Discordo dele. E como! A diferença entre um "morto-matado" e um "morto-morrido", ou entre um "morto-acidentado" e um "morto-suicida", é monumental. As circunstâncias da morte são tão importantes quanto as da vida. Até mais, talvez. Uma morte mal morrida pode alterar uma vida inteira, entortar toda uma trajetória direita.

P. tinha lá suas razões para uma visão tão peculiar da morte. Contratara um boia-fria para capinar as ervas-daninhas de sua lavoura ("os inços", no seu dizer) e uma cobra deu-lhe a picada fatal. O boia-fria seguia as ordens de seu empregador: capinar próximo de um pedaço de mato que havia ficado de pé no meio da soja, enquanto o próprio P. se encarregava da parte mais próxima da estrada. A diferença entre a ordem dada e uma capinação casual pode ter sido o que condenou o boia-fria à morte. Onde a insistência de P. sobre a suposta indiferença da morte, o tal "morte é morte".

Aliás, P. falava "boia-fria" mesmo, ao invés do nome do sujeito, num provável esforço de despersonalização do falecido, parte de um complexo mecanismo de luto.

O raciocínio de P. tem uma lógica árida. Em termos estritamente orgânicos, a diferença crucial é mesmo aquela entre vivos e mortos. Não tem exatamente um erro aí. O que tem é uma supersimplificação com raízes psicológicas. De fato, somos seres naturais, mas somos também seres culturais, logo, morrer não é só morrer. Existe um universo de distância entre um assassinato e um acidente, e P. queria abolir distâncias como esta nivelando as coisas por baixo, no patamar da fisiologia.

Basta ver como P. narra o episódio da morte do boia-fria (ele deve tê-lo narrado no mínimo umas três vezes para mim, sem que eu o tivesse requisitado diretamente). Na porção inicial, P. encontra um modo de inserir, não sei dizer ao certo quão consciente ou inconscientemente, um ou outro lamento sobre a artificialidade da vida e como o mundo moderno tem atropelado a natureza. Passa então, de modo discreto, a lembranças de infância, momento este em que fala de paisagens pitorescas e córregos bucólicos. É somente então que entra na narrativa específica do episódio da picada de cobra, do qual não se sente à vontade para omitir a ordem que dera ao boia-fria. Por fim, faz um rápido cafuné retórico em questões filosófico-existenciais como a "existência ou não de destino" e a "brevidade da vida".

Esse enredo encerra nas entrelinhas a história das mazes íntimas de P., e a arqueologia dele permite trazê-las à tona.

Primeiro vem o embate “modernidade vs. natureza”, que dilui o pequeno episódio da picada de cobra dentro do grande processo de encurralamento do mundo natural. Em segundo lugar, a retomada melancólica da bela natureza pregressa, agora existente só em pequenos oásis no meio da lavoura, como é o caso daquele pequeno pedaço de mato perto do qual foi picado o boia-fria. Por fim, o ventilar da hipótese de destino e o lamento da *vita brevis*. Cada uma dessas peças faz deslizar um pouquinho o peso de seus ombros: a natureza acuada se encarna na cobra, esse fruto indireto da marcha da civilização; a lembrança do pitoresco da infância torna o matinho da lavoura não a tumba do boia-fria mas um compreensível pedaço do paraíso perdido; os tópicos filosóficos cobrem o episódio com o manto dos mistérios da existência e do cosmos.

Tudo ali se encaixa para dar à morte do boia-fria um caráter fatalista, e, por consequência, para dar a P. o benefício da dúvida.

À primeira vista, pode-se pensar em todo esse processo a partir da clássica chave da “elaboração de luto”: nela, P. se encontraria perdido entre uma negação (a recusa em dar nome ao morto, p.ex.) e uma barganha (as piruetas filosóficas da narrativa, p.ex.). Enquanto ele foi reticente quanto ao que ocorreu depois da morte do boia-fria, não me facultando acesso à totalidade dos eventos, fiquei refém dessa hipótese. Porém, conforme ganhei sua confiança, passei a pender para outra leitura.

Haveria uma cavalgar dose de arbitrariedade em tentar responsabilizar P. pela picada de cobra. Ou pelo menos diretamente. Há o imponderável em ação ali, o imprevisível da natureza, a aleatoriedade que ronda todos os acontecimentos. Mas há o depois da picada, e esse é bem menos aleatório. Segundo a narrativa de P., ele acudiu o mais rápido que pôde o boia-fria, mas eles estavam longe um do outro, então um tempo

razoável passou antes que P. o notasse e ajudasse. Levou-o meio arrastado até a sua caminhonete, que estava parada na estrada, também a grande distância. O boia-fria chegou tonto e muito suado ao veículo, e não aguentou vivo até a chegada no hospital (também longe do sítio). A picada foi próxima do ombro, lugar terrível, e o boia-fria tinha problemas cardíacos, o que concorreu para piorar de vez sua situação.

O que agravou esse cenário pós-evento não foi o modo de proceder de P. (bastante arrazoado, dadas as circunstâncias), mas o fato de o estatuto de boia-fria ter piorado em muito a situação já terrível de sua morte. Não tendo contribuído com a previdência em sua vida de informalidade, o boia-fria não tinha reclames de seguridade social assegurados, o que fez com que a urutu se tornasse algoz dele, mas também da família e prole deste: à esposa e aos filhos não cabia pensão ou algum direito. O que P. ficou sabendo dois dias depois, na consulta que buscou junto a um advogado em antecipação a uma disputa judicial, é que a ausência de vínculo trabalhista dispensava P. de responsabilidades legais mais robustas. O que seria feito quanto ao caso, disse-me P. repetindo as palavras do advogado, "era o que mandava sua consciência".

Antes fosse.

Questões mais imediatamente materiais entravam na equação, e eram variáveis poderosas. P. era dono de um pedaço de terra de dimensões módicas, tanto é que, com um par de braços adicionado ao seu, dava conta de se livrar do grosso dos "inços". Ao menos da parte com cultivos agrícolas, que não era a principal. Não fazia muito, P. resolvera entrar no ramo da suinocultura, investindo capital considerável na construção de um moderno "chiqueirão", um projeto que ele herdou do seu (falecido) pai, junto com o peculiar vício de linguagem quanto ao aumentativo (era sempre "chiqueirão", a despeito do tamanho). Foram os compromissos financeiros assumidos por P. para essa instalação que atravessaram os desígnios de sua consciência.

No mesmo carro em que o boia-fria morria a caminho do pronto-socorro acumulavam-se pequenos papéis no porta-luvas. Boleto da ração, taxa pelo transporte de insumos, conta de água e luz, aviso de débito em conta da parcela do financiamento, canhoto do cheque pelas horas-máquina necessárias para a nova esterqueira, comprovante de pagamento do serviço de recolha e transporte dos animais, nota promissória da instalação de comedouros especiais, anotações à mão sobre o pré-datado dado ao veterinário e um extrato bancário mostrando dois dígitos no saldo da conta corrente. Mesmo juntos, todos esses papeizinhos eram muito leves, mas pesavam toneladas na consciência de P.

Tendo já vendido o carro de passeio três meses atrás, ficando só com a necessária caminhonete, não lhe restavam muitas opções que não o deixassem vulnerável ao abocanhar cruel de juros, multas e sanções creditícias. Estava diante de uma variável daquela triste lógica do “matar ou morrer”, e acabou optando (se é que o verbo aqui cabe) pela primeira. Vestiu o fardo da culpa e alguns meses depois desembocou no consultório por insistência da esposa em conspirata com um cunhado, o qual se ofereceu para pagar pelo atendimento (vi por acaso que a nota fiscal das consultas não sai no nome de P.).

O seu “morte é morte” indica que ainda tem considerável trajeto terapêutico a fazer. Esse mesmo “morte é morte” constitui o que se poderia chamar de uma miopia filosófica, mas uma da qual, no momento, eu gostaria de padecer.

19/02/2010

Preciso escrever isso para ver se alguma ansiedade desgruda de mim e se cola no papel. Amanhã vamos ao sítio do Abel. Nem sei direito o que esperamos encontrar lá, nem se eu quero encontrar qualquer coisa. Talvez a dúvida seja melhor. Ir ao sítio pode ser uma má ideia.

Chegamos a essa ideia depois da conversa de terça, desacorçoados tanto eu e quanto o Clemente, sedentos de encontrar algum modo de afastar a hipótese do suicídio, qualquer coisa que seja. Foi uma ideia de desespero, isso sim.

O constrangimento inicial nessa jornada será o de falar com Marta, que ligou pra mim ao invés de Clemente. Terei que me fazer de desentendido e fingir que está tudo bem (nada de novo aí: tenho fingido que está tudo bem já faz vários dias). Se dermos sorte, os filhos do Abel estarão lá e, se entendi as coisas direito, Marta não vai querer falar do assunto do seguro na frente deles. Nesse caso poderemos tratar a situação toda como uma visita de condolência, como, tenho certeza, ela deve estar recebendo várias no último mês (a casa do morto quase sempre vira um ponto de peregrinação por algum tempo depois do velório). Se não isso, persuadimos ela de que se trata de um pequeno passeio pela rua de nossas memórias com Abel, uma pequena expedição sentimental que resolvemos nos dar, espécie de homenagem póstuma ao amigo.

Que mania de explicação, também! É a ansiedade falando, só pode.

De qualquer modo, em último caso posso inventar uma história, dizer que a mãe de Clemente tinha um seguro de vida, e que por conta disso ele tem mais experiência com esse tipo de assunto. Isso. Algo assim. Não é como se fosse uma história toda inventada, porque ele de fato teve sua porção de experiências com mortes de mãe. E não só a dele (que soube que o prostrou), mas com a minha mesmo, afinal, ele foi uma das únicas pessoas do seminário que não resolveu me tomar como um caso de admoestação quando ela morreu.

Aquele bando de padres, também! Não são capazes de perdoar uma revoltazinha contra deus sequer! (Nem todos, claro, mas a maior parte). Como querem conseguir lidar com o pecado se não conseguem nem ser compreensivos com o pecador? Tenho a impressão de que eles idealizaram o pecado assim como a virtude, descolando-os das gentes e do mundo.

O pecado e a virtude vêm sempre em alguém, e dentro de circunstâncias concretas, que poucas vezes são espetaculares (ou bonitas). Acho que eles têm saudades dos tempos do antigo testamento, quando luzes celestes, pessoas falando línguas doidas e trombetas derrubando muros sinalizavam melhor os momentos realmente paradigmáticos. O nosso mundo é todo feito de sutilezas, e dá bem mais trabalho localizá-las e saber se existe alguma “lição cristã” detrás delas.

Em nome da justiça devo dizer que eu talvez não fosse o pecador exemplar, ou melhor, eu talvez não fosse a pessoa mais fácil de se perdoar. Eu tinha uma certa reputação no seminário, e não era a de uma pessoa devota. Perdoar minha dor enraivecida era, provavelmente, bem mais difícil do que fazer a mesma coisa com o Clemente. Ou o Saulo. Ou o Pedro.

Enfim, dane-se. O que sei é que a morte da minha mãe foi dura, foda mesmo. E, forçoso reconhecer, o Clemente esteve lá o tempo todo. Ficou do meu lado quando os outros me xingavam, e pacientemente me aguentou blasfemar o deus dele por dias. Tolerou crises de choro e todas as minhas coléricas condenações ao meu pai, cuja filosofia contábil de vida sentenciara minha mãe a uma vida pedestre e comezinha, da casa pra igreja e da igreja pra casa.

Tudo isso, no entanto, não ultrapassava a maior virtude do alento de Clemente: ele não tentou me dissuadir de minha dor. Não quis me forçar à conformação, ou persuadir-me com toda aquela conversa de “mistério dos desígnios divinos”. Pelo contrário, foi solidário. Não chegou a tomar parte na blasfêmia, claro, mas negou-se a exigir de mim um estoicismo filosófico ou a grandeza moral de aceitar os “fatos da vida”.

Dá pra dizer que ele foi quem de fato respeitou meu luto. Mesmo meus irmãos, que estavam machucados com a perda, não conseguiram fazê-lo. Sob a influência do meu pai, temo que eles já tivessem vestido existencialmente camisa e calça social e pregado o crachá do escritório na alma. Devem ter achado que luto demais podia atrapalhar o expediente.

Divago.

Não, acho que não. Não divago. Entro nesses pormenores porque falo de duas questões que estruturam minha ansiedade: a morte e o Clemente. Ou melhor: o fato de que vou investigar a morte com Clemente. Que merda.

Se bem que ele não é a pior pessoa para se estar junto numa busca dessas. Sei que a situação toda o contraria muito, o deixa arredio, porque ele não quer realmente fazer isso. Ir atrás de vestígios do dia da morte de Abel é algo que lhe causa antes arrepios do que curiosidade (ou curiosidade mórbida). Mas o Clemente é assim mesmo: meio cagão, com certas convicções quadradas, o tipo carolão meio conservador, mas uma pessoa boa.

Já se meteu em roubadas antes, como quando a gente foi num puteiro na época do seminário.

A verdade é que ele não exatamente resolveu ir ao puteiro. Quando aceitou me acompanhar, ele achava que estávamos indo entregar uma hóstia consagrada a Ester e seu marido, dois velhinhos doentes que moravam num sítio próximo, em propriedade vizinha a tal “casa de perdição”, para usar o termo que os padres do seminário adotavam (o puteiro aparecia bastante lá, na reprimenda pública dos padres e no fascínio privado dos seminaristas). Normalmente era o próprio capelão quem levava a hóstia para os dois, mas houvera algum contratempo naquela semana e ele não poderia ir. Meu plano foi persuadir o capelão de que eu era a pessoa certa para substituí-lo na tarefa. O Clemente entrou nisso como uma espécie de álibi, porque não creio que os padres me confiariam individualmente essa tarefa (pois é, a tal reputação).

Eu pretendia que entregássemos a hóstia na casa de Ester e nos demorássemos um pouco mais na de Maria Madalena quando voltássemos, por assim dizer. O caminho do seminário até lá tinha de ser feito a pé, e passava por meio de porteiros, lavouras, pedaços de mato e estradas de terra, leia-se, todos os elementos que ajudariam a explicar nosso atraso.

Saímos do seminário lá pelo meio da tarde, logo depois do fim das primeiras aulas. Nos deram um potinho de folha de flandres, todo decorado com pequenas douraões em baixo relevo e preso em um cordão meio gasto, dentro do qual se punham as hóstias que haviam sido já consagradas. O capelão era quem as tirara do sacrário, pois não tínhamos autorização para mexer ali. Ele se ajoelhou antes e depois de retirá-las, e procedeu com grande cuidado para transferir os dois pequenos discos de massa consagrada de um receptáculo para o outro. Quando deu o potinho nas minhas mãos, não o soltou de imediato. O reteve até que eu o olhasse nos olhos e ele pudesse deixar claro que estava de olho em mim (não era preciso ser particularmente perspicaz para notar as entrelinhas de desprezo ali contidas).

A última (e pitoresca) recomendação que o capelão fez foi a de que devíamos colocar o cordão ao redor do pescoço para poder levá-lo junto do peito, à altura do coração. A solenidade do momento em que ele disse isso, junto com a atenção que Clemente dedicava às instruções, por pouco não me dissuadiram do projeto licencioso que eu tinha planejado para a jornada.

Eu não sabia o que Abel acharia da parada que eu pretendia fazer no retorno, mas ele dificilmente deixaria de nos acompanhar quando nos visse saindo a pé do seminário, então não me preocupei muito. Tanto estava eu correto nisso que mal chegávamos ao fim da estradinha ladeada de ciprestes e ele já tinha se juntado a nós. Acho até que nem perguntou aonde íamos (a camaradagem dele era assim mesmo, silenciosa).

Pelo fato de perambularmos bastante pelas redondezas, estávamos os três acostumados a trilhar ermos, então não nos foi difícil, nem demorado vencer a distância que separava o seminário da casa de Ester. Lá chegando, eu e Clemente fizemos o necessário cerimonial e a entregamos a hóstia, não gastando nisso muito mais do que alguns minutos (Abel assistia mais ao longe, fazendo o sinal da cruz e abaixando a cabeça nos

devidos momentos, sempre silencioso). O marido de Ester, não lembro o nome, dormia na hora, acamado naquele estado meio comatoso de gente muito velha, então não estava em condições de receber a hóstia. Ester estava amarrada à cadeira de rodas pela artrite, falava muito pouco e não parecia muito animada com a ideia de fazer sala para estranhos (perguntou pelo capelão antes de dar “boa tarde”), então nenhum de nós sentiu maiores necessidades de permanecer ali por muito mais tempo do que exigiam as formalidades litúrgicas.

Nenhum de nós tinha relógio, mas suponho que fossem cinco ou cinco e meia da tarde quando iniciamos nosso retorno ao seminário, porque era um daqueles dias curtos de fim de outono, e começava a escurecer. Foi somente então que expliquei meus planos para Clemente e Abel, quando já conseguíamos até enxergar a casa de tijolos à vista e porta vermelha. Abel baixou a cabeça envergonhado, querendo dizer “não” mas sem conseguir; Clemente disse “não” prontamente, me chamando de “mentiroso” e de “maquiavélico” (o Clemente nunca foi bom em xingamentos). Disse ainda que eu podia fazer o que bem entendesse e que o problema era meu, mas que ele e Abel iam voltar ao seminário imediatamente. Ele estava tão exasperado, e Abel tão constrangido, que nem adiantou eu tentar convencê-los de que éramos jovens e tínhamos direitos às nossas picardias.

Como eu tinha tomado o cuidado de ficar com o potinho da hóstia comigo, pude chantagear os dois cagões mais adequadamente, dizendo que se eles retornassem ao seminário sem mim ou sem o potinho, nos daríamos todos mal (ainda mais se descobrissem por onde havia andado o objeto que me-receu duas ajoelhadas do capelão). Por um momento, acho que Clemente pensou em ir às vias de fato comigo, porque se empertigou estranhamente, mas avaliou seu próprio porte franzino e viu que não adiantaria. Abel não brigaria comigo, simplesmente porque não era do feitio dele (se brigasse, porém, creio que me venceria).

Diante do impasse em que se encontravam, tentei novamente persuadi-los quanto às oportunidades de prazer que se encontravam logo ali adiante, atrás da porta vermelha, mas minha pregação dionisíaca caiu em ouvidos moucos. A resignada decisão a que chegaram foi a de ficarem sentados do lado de fora, protegidos de eventuais olhos enxeridos pelos arbustos de hibisco logo ao lado, esperando que eu estivesse pronto.

Eu sabia ser crucial não me demorar, pois não era hora de forçar a sorte.

Entrei esperando ver luzes neon, roupas extravagantes e música alta, mas não encontrei nada disso (acho que foi o cinema que criou essa expectativa errada em mim). Apesar de já decretado o crepúsculo, o expediente ainda não havia começado. As coisas estavam à meio caminho entre o “estar fechado” e “estar aberto”: algumas cadeiras jaziam de ponta cabeça em cima da mesa, uma música leve (nada sensual ou sugestiva) tocava no fundo e somente as luzes da copa estavam acesas. Segui até o balcão e esperei uma mulher de meia-idade se aproximar para dizer o que procurava. Ela me avaliou de cima a baixo, pediu se eu tinha dinheiro e, tendo eu mostrado algum, assentiu com leve aceno de cabeça, desaparecendo atrás de uma daquelas cortinas de miçangas (pelo menos nisto o cinema acertara). Dentro de alguns minutos, três moças, todas bem mais velhas que eu e muito perfumadas, me rodeavam de carinhos, esperando minha escolha.

O troço da idade me incomodou um pouco, é verdade. Eu esperava mulheres mais experientes, sim, mas algo mais perto daquela menina do *Taxi Driver*, o que não era o caso. As três estavam longe de serem feias, mas também longe de serem lindas: encontravam-se em algum ponto daquele limbo, o das bonitas. Apesar disso, a experiência de tê-las disponíveis era realmente algo diferente de tudo o que eu já experimentara. Foi como se uma barba rala e estilosa tivesse subitamente brotado no meu rosto e um charuto caro aparecido entre meus lábios. Me senti de repente muito masculino. Sentado naquela

banqueta alta, com elas alisando, sem saber, a minha perna mais curta, era como se eu nem mancasse (a sensação era tão boa que eu nem notei uma certa apreensão pendurada no rosto das três).

Inebriado pela mistura de autoconfiança e perfume alheio, fiz algo extremamente prepotente, tentei incluir a hóstia restante nas tratativas pré-alcova. Não sei exatamente o que desejava com isso: talvez eu quisesse atingir o capelão, que me humilhara na saída do seminário, ou então queria exercer ao máximo aquele repentino poder de que eu me vira investido. A simples possibilidade de usar aquele objeto sagrado como moeda de troca numa transação carnal me deixava cheio de deliciosas ambiguidades (de fato, eu o fazia como uma forma de vingança).

Os carinhos que eu vinha recebendo cessaram de imediato à primeira menção da hóstia. A apreensão até ali disfarçada revelou-se, então, no rosto delas: era preocupação, que logo depois descobri ser em relação a uma colega adoecida nos fundos do prostíbulo, em cuja vigília elas todas estavam antes de eu chegar e interrompê-las. A visão do potinho brilhante que eu até então levava por dentro da camisa fez elas se darem conta de que estavam diante de um seminarista, ou padre, enfim, um representante da igreja. O espanto delas me fez primeiro cogitar que tinham escrúpulos em me receber (porque era errado, pecado, tabu etc.), mas não era isso. Custei um pouco a entender que o sobressalto que tiveram as três se dava pelo que julgavam ser uma espécie de milagre da providência: suas preces tinham sido ouvidas e deus interviria em favor da pecadora dos fundos enviando um padre ao puteiro. Que bela cagada eu havia feito! (Se deus interveio nessa situação, foi para tirar mais uma com a minha cara e me dar mais um irônico peteleco divino).

Elas todas falavam ao mesmo tempo (uma delas em portunhol, até) e eu não consegui entender nada até que elas entrassem numa espécie de uníssonio em torno das palavras “unção” e “benção”. Queriam que eu desse a benção, a unção

dos enfermos (como uma tentava dizer) para a colega adoentada. Nesse momento, toda a masculinidade e autoconfiança foram arrancadas de mim de uma vez só, que nem um curativo, e com a mesma dor. Humilhado, manqueei para fora do prostíbulo xingando-as o melhor que conseguia naquelas circunstâncias, isto é, não indo além daquele lugar-comum do macho emasculado, que chama a mulher de “puta” justamente quando não conseguiu tê-la como uma.

É aí que o Clemente, esse filho de puta virtuoso, entra em cena com seu heroísmo dos fracos e oprimidos. Quando me viu sair transtornado pela porta vermelha, ele percebeu que algo não ia bem. Segurou-me pelos ombros e exigiu saber o que estava acontecendo. Quando lhe expliquei a situação (pontuando a frase com mais uns “putas” de desforra), ele fez uma das coisas mais inacreditáveis que já vi na vida: puxou o potinho das hóstias do meu pescoço, arrebetando o cordão, e dirigiu-se, decidido, à porta vermelha. Tentei impedi-lo gritando, o que não adiantou e me fez sentir mais humilhado ainda. Abel, sem saber muito bem o que fazer, seguiu Clemente para dentro do puteiro, me deixando ali sozinho na luz baça da noite.

O que Clemente me contou numa outra ocasião, depois que nos acertamos de novo, foi a história de como ele não só deu a unção dos enfermos à prostituta adoecida como também lhe ofereceu a hóstia consagrada que não fora dada ao marido de Ester. Ele se negou a me dizer se ouviu a confissão dela (ainda não podíamos fazer isso, oficialmente), mas ele e Abel se demoraram lá dentro tempo o suficiente para eu saber o tamanho da generosidade desse filho da mãe: ele não se acovardou por escrúpulo algum quando se tratou de ajudar alguém. Enquanto eu o tinha chantageado por razões particulares, ele tinha sufocado suas mesmas razões particulares para não o impedirem de fazer o bem a alguém que se encontrava fragilizado (em condição de vítima).

A superioridade moral e espiritual do Clemente era tão absoluta nesse dia que ele se recusou a me repreender ou

tripudiar quando saiu porta vermelha afora. Nem era preciso. Voltamos para o seminário caminhando os três em silêncio aquela noite, imersos em pensamentos e envoltos na escuridão (a minha mais densa do que a deles dois).

Parte da frustração de hoje é lembrar do quão otário eu fui naquele dia, mas um pouco menos frustrante é saber que quando estivermos vasculhando o sítio do Abel amanhã, um sujeito como o Clemente vai estar junto comigo. (Mas por que um sujeito como este me dedurou ao reitor? Como alguém tão nobre pôde fazer uma calhordice tão filha da puta?).

20/02/2010

Não consegui dormir e cá estou de volta. Uma lembrança me tirou o sono e tive que ir checá-la nas anotações das consultas de Abel (elas já estão aqui em casa há quase um mês). Um detalhe muito prosaico subiu à superfície da memória e me pôs a ruminar, adulando minha ansiedade um pouco mais. Pode se tratar de um indício importante. Copio abaixo os trechos em que o tal detalhe é mencionado:

“Abel descreveu com bastante detalhes sua lida no sítio: ordenhar as vacas, conferir a temperatura dos aviários (e alimentar o forno se necessário), preparar o pasto das vacas para o dia seguinte, alimentar os porcos, ajudar os filhos com as máquinas ou com algum reparo necessário nos aviários, arrancar mandioca ou apanhar abóboras ou colher chuchu (etc.) para o almoço, recolher os frangos mortos no aviário e descartá-los na composteira, checar a bomba d’água que alimenta a casa, rachar lenha (se necessário), dentre outras pequenas tarefas (afiar ferramentas, podar árvores, colher frutas, abater e ‘carnear’ algum animal da fazenda, recolher adubo, debulhar milho, fazer reparos em casa ou nas construções do sítio, limpar o poço, ensacar a quirela etc.).” (11 de junho)

“Contou-me hoje uma história que talvez possa ser tomada como paradigmática de sua índole: disse que gosta de ‘se meter no meio dos frangos do galinheiro’ (ele prefere esse termo ao invés do mais formal ‘aviário’) e pegar um ou outro no colo enquanto faz a checagem. Falou da penugem macia dos frangos quando eles são mais jovens (disse que é gostoso ‘sentir a penugenzinha no rosto, raspando na barba rala’). Falou que se você ficar um tempo agachado quietinho no meio deles, ‘uma hora eles te dão confiança e chegam até a comer da mão se você acostumar eles’. Tinha um certo encantamento na voz de Abel quando ele falava dos bichos, que se reforçava porque eu demonstrava curiosidade no assunto. E havia também, numa esperada contra simetria, um desalento quando ele falava dos frangos mortos que ele tinha que tirar do meio dos outros. Ele disse que às vezes ‘se esquecia de propósito’ de fazer isso. O Abel sempre teve uma relação muito curiosa e pitoresca com os bichos. No seminário ele puxava as orelhas dos cachorros até eles quase ganirem e tentarem mordê-lo (algo que cheguei a pedir que ele não fizesse, porque me deixava nervoso), mas os bichos sempre voltavam para mais uma rodada da bruta brincadeira.” (7 de agosto)

“Embora no geral pareça estar reagindo bastante bem à medicação, Abel me dá a impressão de estar menos disposto, ou de estar menos ativo do que costumava estar quando começou a frequentar o consultório. Ainda há pouco, p.ex., mencionou que está sem ‘a menor voia’ (vontade) para levar os frangos na composteira, que lhe ‘repuna’ (lhe causa repugnância) e que pediu pro filho fazer isso. Me parece às vezes que até fala mais devagar que costumava. (...) Cabe observar e, estabilizado o estado psicológico, cogitar uma mudança na dosagem da medicação.” (29 de setembro)

Em nenhum dos trechos eu me dei conta de que esse detalhe talvez pudesse dizer alguma coisa a mais. A menção

que fez à tarefa de levar os frangos mortos à composteira no dia 29 de setembro talvez não seja casual como minhas notas levam a crer. Tomei ela como um mero exemplo, como se outros tantos dele existissem, mas não consigo me lembrar se ele mencionou falta de “voia” para fazer alguma outra coisa. Abel podia estar falando disso mesmo: da aversão a uma tarefa específica. E como os outros trechos permitem ver, ela passou de (a) um simples item perdido numa listagem de tarefas; a (b) um dever eventualmente esquecido e que lhe causava algum desconforto; e, finalmente, a (c) algo que ele não tinha disposição para cumprir. Do início de junho ao final de setembro, descartar os frangos mortos na composteira passou de simples tarefa corriqueira a um evento a ser evitado (talvez ele já desgostasse da tarefa antes, mas não tenho como aferir isto com plena certeza).

A “repuna” mencionada não pode ser interpretada ao pé da letra, pois é uma das peculiaridades linguísticas dos colonos daqui: “dar repuna” significa causar repugnância no sentido de nausear, mas também pode referir-se a algo que desperta aversão por não se ter a disposição para fazê-lo. Abel pode ter se referido ao mau cheiro das composteiras, que lhe dariam engulhos; ou então à repulsão que sentia em relação ao ato em si, qualquer que fosse a razão específica para isso.

Se retomo o relato do nascimento do “bezerrote” e as lembranças que tenho de ocasiões em que vi Abel estripando peixes ou empilhando esterco, ele não me parece uma pessoa que estaria se referindo a uma repugnância devida ao mau cheiro da composteira. (Já testemunhei ele tomar leite direto do úbere da vaca!). Ou seja, havia outra coisa nessa tarefa que lhe causava aversão a ponto de desarmar sua típica disposição ao labor.

Não consigo deixar de suspeitar que tenha algo a ver com a questão mesma do processo que talvez o tenha levado ao suicídio (ainda é estranho escrever isto, “suicídio”, pra falar de Abel, parece algo calunioso, além de ser triste pra caralho).

Pode ser só um daqueles pensamentos de madrugada, quando o senso de verossimilhança da gente está em meia fase, mas penso que Abel via alguma coisa naqueles frangos mortos que o foi deixando desconfortável até vir a assombrá-lo. Até fazer ele chegar ao ponto em que não queria mais realizar a tarefa em questão.

Pode parecer loucura, mas acho que ele se via naqueles frangos. E parece que a explicação disso está inscrita na trajetória das decisões de Abel e das mudanças no sítio.

Logo depois que casou, quando decidiu-se que ficaria com o sítio dos pais, Abel quis levar a cabo seu projeto de criar galinhas, e como tinha um terreiro de tamanho razoável, resolveu que tinha ali as condições para que pudesse sustentar a si e aos seus vendendo ovos e, em menor proporção, carne de frango (“frango caipira”, como ele sempre insistia em distinguir). Não ia largar os pequenos cultivos agrícolas que tinham sido estabelecidos pelos pais, mas podia agregar a eles essa criação.

Construiu um galinheiro maior do que aquele que a família tinha (que era ainda o mesmo da época do seminário: pequeno e desde sempre caindo aos pedaços). Instalou poleiros e ninhos, e também colocou cercas para proteger as aves de raposas e de ataques sorrateiros dos cães do próprio sítio. O galinheiro não era grande, pois só precisava abrigar os animais em ocasiões de chuva e durante a noite, pois durante o dia as galinhas podiam perambular por aí (“elas se criavam soltas”, como dizia Abel).

Em poucos meses viu aumentar a população do terreiro, pois havia alguns galos no meio dela, e Abel cuidava para não recolher todos os ovos (se entendi bem, a observação do comportamento das galinhas quanto aos ninhos permite saber se os ovos foram fecundados ou não). Havia no terreiro até garnisés e galinhas d’Angola (que o Abel chamava de “angolista”), e ele teve que dedicar um pedaço da roça de milho pra poder tratar a contento toda essa bicharada. Nesses mesmos poucos meses,

Abel viu se tornar mais complexa a rota de cata dos ovos, pois, estando livres, as galinhas buscavam diversos outros lugares para botar os ovos (ele contou que o vidro do caminhão ficou aberto numa noite e no outro dia seu banco tinha se tornado abrigo para dois ninhos).

Foi mais ou menos por aí (nem um ano passado desde o início do projeto de Abel, se entendi bem) que a cooperativa Mamute decidiu alçar-se ao patamar industrial, passando então a recrutar os sitiantes locais para se tornarem “pequenos produtores pecuários”, pretensamente autônomos, dos quais passou a comprar a produção de víveres e processá-la num abatedouro em cidade próxima. Abel hesitou por um tempo em tomar parte nisto, apesar da recomendação dos irmãos e vizinhos. Não demorou para que os retornos financeiros alardeados na comunidade comesçassem a fazer as recomendações se tornarem pressões (suponho que o fato de ter ficado com o sítio da família ajudou-o a ceder à pressão dos irmãos). Uma vez cedido, não levou muito tempo para que os frangos outrora soltos fossem confinados, e para que passassem de marrons, pretos e pintados à coloração uniformemente branca dos plantéis industriais.

Em pouco tempo, a paisagem da propriedade mudou de modo drástico, incorporando a construção alongada e funcionalista do aviário (alguns anos depois, um segundo foi construído). Não se tratava de um simples acréscimo, pois ele era como um planeta cuja massa gera a gravitação que atrai outros corpos para junto de si, colocando-os numa órbita, nesse caso chamada de “logística”. Derrubam-se árvores, desenham-se estradas, abrem-se buracos, plantam-se outras árvores, espalha-se cascalho, instalam-se silos, cria-se espaço de manobra de caminhões, nivela-se o terreno, instala-se cercas, redivide-se o espaço, esquadrinha-se todo um fluxograma para uso do terreno. E lá, simbolicamente ocupando um patamar mais alto que a casa de Abel, encontrava-se o tal aviário, olhando soberbeiro o mundo erigido pra ele numa espécie de tributo.

Nessa nova dinâmica, os antigos hábitos foram dando lugar a protocolos. O que se fazia no interior e ao redor dessas compridas construções tinha de ser autorizado por esses protocolos, e assim foi-se cerceando as galinhas do lado de dentro e Abel do lado de fora. Aquelas tinham uma rotina de comer e dormir, pouco mais fazendo ali além disso. Este tinha uma rotina de checagem de displays, indicadores e aparelhos, pouco tendo o que fazer ali além disso. Aquelas tinham dia e noite muito bem delimitados, às vezes até artificialmente, com cortinas de lona e lâmpadas amarelas, para eficiência no ganho de peso. Este também podia ter seu dia ou noite artificialmente modificado, fosse pelo calendário de crescimento das aves, fosse pelo alarme do aviário que o tirava da cama. Aquelas engordavam até quase não haver espaço para que se mexessem direito. Este teria engordado se não tivesse brigado para manter outras atividades no sítio, mas ainda assim teve também sua antiga movimentação reduzida.

O Abel e as galinhas pareciam ambos meio que sufocados pela fartura. (Não. Não é isso. E a dívida? Bom, tenho certeza de que as entradas no seu livro de contas superavam as de antes, mesmo descontados os grandes gastos que tinha. Tecnicamente falando, acho que se pode dizer que experimentava algum tipo de “fartura”, sim. Até o Clemente comentou isso ontem. Enfim.). As galinhas e Abel pareciam ambos meio que sufocados pela fartura, presos numa espécie de pasmaceira, aquelas e este vítimas da estabilidade aparente.

Deve ser nisso que repousa a mudança de atitude de Abel quanto ao descarte dos frangos mortos na composteira. De fatos corriqueiros e baixas estatísticas, ele deve ter visto uma analogia entre os galináceos perecidos e ele próprio, os dois sendo jogados de lado ao longo da marcha indiferente da modernização. No caso de Abel, ainda, provavelmente com a consciência amarga de que a culpa era sua, a despeito de suas originais intenções.

VIII.
CLEMENTE

Terça-feira, 16 de fevereiro de 2010

Não pode ser verdade. Simplesmente não pode. Não é possível. Não.

Mas...

E se for?

Depois que Desidério trouxe à luz essa hipótese, é como se eu só conseguisse vê-la, a cada fio de memória que puxo, em cada caco de lembrança que reviro. É como se um grande pedregulho tivesse caído bem na minha frente e tivesse obstruído todo o meu campo de visão. Está tão perto que tudo o que eu consigo ver é ele.

Monolítico.

Hieroglífico.

Totêmico.

Esfíngico.

A palavra mesma carrega um peso. "Suicídio". É ruim até escrevê-la. Sem perceber usei aspas, como quem põe luvas para manusear algo perigoso ou nojento, como se empregá-la sem aspas pudesse contaminar o texto. A palavra parece que

escapa, escorre pelos dedos, traiçoeira, dissimulando-se inteira, em significados mais profundos e até em sua sílaba tônica, apesar do acento agudo.

Ela difere do restante da família dos “cídios” — família numerosa, aliás, fato que diz muito sobre o homem. “Homicídio” é palavra de tribunais, pertence aos Vade Mecum e ao jornalismo policial, é jargão técnico, quase como “genocídio”, que é um pouco menos técnico porque foi incorporado às palavras de ordem dos protestos e das acusações políticas. “Fratricídio” é uma raridade lexical, arcaísmo de sonoridade bíblica que parece pertencer a algum mito fundador, quando irmãos se abatiam entre si em lances paradigmáticos. “Matricídio”, “parricídio” e “infanticídio” soam tão abomináveis quanto o que designam e habitam os domínios da literatura, como num romance de Dostoiévski, ou então a bibliografia psicanalítica, como nalgum ensaio de Freud.

“Suicídio” não é como esses seus irmãos. Ao invés de acusar, parece antes auto acusar. Fala-se “suicídio” e logo se olha quem falou, com uma reprovação à tiracolo. Fala-se “suicídio” e a humanidade se confrange em culpa, já pensando que talvez pudesse — ou devesse — ter feito alguma coisa. Fala-se “suicídio” e já está implícito que falhamos. Afinal, o suicida não é filho de chocadeira, não foi criado por lobos nem passou a vida inteira numa caverna. O lance final de sua vida é de sua autoria, sim, mas não é como se tivesse vivido isolado do mundo e dos outros, numa platitude feita só de si mesmo. Somos todos uma variável na equação da sua vida. E da sua morte.

Não!

Não é este o caso de Abel!

Foi um acidente!

Tem que ter sido um acidente.

Deve ter sido um acidente.

É provável que tenha sido um acidente.

Talvez tenha sido um acidente.

...

Talvez não tenha sido um acidente.

A moldura de sentido que eu construí para a morte de Abel se espatifou no chão da realidade. Mas que realidade? Não sei. Saberei logo. Ou assim espero. O Desidério disse que vai ligar para Marta e arranjar uma visita ao sítio.

O que encontraremos — ou não encontraremos — lá?

Se acharmos um modo de saber, de eliminar a hipótese maldita, a antiga moldura volta no tempo e se recompõe? Como os filmes antigamente, que a gente rebobinava?

Melhor não esperar, melhor fazer outra. Pôr no papel e polir, polir, polir.

O fio dessa meada talvez se encontre nas motivações. Ou melhor, nas intenções. Se terei que aclimatar a realidade do “suicídio” às minhas memórias de Abel — Deus queira que não —, que seja pela via das intenções corretas. Eis o problema. Porque essa é a natureza fugidia do “suicídio”, é como uma miragem que se desfaz quando a gente tenta se aproximar. Não se pode dizer que, ao se debruçar sobre ele, montamos um quebra-cabeça, porque alguma peça faltará, e é quase sempre a principal. O que montamos é, no máximo, um mosaico, feito de fatos, sim, mas sobretudo das nossas próprias culpas e expectativas.

Se a suspeita de Desidério estiver correta, me parece que Abel caminhou na via das boas intenções, pois teria posto fim à sua vida para que o dinheiro do seguro quitasse os débitos do sítio. De todas as intenções, aliás, esta pertence à categoria das mais nobres. Parece também, contudo, um tanto desnecessária, pois até onde sei eles não estavam com as parcelas do financiamento atrasadas. Pareciam até gozar de uma estabilidade material razoável, o sítio mais bem equipado do que era na época do seminário. Não posso saber com certeza, entretanto. Quem sabe eu possa sondar disfarçadamente em alguma conversa no sábado. Não! Posso deixar transparecer minha suspeita e acabar por jogar o pedregulho do “suicídio” na cabeça de Marta ou dos meninos. Melhor não arriscar. Espero

que a coincidência dos valores da dívida e do seguro não tenha sido percebida por eles...

Tergiverso.

Eu falava das intenções. Se Abel tirou a própria vida, parece tê-lo feito com um propósito nobre. Mas...

Diabo de dúvida! Diabo de dívida!

Abel sabia que era um pecado, que atentava contra os ensinamentos religiosos que o vi professar muitas vezes. Não pode alegar ignorância quanto à infração cristã que o ato implicava. Será que Desidério está certo? Que não aguentava a vida, que sucumbiu ao peso que ao longo de todos os seus dias lhe puseram sobre os ombros? A existência, a dádiva da existência, tornou-se insuportável para Abel?

Não me parece.

"Cada um com sua cruz", ele dizia. E sabia que esse mundo tem tormentos, que oferece desafios, que exige tenacidade. Não era, no entanto, um pobre sofredor, quer dizer, sua vida não se resumia a isso. Antes, ele aceitou sofrer pelos outros, aceitou sujar-se de pecado para livrar os seus.

Claro! É isto! O suicídio de Abel é um sacrifício!

Melhor: se Abel fez isso, foi antes um sacrifício altruísta do que uma saída individual para seus tormentos.

Abel imolou-se, como o Cristo. Não! Não exatamente como o Cristo. Quer dizer, se o suicídio — o possível suicídio — de Abel foi um sacrifício, não quer dizer que os sacrifícios sejam todos suicídios. Quer dizer, Cristo não se suicidou.

Se bem que ele podia ter impedido a própria morte. São João diz que Cristo trouxe Lázaro de volta à vida, que curou um homem coxo e com sua saliva fez um cego de nascença enxergar. Poderia ter impedido todo o calvário, mas deixou-se imolar, essa é uma de suas maiores virtudes.

Não, tolices, sofismas teológicos, Cristo não era um suicida. Imagine. Afastai de mim esses pensamentos impuros e blasfemos, Senhor.

Mas e Abel, será um?

Desidério pode estar certo em relação a Abel se atribuir responsabilidade quanto às mudanças no sítio, mas desde o inicial terreiro de galinhas até os aviários há um longo caminho. Não penso que tudo isso tenha concorrido para tornar sua vida insuportável. Esta hipótese me parece antes o Desidério na sua eterna batalha contra as injustiças e às opressões, todas elas análogas às suas próprias.

Contudo, se Desidério estiver certo quanto a Abel se sentir responsável pelas transformações no sítio, a confissão dele quanto à cobiça muda de sentido. Ganha novo e maior peso. Em tal caso, os pecados de “cobiça”, “ambição” e “ganância” decorreram de uma atitude sua, independente das mudanças mais, digamos, concretas do sítio. Ou seja, Abel se sentia culpado de ter participado na consolidação desse cenário de pecados em que via a si e os filhos imersos. Se enxergava como uma espécie de força corruptora. Talvez julgasse que havia falhado como pai e como cristão. O suicídio seria, então, a penitência máxima que se podia aplicar, ou, mesmo, o resultado trágico do que tinha como o intolerável de sua situação.

Mas... não. Ele teria estado mais melindrado nos últimos tempos. Teria dado mais indícios. Ah sim, e nessa leitura não se explica a razão do seguro. Se bem que a contratação do seguro pode ser somente um fato aleatório, que eu e Desidério achamos fazer parte desse cenário quando na verdade não faz.

Diabo de dúvida! Diabo de dívida!

Pode ser só um acidente, também.

E se não for?

E se Abel for mesmo um suicida?

Supondo que seja, como há de se apresentar ele no tribunal celeste? Como há de ser julgado: por seus atos ou por suas intenções? Pensando nesses termos, o ato é claro: é um suicídio, o suicídio é um pecado, logo, Abel é condenável. Mas e as intenções envolvidas, não contariam? O que seríamos sem elas? Máquinas instintivas, sem vontade senão a programada,

sem consciência senão a da sobrevivência fisiológica, organismos ociosos, desprovidos de espírito.

Pode-se pensar esse — provável — ato de Abel sob a ótica do sacrifício cristão, análogo em alguma medida ao do próprio Cristo. Perdoai-me, Senhor, se blasfemo com minha dúvida, mas e se o Cristo tivesse se pregado ele próprio na cruz, seu sacrifício seria menor por causa disso?

Tende piedade do meu amigo, Senhor. Intercedei por ele. Era uma alma boa, pai zeloso, amigo leal, marido fiel, uma criatura bondosa, dono de uma humildade muito cristã. Qualquer que sejam os exatos tropeços dele, tenho certeza de que Sua misericórdia é maior.

Amém.

* * *

Quarta-feira, 17 de fevereiro de 2010

Desidério me ligou avisando que falou com Marta e que a visita ao sítio de Abel será no sábado à tarde. Parecia mais calmo que ontem. Foi muito gentil e chegou a tentar me tranquilizar quanto à situação toda.

A despeito dos defeitos que tem, Desidério é um sujeito bom. Vaidoso, sim, prepotente, às vezes, irritadiço, quase sempre. E ainda assim, uma criatura boa. É presa de seu orgulho, mas quem pode condená-lo, tendo sido ele vítima do infortúnio da perna manca?

Escrevo isso e quase rio, imaginando como ele se enfureceria por ter-lhe apostado esse termo, “vítima”. Ele sempre tomou como um de seus valores mais fundamentais ser o autor de sua vida ao invés de sofrer a vida. É um orgulho digno, compreensível, e mesmo admirável em alguns momentos, sobretudo quando o leva ao socorro dos outros, quando treme de indignação

ao ver alguém ou algo que os impede de também serem autores de si mesmos.

Se falo isso agora, assim, com calma e serenidade, é porque já dei conta de entender-lhe essa peculiaridade. É que o Desidério passou tanto tempo evitando ser colocado na condição de vítima que nunca conseguiu entender ao certo o que significava ser uma. Ele nunca entendeu, por exemplo, que os caminhos que me levaram ao seminário passavam mais ou menos por aí. Pode-se dizer, nesse sentido, que fui como que a vítima de uma decisão familiar — talvez, até, de mim mesmo.

Preciso reconhecer que aprendi muito com Desidério e sua teimosia, pois sempre fui pouquíssimo impositivo quanto às minhas vontades, e poucas vezes me dava ao trabalho de fazê-las prevalecer — donde a tal decisão familiar ter-me levado ao seminário antes de uma pura devoção de minha parte. Desidério me importunava dizendo que eu tinha decidido me ordenar para escapar da enxada e poder continuar a estudar. Se isto não era de todo mentira, também estava longe da verdade.

Minha família morava num lugarejo que ganhara o nome de “cidade” por conveniência de linguagem, porque era muito antes campo, sítio, zona rural. Aliás, usar “zona rural” é até meio inadequado, pois fica parecendo que só uma parte do território era campo, o que não era o caso — e continua não sendo até hoje. Nasci e cresci ali, a exemplo de praticamente todos os meus irmãos, tios, primos, parentes e avós. Nossa árvore genealógica, nas porções paterna ou na materna, tinha suas raízes bem fixadas naquele lugar. Isto é, no campo. Tão no campo, aliás, que toda vez que precisávamos ir ao mercado, ou ao banco, ou resolver algum assunto de natureza burocrática no cartório ou na prefeitura, dizíamos “ir à cidade”.

Eu tinha três irmãos e duas irmãs mais velhos, e um irmão e uma irmã mais novos, o que significa dizer que eu era um irmão-sanduiche num desproporcional sanduiche familiar. Enquanto entre meus irmãos mais velhos predominava uma

diferença de idade de pouco menos um ano, entre eles e eu, e entre eu e meus irmãos mais novos a distância era um pouco maior, por volta de um ano e meio. Isto se deveu a uma gravidez que não vingou antes de mim, e — até onde sei — do receio de meus pais quanto a uma nova gravidez depois das complicações da minha.

As primeiras coisas de que consigo me lembrar, recordações da casa dos seis ou sete anos, são de meus irmãos vestindo calças velhas e camisas sociais gastas, e pondo-se a seguir meu pai de manhãzinha. Eu ia até a janela e ficava olhando eles se afastarem com as enxadas ao ombro, silhuetas escuras recortadas contra o fundo alaranjado do alvorecer, caminhando em direção à lavoura.

De cima do banquinho de madeira que eu tinha posto debaixo da janela especialmente para este fim, lembro de ter vontade de ir com eles.

Mas eu era muito novo — ou foi isso que me diziam até que eu descobri que se tratava de uma daquelas pequenas mentiras que os adultos falam para as crianças, apostando na sua ingenuidade. Declarado muito jovem para o trabalho braçal, eu ficava em casa e acompanhava o cotidiano das mulheres na sua exaustiva faina de aplinar o universo doméstico — trabalho frequentemente tão braçal quanto o da roça, aliás.

Eu dispunha de tempo para brincar, explorar as cercanias da casa e do sítio, ler, estudar, fazer descobertas e realizar pequenos experimentos. Acabava por dispor, também, de carinhos de minha mãe e irmãs mais velhas que meus irmãos, precocemente camponeses, só recebiam de modo lateral. Creio que minhas complicações de nascituro acabaram por amolecer o coração de mamãe quanto a mim, brindando-me com aquele curioso carinho paradoxal que as coisas custosas e difíceis despertam em nós — minhas tias costumavam dizer que eu era o “xodó” dela.

As mesmas complicações que amoleceram o coração de mamãe tiveram o efeito oposto em meu pai, pois a dor e

a preocupação que causei não eram nele e sim na sua mulher. Deve tê-la visto sofrer e silenciosamente se ressentiu de mim. Quando me viu me desenvolver somente até o ponto de um menino mirrado, deve ter dado por justificados seus sentimentos. Nunca consegui afastar de todo a impressão de que em algum canto de sua mente, feito o Casmurro do Machado, meu pai suspeitava da minha origem, me supondo talvez um bastardo, como se mamãe tivesse cometido uma infidelidade que resultara nesse moleque de braços e pernas finos.

O tranquilo mundo infantil e doméstico em que eu vivia permaneceu intacto até que meu irmão mais novo, Jacó, foi incorporado à pequena tropa que ia à labuta agrícola com meu pai todas as manhãs. Descobri, então, que não era minha pouca idade que me impedia de tomar parte naquela marcha cotidiana, mas sim minha fraca compleição física, que minha mãe temia sobrecarregar e meu pai pensava vir a constituir, antes, motivo de preocupação do que ajuda. Jacó, verdade seja dita, era bem mais encorpado que eu, tinha braços grossos para a pouca idade e gostos bem mais práticos — quando ficávamos os dois em casa, ele quase nunca pegava um livro na mão, e estudar era, para ele, quase sempre um tormento.

Por mais que eu gostasse de ficar em casa, e que isto me fizesse um aluno com melhores notas que meus irmãos, na escola e na catequese, a notícia do recrutamento de Jacó me atingiu em cheio. A minha família era composta de pessoas fortes, espadaúdas e gordas — “gente graúda”, dizia meu pai —, que comiam muito e trabalhavam ainda mais. Ser franzino me fazia sentir como um enjeitado apesar de todos os carinhoes compreensivos de minha mãe e minhas irmãs. Toda vez que meu pai, entre parentes e amigos, usava aquela expressão “quem sai aos seus não degenera”, eu sentia que era secretamente a mim que se dirigia.

Quando isso aconteceu eu contava treze anos. Não podia dizer que era senhor de minhas emoções, então recebi confuso a notícia da conspiração de meus pais. Confirmei de um

modo muito doloroso a suspeita que já tinha, a de que eu era diferente de meus irmãos. Se parte de mim gostava de ser diferente de meus irmãos, outra odiava. Fechei-me num sentimento de humilhação que parecia turvar tudo, fazendo eu ressentir-me de todos. Se meu pai e meus irmãos queriam-me fora de sua pequena tertúlia masculina, ser o alvo da compaixão de mamãe e irmãos tornou-se desagradável, pois fazia com que me sentisse uma criatura exótica, como um dos bibelôs de louça da estante da sala. Mamãe os adorava, mas eram meio inúteis, apenas decorativos e terrivelmente frágeis. Um mero capricho.

Logo, os folguedos que mamãe me dedicava começaram a perturbar-me, e os cafunés sem jeito que meu pai me dava de vez em quando se tornaram mais protocolares do que nunca. A resolução que tomei dali em diante era parecida com a de um bicho que havia sido escorraçado: recolher-me para lambar, solitariamente, minhas feridas. Tornei-me soturno e arredio, mas como queria atingir aqueles que me haviam atingido, vesti esse meu luto existencial de maneira ostensiva. Retirava-me da mesa antes de todos, recusava-me a tomar partes nos serões familiares na varanda da casa, falava o mínimo necessário e punha feições tristes em todas as ocasiões que podia — ficava com “cara de cachorro que caiu da mudança”, no dizer de um de meus irmãos.

Decorridos alguns dias, meu objetivo foi alcançado. Criei um considerável mal-estar doméstico e consegui fazer meus pais, especialmente mamãe, se sentirem culpados por terem me preterido na sequência da tradição familiar. Mamãe cercou-me ainda mais intensamente de mimos como forma de compensação e meu pai chegou a me levar para pescar numa tarde de sábado, só eu e ele — os dois constrangidíssimos pela falta de intimidade.

Em condições normais eu teria adorado aquilo tudo, teria me refestelado naquela braçada de atenção que recebia. Mas não foi este o caso, pois embora se pudesse avaliar aquilo como uma pequena vitória minha, nenhum sentimento de satisfação

equivalente a acompanhou. Me senti, antes, a pior das pessoas, um ser cruel e mesquinho, um “tiranozinho” que tinha chantageado os próprios pais para arrancar-lhes o tributo da culpa. Eu me tornara como uma daquelas crianças mal-criadas que eventualmente aparecem nas fábulas infantis.

Descobri, então, o que mais tarde resolvi chamar de uma das “minhas leis morais”: sentir-me mal era péssimo, mas fazer os outros se sentirem mal era ainda pior. Muito pior, aliás.

Minha reação ao recrutamento de Jacó mudou completamente daí em diante. Afundado no arrependimento por minha atitude, me vi como um ser enfermo e insuficiente, que de fato se achava aquém das expectativas dos pais. Uma decepção em curso. É óbvio que a clareza sobre este ou aquele sentimento, ou sobre meu estado de espírito, é maior hoje do que podia ser na época. O drama é que costumamos viver prospectivamente, mas pensar melhor retrospectivamente. Vivemos de olho no amanhã, mas raciocinamos melhor com os pés no ontem, donde os acertos serem quase sempre frutos pósteros — leia-se, frutos amadurecidos tarde demais.

Tergiverso.

Fustigado pelo remorso de ter dobrado meus pais por meio da culpa, acabei me atolando, ironicamente, na culpa. Minha resposta foi empenhar-me naquilo em que eu sabia que poderia dar-lhes algum orgulho, isto é, em estudar e tirar boas notas. Assim, nos meses seguintes ficamos eles e eu nesse jogo silencioso de reparações: eles tentando ressarcir o que julgavam minha decepção por ter sido desconsiderado; eu buscando atender o que julgava serem suas expectativas. A culpa cingindo-nos a todos nessa ciranda de compensações.

O lance decisivo nessa sucessão de eventos ocorreu por volta de um mês e meio depois — talvez um pouco mais, não lembro ao certo. Eu terminava o último ano de catequese e se aproximava a data em que, aproveitando uma visita do bispo da diocese à paróquia, seria realizada a cerimônia da crisma. Foi nesse dia que meu catequista, um velho senhor de barbas

acinzentadas e olhos vivos, chegou junto de meus pais ao final da celebração e, tendo-me cumprimentado pelo rito de passagem, fez um impressionante elogio a mim. Disse que eu tinha “grandes capacidades para a interpretação das Escrituras” além do “dom da clareza e o da palavra”, e que “levava jeito para padre, pois era dotado de humildade, presteza e conhecimento”. Arrematou dizendo que eu seria “uma bela adição à Missão de Cristo Nosso Senhor”.

Por ser uma figura veneranda da pequena comunidade rural da qual fazíamos parte, verdadeira autoridade espiritual do lugar, seu comentário calou fundo em meus pais. Em que pese o estilo retumbante de sua retórica, traço famoso dele, eu de fato me esforçava bastante para ser um bom aluno, de modo que foi muito bom ouvir aquilo sendo dito. Despertou em meu peito um orgulho, e mesmo uma ligeira vergonha, que me afogueou o rosto, nascida da modéstia que sempre aprendi recomendável. Só os suprimi porque não queria que aquele momento fosse sobre mim, mas antes um tributo, que eu devotava a meus pais, depositando-o no altar do remorso.

As palavras do mestre lançaram a semente do propósito neles, e ela germinou nos meses seguintes. Já que eu não tinha o porte físico adequado para o trabalho braçal que o sítio exigia, a carreira eclesiástica tornou-se a saída para que meu pai e minha mãe compensassem pela falta de terem me preterido a Jacó. Isto é, para que se livrassem de sua culpa.

O projeto vocacional cresceu longe de meus ouvidos. Suponho que eles não quisessem arriscar causar-me algum desgosto antecipatório, por isso cuidaram para que tudo estivesse assegurado antes de me dizer qualquer coisa — ou isso ou então a surpresa fosse um dos requintes da compensação. Dum ou doutro modo, a notícia chegou-me quando todos os preparativos estavam feitos, de modo que eu, pego de surpresa, me vi impedido de dizer não. Afinal, eu também estava querendo livrar-me de minha culpa, desejava estar à altura do que esperavam de mim meus pais, e aceder ao projeto de

ordenação que eles tinham tão cuidadosamente preparado era o modo perfeito de fazer ambas as coisas.

Eis a ironia da situação, que suponho que Desidério não entenderia: eu cheguei ao seminário como vítima dessa conjunção de acontecimentos. Não é exatamente como se eu tivesse vindo à contragosto, que me tivessem obrigado ou, mesmo, que eu nutrisse desprezo pela vocação religiosa. A vida de padre estava longe de me desagradar, mas, para fazer jus à verdade, tenho de reconhecer que ela não se encontrava exatamente no centro do meu horizonte de perspectivas — não consigo lembrar se eu tinha um claro “horizonte de perspectivas” àquela altura, mas se tinha, posso dizer que a carreira eclesiástica não estava afixada lá.

Exasperado pela proposta inesperada de meus pais, disfarcei o melhor que pude e disse que concordava, e mesmo que me deixaria muito satisfeito fazê-lo. Os rostos de meus pais se iluminaram em sorriso. Ao mesmo tempo em que abraçava e recebia as felicitações de pais e irmãos — os quais tinham sido convocados para assistir a cerimônia da notícia —, eu tentava pesar as implicações daquele sim.

Eles não tinham me dito que eu iria para um seminário no interior de outro estado, que passaria a morar distante do convívio deles. Porém, se eles estavam dispostos a esse sacrifício para poder contemplar o que julgavam minhas disposições particulares, por que é que eu próprio não estaria? Receber as festas do meu taciturno pai e servir de justificativa para um almoço familiar farto, com direito a pernil de ovelha e sagu de vinho, era o suficiente para ajudar a me persuadir de que minha decisão era a certa, qualquer que fosse a extensão de seus desdobramentos.

Nada disso, no entanto, se comparava à sensação beatífica que tive diante da reação de mamãe ao meu “sim”. Dos ombros dela pude quase ver uma carga de culpa se levantando e indo embora, para bem longe. A culpa dela era também a minha, as duas dissipando-se no nosso abraço caloroso, que

remendava todos os meses de doloroso silêncio e remorso que antecederam aquele momento. Eu descobria o outro lado daquela “minha lei moral”: sentir-me satisfeito nos outros é a melhor forma de satisfação.

Da data do anúncio até minha partida rumo ao seminário, no ano seguinte, fiz-me de beato. Aliás, acho que dá para dizer que me afeiçoei à ideia, de modo que o mais correto seria dizer que fiz-me beato. Por acaso no seu Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, Comte-Sponville não diz que “quem o parece o é suficientemente”? Com as intenções certas, fui parecendo ser até realmente vir a sê-lo.

Não era exatamente a coisa mais difícil de se fazer, pois sempre gostei de ir à igreja — eu era uma daquelas crianças quietinhas, que durante as missas ou fica sentada ao lado dos pais ou dorme à sono solto, embalada pelos hinos de louvor. Gostava especialmente de ir à igreja central, na cidade, que era maior e mais ricamente construída e adornada do que nossa capela comunitária. Eu adorava a solenidade da celebração, os ladrilhos pintados com as cenas da via sacra, as vestes suntuosas dos padres, os grandes círios pascais, os vitrais coloridos, a linguagem rebuscada da Bíblia, cheia de pronomes “vós”. Tomar parte naquilo era fugir do excessivamente prático do dia a dia, era reservar-se condições de olhar para dentro e poder transcender — penso que eu não teria gostado tanto assim de seguir meu pai e meus irmãos para ir à lavoura, ou, provavelmente, muito menos do que eu imaginava.

Parte disso talvez constitua um esforço de genealogia da vocação religiosa, que eu acabei plantando na minha memória com o passar dos anos. De tanto querer ver pendores eclesiais na minha juventude, pode ser que eu os tenha encontrado à força, ou inventado, não sei. No que me diz respeito, no entanto, estou feliz de ter feito minhas escolhas e também de ter aceitado as que não pude fazer.

É. Acho que Desidério não entenderia isto. Tenho a impressão de que, para ele, qualquer escolha que não se possa

fazer será sempre um contrariar-se, uma espécie de violação de si. Donde, a seus olhos, as concessões serem sempre evidência da condição de vítima, que ele tem por revoltante.

Ora, nem tudo que contradiz minha disposição particular faz de mim uma vítima!

Escrevo isso e, ato contínuo, me ponho a pensar em Abel. Será que a morte dele reforça minha hipótese ou a de Desidério? Ou nenhuma das duas?

Sábado saberemos. Ou assim espero.

Valha-me Deus.

* * *

Sexta-feira, 19 de fevereiro de 2010

Tenho medo da visita de amanhã.

Uma memória comum, prosaica mesmo, vestiu trajes sinistros e veio rondar minha consciência, pondo-me nesse estado de apreensão.

Lembrei-me de um detalhe da casa de Abel que pôs lenha na hipótese que Desidério levantou na terça-feira. Desde o tempo em que ali moravam seus pais, mantinham-se na parede alguns itens de decoração muito pitorescos: o couro de uma cobra, a garra de uma onça e a mandíbula de um queixada. Há uns dois ou três meses, porém, notei que os itens tinham sido removidos.

Não me pareceu à época senão um detalhe desimportante, fruto de um rearranjo do mais cotidiano. Talvez tenha sido Marta quem resolveu desfazer-se daqueles itens, ainda que isto seja pouco provável, já que ela sabia o valor sentimental que eles tinham para Abel — e já os havia tolerado serenamente por anos. Nenhum móvel tinha sido mudado de lugar no cômodo onde se encontravam os tais itens, então também não

me parece que a remoção tivesse se dado por razões dessa natureza. Nem na sala, nem no galpão e nem na cozinha encontravam-se os tais objetos, pelo menos no que me lembro das visitas que fiz ao sítio desde então, logo, não se tratava de uma simples mudança de lugar.

Resta-me pensar — isto é, supor — que se desfizeram deles. Que Abel se desfez deles, pois essa é uma mudança que ele certamente teria notado e que, portanto, tendo sido feita por quem quer que seja, passou pelo seu crivo. Eis onde se ergue minha dúvida: por quê?

Em condições normais eu nem me faria essa pergunta, mas as condições de agora não são normais. Pus-me a pensar que isso pode ter algo a ver com toda a situação envolvendo a possibilidade de suicídio, que carregue algum significado que eu pudesse — ou devesse — ter percebido mais cedo.

O costume de preservar objetos como estes, recordações de caça, era bastante comum aqui na região. Já os vi pendurados em diversas casas ou em galpões comunitários, às vezes guardados em gavetas ou prateleiras, constituindo uma presença muito regular no mundo destes a que se designa — ou se costumava designar — com o termo “colonos”.

Na comunidade em que costumo celebrar há diversos desses tais “colonos”. O termo é bastante antiquado e soa hoje um tanto anacrônico, é verdade, pois o que os definia desse modo já não existe — ou pelo menos não naqueles termos exatos. “Colono” era quem dispunha de uma colônia, isto é, um pedaço de terra, muitas vezes no meio do mato. Hoje, quando alqueires, metros quadrados e hectares tomam conta da agromensura, o termo “colono” tornou-se meio folclórico, e não por acaso é usado pelos habitantes da cidade de modo meio exótico e frequentemente pejorativo, como uma espécie de sinônimo de “caipira”. “Colono” é quem tem a nuca vermelha de sol, quem pratica pronúncias pouco ortodoxas do português, quem tem mãos grossas e encardidas e pés rachados, quem prefere botas a qualquer outro calçado, frequentemente fazendo-as

acompanhar de boné, chapéu e camisa social puída. São “gente do sítio”, como dizem os afeitos aos eufemismos — Abel certamente seria, ou era, chamado de “colono” na fila do banco, andando na rua ou quando entrava em alguma loja.

Esses são os sujeitos que cultivam o estranho hábito de manter objetos tais como presas de porco-do-mato, peles e garras de onça, couros de cobra, dentes de jaguatirica, chifres e cascos de boi, patas de tatu, garras de tamanduá, couro ou dentes de jacaré, ferrões de arraia etc. Alguns “colonos” mais requintados chegaram até a mandar empalhar algum desses animais — normalmente para que disso resultasse um item de decoração fúnebre e malcheiroso.

Embora eu próprio tenha vindo de um contexto rural, não lembro de itens como estes pendurados nas paredes das casas onde eu morava. Por conta disso, na época do seminário, e mesmo algum tempo depois, achei que se tratasse de um peculiar gosto estético. Lembro de pensar comigo algo como: “São filhos da rusticidade, logo, traduziram essa experiência em seu senso de beleza, e, conseqüentemente, a trouxeram para dentro do universo ornamental”. Eu não estava errado, ou pelo menos não de todo. Há mesmo uma curiosa admiração dos “colonos” quanto a esse contraste entre a rudeza original dos itens e a transformação deles em itens ornamentais, no delicado contexto da decoração. Do rústico ao doméstico, portanto, encarna-se essa estética — Eça de Queirós se deleitaria com as possibilidades de exploração literária do interior dessas residências.

Enfim, era isso que eu achava até começar a me integrar de fato às comunidades e passar a ser depositário de suas histórias. Descobri que na narrativa dos tempos idos, praticada por quase todos numa curiosa coordenação inconsciente, a natureza bravia era onipresente. Abundavam relatos das dificuldades impostas pelo território, desde chuvas torrenciais até geadas tenebrosas, de pragas quase-bíblicas até animais ferozes, todos emoldurados pela ambiência de uma mata quase inexpugnável. Nos contos que formavam essa espécie de mito

de fundação, o enfrentamento aos desafios da nova terra era constituído de feitos épicos, e os antepassados de quem narrava faziam o papel de heróis dessa epopeia. Lembrar as dificuldades do processo era celebrar a obstinação dos envolvidos, por isto, quanto mais bravia a natureza, mais bravos os “colonos”.

De posse dessas histórias pude então entender o significado mais profundo daqueles objetos. Constituem uma espécie de relíquia profana, objetos de memória de tempos mais brutos e selvagens, pequenos fragmentos que sobreviveram ao passado e chegaram ao presente, servindo agora como suportes de uma narrativa coletivamente sustentada por esses sujeitos, a de sua tenacidade.

Como todas as narrativas meio folclóricas, esta também contém meias-verdades, também exclui outras versões e outras vozes, e igualmente romantiza aspectos do passado para assentar identidades e defender valores. Porém, ainda assim constituía parte do imaginário do qual Abel participava. Ele próprio havia me contado as histórias por debaixo dos itens que se encontravam em sua casa, e eu já tinha dado conta de desencavar a fatia de sabedoria consuetudinária que cada uma delas continha.

O grande couro de cobra, desbotado já de tão velho, era a mais antiga de todas as relíquias. Fora o bisavô de Abel quem a abatera, na leva dos primeiros “colonos” que aqui chegaram. Diz-se que ela vivia escondida embaixo da cama de palha do casal durante o dia e se esticava durante a noite, todas as manhãs esperando à toaia que um par de pernas se apresentasse para o bote. A lição prática contida naquele item era a de olhar onde pisa — conselho prudente ainda hoje, diga-se de passagem. A lição moral é da reprovação da natureza traiçoeira da cobra e de seu ataque — reafirmando pelo avesso o valor da lealdade na galeria de virtudes dos “colonos”.

A garra da onça é o segundo item mais longo, e foi conquistado pelo avô de Abel. O significado deste era mais

complexo, pois embora exista entre os “colonos” o consenso de que se trata de um animal perigoso, há igualmente o respeito a uma criatura majestosa e um adversário valoroso. O malabarismo filosófico para encaixar o abate desse animal no folclore, portanto, é mais complicado. A narrativa dominante entre os “colonos” quase sempre inicia com ataques da onça a cabeças de gado, galinhas ou cães, uma vez que é preciso estabelecer uma espécie de “princípio de legítima defesa”. Dada a envergadura do desafio, a caçada de uma onça era quase sempre um feito coletivo. Envolveria planejamento, coordenação e esforço de várias pessoas, e é aí que repousa sua moral: a celebração da união como forma de proteção coletiva e como meio de potencializar as capacidades dos indivíduos. É por isto, inclusive, que o avô de Abel só tinha uma garra da onça: as outras garras, e a pele dela, jaziam penduradas em outras casas da comunidade.

A mandíbula do queixada era uma adição do pai de Abel à coleção de relíquias. Diferente da cobra e da onça, esse animal não é exatamente um predador nem oferece necessário perigo para os “colonos”. Por vezes, inclusive, ele aparece junto com seu parente, o porco-domato, como parte da dieta rústica dos tempos primeiros da chegada dos “colonos”. O que valeu àque-la mandíbula o valor folclórico foi a valentia do animal. O pai de Abel contava que ele rondava há muito as cercanias, pois já se tornara comum ouvir o estalar muito característico de seu maxilar — donde, aliás, o nome “queixada”. Embora o encontro com um bicho destes dificilmente fosse letal, ele era, como se dizia, “brigador”, e não se furta a arremeter contra seus opositores se necessário, numa carga assustadora. Esse queixada específico ficara muito melindrado por ter vizinhos e fazia sua presença ser sentida, fosse abrindo clareiras na lavoura de tanto comer, fosse “dando um corridão” nos cachorros da família — que não ousavam encará-lo de frente, aliás. Quando a situação se tornou insustentável, o pai de Abel ocupou-se de caçar o queixada e disse ter gastado três vezes mais munição para conseguir

abater o bicho, tamanha sua ferocidade – tendo, dizia ele, “passado um aperto” para conseguir o feito. A moral dessa história sempre me pareceu oscilar entre uma recomendação de que se respeite o adversário, e uma admiração velada à valentia do animal a despeito de seu pouco tamanho – a narrativa sempre me pareceu ser um pouco decalcada da história bíblica de Davi e Golias.

Ora, diante disto, o que significa a remoção dos itens decorativos da casa de Abel? Que os tempos épicos terminaram? Que Abel não se sentia merecedor de constar entre os heróis daquela incomum galeria?

Se o Desidério estiver certo quanto a, enfim, tudo isto, Abel pode ter retirado os objetos porque o incomodava ter que vê-los toda vez. Talvez aquele couro, garra e mandíbula tivessem se tornado um espelho reverso, que mostrava nas suas antípodas o sujeito heroico que ele não era – ou que não supunha ser. Quem sabe esses objetos tenham se tornado um lembrete de que ele não estava à altura de seus antepassados, que diante daqueles patriarcas ele era um anão entre gigantes. Nesse caso aquele argumento insistente de Desidério, o de que Abel foi diminuído até se autodiminuir, passa a fazer muito sentido.

Mas e a confissão da cobiça, não argumenta contra essa hipótese?

Não necessariamente.

Pode ser que Abel se sentisse acabrunhado pelo conjunto de mudanças que ocorreram no sítio ao longo dos últimos, vindo estas a fazer aumentar o peso já enorme que ele trazia sobre os ombros como fruto de sua educação.

Ora, mas não era este o curso mais ou menos normal das coisas? O mato diminuiu, a cidade aumentou, e a natureza foi encurralada e domesticada. Será que Abel não notou que era parte desse grande processo, e que não era culpa dele se não tivera oportunidade de se engalfinhar com algum bicho selvagem? Afinal, se a narrativa e o imaginário em que ele tomava parte se fiavam na ideia de que os “colonos” haviam fincado

um posto avançado de civilização no meio do “mato fechado”, não era o desenvolvimento dessa mesma civilização o curso esperado das coisas?

O que ocorreu para que Abel não se visse mais dentro desse curso, ou para que se visse como uma parte menor, pedestre e pouco importante do processo? Aliás, era Abel ou era o processo que estava fora de prumo?

Ora, eu vi o Abel matar uma cascavel com golpe certo de facão na época do seminário. Não seria por falta de evidências desse tipo de bravura que ele deveria ficar de fora do mural heroico de seus antepassados. Mas, quem diz isto sou eu, não ele. É possível que ele estivesse assoberbado por todas as mudanças que ocorreram no sítio mesmo. Talvez pensasse que a única coisa que pudesse pôr na parede fossem milhares de pés de galinha, esse adversário pouco valoroso e vítima de um embate pouco justo, afinal já estavam todas gordas, presas e encurraladas. Nem contavam.

Se eu assumir que a época dos antepassados e a época de agora formam um processo com um mínimo de continuidade, chego à conclusão que a posição que Abel ocupava era parecida com a de seus antecessores. Não eram os “colonos” de antes a vanguarda de uma determinada etapa da civilização enquanto os de agora são a vanguarda de outra, aquela e esta parte de uma mesma marcha?

Deveria ser, mas Abel me faz pensar que talvez não sejam...

Bom, ele pode ser só um caso isolado e tudo isto não passar de uma leitura destorcida e descabida, motivada pela culpa de uma hipótese maluca.

Se bem que... pode haver algo mais.

Uma outra explicação me ocorre.

Há um outro ponto em que as narrativas dos “colonos” convergem, e é precisamente na nostalgia por esse passado meio selvagem. Eu costumava atribuir isto ao fato de que aquilo de que eles se lembravam com carinho quanto ao passado

era o fato de serem mais novos. Isto é, tinham saudade não das dificuldades daquele tempo, mas da própria juventude – isto e, claro, o fato de que o passado se presta melhor a essa faculdade tão humana que é a idealização.

Talvez haja aí um sentido mais profundo que eu tenha deixado passar. Quem sabe o que explica esse aparente paradoxo, essa coincidência de serem os “tempos mais difíceis” também os “tempos melhores”, seja o protagonismo dos “colonos”. Bem ou mal, para as conquistas e para as durezas, eram eles a ponta de lança de antigamente. Hoje, no entanto, eu não sei dizer se são. Parecem mais o dente de uma engrenagem encaixada numa maquinaria bem mais colossal...

Se penso nesses termos, a vanguarda de antes e a de agora são muito diferentes mesmo, e aí os dilemas de Abel se explicam melhor. Ele estava preso entre as gerações, apertado entre o mundo dos pais e o dos filhos. Com os pés enterrados no mundo dos antepassados, e com este naufragando no mar revolto das transformações, Abel segurou o fôlego tanto quanto pôde.

Senhor! Estou falando que nem o Desidério.

Mas... e se ele estiver certo?

Diabo de dúvida!

IX.

[A conversa com Marta terminou não faz muito. Pouco de novo foi acrescentado ao que os dois já sabiam, e várias lágrimas derramadas. Os filhos perambulando próximos da casa acabaram dando ao diálogo uma natureza bastante protocolar, e aos suspiros o papel de vírgulas e de álibis. Ao fim de mais ou menos duas horas, Marta pediu licença para dirigir-se à estrebaria e ordenhar as vacas. Acrescentou em seguida que Clemente e Desidério ficassem à vontade para empreender o passeio que haviam mencionado. Como ela indicara onde Abel havia morrido, entre os aviários, os dois discretamente se dirigem para lá com as mãos nos bolsos. Quando se sentem longe o suficiente de outros ouvidos, começam a falar.]

Desidério: (*irritadiço*) Você sabe o que é que aconteceu entre o Abel e os filhos? A Marta desconversava toda vez que um deles se aproximava. Senti como se a gente fizesse parte de uma conspiração.

Clemente: O que sei é que eles tinham lá suas divergências quanto ao modo de tocar o sítio. Mas as coisas pioraram

bastante depois da construção do segundo aviário e de toda aquela situação com o irmão dele. *(pausa)* Bom, você ouviu o que ela falou, toda sem graça, aliás: quer ter certeza do que é essa questão do seguro antes de falar com os meninos, pra não avivar nenhuma memória ruim, pois acho que eles não estavam nos melhores termos quando o Abel morreu. Acho que é coisa de mãe, sabe?

D.: É. Provavelmente.

C.: Afinal, o Abel colocou ela de beneficiária do seguro, né?

D.: Sim, isso diz algo sobre a relação entre Abel e os filhos, não? *(pausa)* Eu nem te disse, mas liguei de novo na seguradora ontem para tentar descobrir mais detalhes. Como eu já tinha tratado da esposa de um dos sócios, pedi pra falar com ele. Quando eu disse quem era e as circunstâncias em que estava ligando, o sujeito acabou me dando algumas informações da apólice. Parece que foi o Abel mesmo quem pediu para não informar a família sobre a contratação do seguro.

C.: *(demora um pouco a responder, pensativo)* Mas você acha que isso tem a ver...

D.: *(pegando a deixa da pausa)* Olha, se as suspeitas que temos forem... *(hesita)* ...se elas tiverem algum fundam... *(se atrapalha e fica irritado)* ...enfim, se elas se confirmarem, faria muito sentido, não? Resolvia-se uma crise sem criar outra. Apagava-se uma culpa sem pôr outra no lugar. Ou pelo menos tem uma chance razoável de isto acontecer. Se o Abel se sentia tão mal quanto eu acho que ele se sentia, deve ter assumido o risco da coincidência do valor do sinistro estar próximo daquele da dívida. Deve ter feito lá alguma espécie de ponderação para... *(pausa, novamente constrangido)* ...enfim, tomar a decisão.

C.: (*chacoalhando um pouco a cabeça*) Arre, ainda acho que isso tudo é uma loucura.

D.: (*em réplica, mas sem o menor vigor*) Eu queria que fosse...

C.: (*tentando soar otimista*) Pode ser mesmo uma loucura, não pode?

D.: (*pesaroso*) Poder pode, mas se você ou eu realmente acreditássemos nisto, acho que a gente não estaria aqui.

[Silêncio. Os dois seguem caminhando em direção ao lugar da morte de Abel, por um instante só ouvindo seus pés esmagarem as folhas secas na irregularidade do cascalho, cada um entregue aos seus pensamentos.]

C.: (*tentando retomar a conversa*) De um jeito ou de outro, a atitude de Marta me pareceu sensata apesar do constrangimento todo da conversa entrecortada. Toca-se no assunto quando a situação estiver mais definida.

D.: Sim, sim. Se for pra mexer na ferida que seja pra curar. É melhor arrancar o curativo logo de uma vez ao invés de ficar cutucando o machucado de pouco em pouco.

C.: Quanto a isto, tenho lá minhas dúvidas. Esse é o seu jeito.

D.: (*diminui um pouco o passo e se volta para trás*) Vai pregar a mim agora, senhor padre? Vai admoestar essa velha ovelha desgarrada?

C.: (*sem saber como reagir*) Desculpe, não foi essa a intenção.

D.: (*leve riso*) Estou brincando, Clemente.

[Clemente disfarça o suspiro aliviado. Reconhece a tática de Desidério de usar de ironia quando alguém toca nalgum ponto delicado para ele. As entrelinhas do diálogo deles têm mais de vinte anos de idade, e a ferrugem delas sempre ameaça se espalhar para as linhas mais novas.]

C.: *(retoma a conversa do fio anterior, mas sem se repetir)*
Você acha que Marta suspeita que Abel tenha se... *(pausa)*
Quer dizer, você acha que ela não falou nada do seguro para os meninos porque pensa que eles podem perceber a proximidade dos valores?

D.: Pode ser. Pensei nisto. Mas não posso ter certeza, porque ela não mencionou nenhuma vez o valor do seguro pra mim. Ela talvez não saiba. Eu descobri o valor quando liguei na seguradora pra me informar, na segunda. Tratei então de tomar cuidado pra parecer que não sei qual é o valor da apólice. Eu não tenho como descobrir se ela sabe sem acabar levantando alguma suspeita, então fiquei quieto.

[Clemente assente com a cabeça, convencido do acerto da decisão de Desidério. Conforme vão subindo a elevação coberta de cascalho, os dois começam a ver, assomando de cima do grande degrau de terra, o aviário.]

C.: Me incomoda pensar que a dúvida que nos rói a consciência talvez possa estar instalada em Marta também, mas é, por assim dizer, curioso, né? A culpa que ela pode estar sentindo em relação a Abel a leva a proteger os filhos de uma mesma sensação terrível. É desse modo que Abel agiu quanto ao seguro, se nossa suspeita se confirmar, e é também como você mesmo está agindo: portando um pouco daquela culpa, você quer poupar Marta. A culpa percorre toda essa dinâmica de interações.

D.: (*impaciente*) Você exagera na romantização das coisas, Clemente. A culpa é uma merda, um troço que uns dão um jeito de usar para constranger e melhor dominar os outros. (*pausa*) Sabe o que é curioso, mas não do jeito poético que você diz? O fato de que o Abel vale mais morto do que vivo.

C.: (*responde sereno, mas firme*) Não simplifique as coisas, Desidé...

D.: (*interrompendo, irritado*) Clemente, você escutou o que eu acabei de dizer? (*percebe que ergueu a voz e se controla*) Morto o Abel dá conta de pagar a dívida. Vivo, talvez não.

C.: (*não cedendo à escalada de tom*) Agora quem exagera é você. Não sabemos em que condições estava sua dívida. E outra: qualquer um preferia estar endividado e ter o pai ou marido do que o contrário.

D.: (*recua no tom*) Não estou falando dos filhos de Abel, e muito menos de Marta. Mas você há de concordar que tem alguma coisa de mórbido nisso tudo, não? Um homem morto valer mais dinheiro do que um homem vivo.

C.: (*fala calmamente, evitando as faíscas*) Sim. Esse nosso mundo é muito estranho mesmo, não vou discordar disto. Mas você não acha que há algo de nobre nessa espécie de corrente de culpas em que um preserva o outro?

D.: (*com a calma restabelecida*) Eu até concordaria com você se não houvesse alguém participando da causa dessa culpa e obtendo algum tipo de vantagem nisso tudo. (*imposta um pouco a voz em busca de eloquência*) Note a palavra que você usou para se referir a isto: "corrente de culpas". É uma corrente, não é? Serve para prender. São grilhões. Escravizam.

[Chegam, enfim, diante do aviário.]

C.: (*pensativo*) É. Embora eu não concorde de todo com você, não tenho como discordar do que disse.

D.: Se você tivesse noção das coisas que eu já ouvi no consultório... (*pausa*) Acho que você ia estar mais disposto a concordar comigo. (*consternado*) Muita gente chega arrasada por um sentimento de culpa que não pertence a elas, que alguém, em algum lugar, de algum modo, em algum momento, deu um jeito de enfiar lá.

C.: Ora, eu tenho noção, Desidério. Esqueceu de um dos deveres de ofício do sacerdote? Eu recebo confissões quase diariamente. Sei do que você está falando.

D.: É mesmo. Me esqueci.

C.: Recebo pessoas atormentadas também. E me compadeço delas. Às vezes eu gostaria de poder fazer mais, mas descobri com o passar dos anos que o perdão divino pressupõe também, de algum modo, uma espécie de auto-perdão, um perdão humano, sabe? Tenho impressão de que essa segunda parte é, várias vezes, mais difícil que a primeira...

D.: (*interrompe, jocoso*) Afinal, deus é a infinita misericórdia. Era isto o que você ia dizer?

C.: Seria apropriado, mas eu ia dizer outra coisa mesmo. (*retoma a linha de raciocínio*) O autoperdão é mais difícil justamente porque é feito por nós mesmos, e não operado pela mão divina. Nós não somos onipotentes como Deus, então temos dificuldade de realizar essa proeza. Quanto mais penso nisto, mais chego à conclusão de que a culpa é um dos mais complexos sentimentos que a gente tem.

D.: (*surpreso pela eloquência, acua-se e recorre à ironia*) E um dos mais filhos da puta.

C.: (*se esquivando da provocação*) Não discordo. Algumas pessoas que vem se confessar causam pena. Não me cabe julgar o pecado dos outros, mas muitas delas confessam coisas muito simples, muito leves, pecadinhos mesmo. E, ainda assim, a impressão que dá é que trazem uma falta gravíssima na alma.

D.: (*aproveita a ligeira pausa de Clemente*) É disto que eu estou falando. Esse sentimento ruim, de se esmagar debaixo de uma culpa que foi posta lá. E lá ela cresce, finca raiz e vai sugando pouco a pouco a seiva do sujeito, envenenando suas alegrias.

C.: Porque você sempre diz que a culpa “foi posta” na pessoa?

D.: Porque foi. A culpa não é inerente, é?

C.: Depende do pressuposto do qual se parte.

D.: (*estalando o indicador e o polegar*) Ah tá, já entendi. Você está falando de pecado original, Adão e Eva, maçã proibida etc. É isto?

C.: (*sem se alterar*) Pode ser também, mas não era bem isto que eu ia falar.

D.: Pois é. Isto é uma crença confessional, Clemente. Um pressuposto filosófico que se abraça ou não, e se abraçado, passa a ser encarado como se fosse, digamos, natural. Ele apaga seu rastro, por assim dizer. Mas mesmo ele é artificial, no sentido que é resultado da ação das pessoas.

C.: Não vamos entrar nessa seara. Eu creio e você, se entendi bem, não conseguiu fazer suas pazes com a religião. (*pausa*)

para ver se há discordância, que não encontra) O que quero dizer é o seguinte: a pessoa culpada não “se” culpa? Isto é, ela própria encara determinada atitude, ou mesmo um pensamento, como digno de reprovação, como passível de reprimenda, não é isto?

[Momentaneamente absortos nessa discussão filosófica, Clemente e Desidério permanecem parados em frente ao aviário.]

D.: Sim, mas se introjeta isto. Quer dizer, se a culpa não está lá quando a gente nasce, mas passa a estar quando a gente cresce, alguém ou alguma coisa a colocou lá, certo? (*pausa e aguarda o assentimento de Clemente*) Então, veja, foi posta lá. Mas a culpa é traiçoeira, ela tem uma mecânica muito sacana. Ela funciona de um modo parecido com o daquele pressuposto de que eu falei agora há pouco: ela se instala no íntimo e, uma vez feito isto, dá conta de eliminar o rastro de suas pegadas. E é precisamente aí que está o problema mais filho da puta da culpa: a aparência dela, a impressão que causa é sempre como se fosse de dentro pra fora. O sujeito culpado se estranha consigo mesmo, entra em contradição, se recrimina, torna-se seu próprio carrasco.

C.: (*pondera um pouco*) Não me parece que você esteja errado, mas olha somente para um lado da questão. Pense pelo reverso: e se fôssemos imunes à culpa?

D.: (*grandiloquente, mas jocoso*) Seríamos livres desses grilhões malditos!

C.: (*retruca de pronto*) Você diz “livre” e eu te pergunto: livres como os animais, por exemplo?

D.: (*pensa um pouco, meio contrariado*) A comparação não é boa, mas vá lá: sim, como os animais, que não tem crises de

consciência. Que vivem sem serem assombrados pelo fato de existirem.

C.: (*provocativo*) Então é este seu horizonte ideal: retornar ao estado de animais?

D.: (*exasperado*) Você está distorcendo o que eu disse!

C.: (*intervém rapidamente*) Somente em parte. (*pausa*) Retorno à pergunta: e se fossemos imunes à culpa? (*eleva um pouco os olhos*) Deus me livre de viver num mundo desse tipo. A culpa é uma consequência da nossa natureza moral, que é, por sua vez, consequência da muito humana faculdade da consciência. Logo, não posso deixar de pensar que há algo de inato na culpa, apesar de você ter razão quanto a ela não ser simplesmente natural, afinal ela não é a mesma em todos os lugares e tempos.

D.: A culpa é uma invenção cristã. Os gregos e romanos não viviam atormentados por ela. Tinham suas misérias e melancolias, não há dúvida. Eram serem trágicos. Mas não se culpavam por isto. Viviam à mercê dos deuses e seus caprichos, andavam na corda bamba das moiras e das parcas, e era isto. Quando sucumbiam ou quando sobre eles se abatia alguma catástrofe, amaldiçoavam o destino, a fortuna ou alguma divindade, mas de consciência tranquila.

C.: (*provocativo*) E ainda assim não furou Édipo seus olhos depois do seu crime? Não se horrorizaram todos com as crueldades de Medeia? Se Édipo causa compaixão e Medeia calafrios, é porque havia uma preocupação moral neles, não é? Do contrário Sófocles e Eurípides não fariam sentido nem para seus contemporâneos.

D.: Sim, mas “preocupação moral” não é a mesma coisa que culpa.

C.: De fato não, mas a culpa não é uma das manifestações da preocupação moral?

D.: (*irritado*) Aonde você quer chegar com isto? Quer dizer que temos que nos culpar todos, abraçados e em lágrimas, pedindo desculpas uns para os outros o tempo todo?

C.: Eu falei “corrente de culpas” e você imediatamente assumiu que eram grilhões, que escravizavam, que oprimiam, que subjugavam. Não te passou pela cabeça que a palavra corrente evoca mais do que isto? A corrente não é uma união de elos? Não é, além de um símbolo de opressão, um símbolo de união?

[Aquele sentido da palavra tinha passado ao largo da percepção de Desidério. Ele fica acuado e o máximo de defesa que consegue levantar é uma leve ironia, a que ele faz seguir pergunta cética.]

D.: Saúdo o poético da coisa. Parabéns! Mas isto significa o quê?

C.: Basta voltar ao exemplo de que falamos antes: o Abel, você, Marta e os meninos. O Abel tinha uma culpa que não queria passar para a família, você tem uma culpa que não quer impingir em Marta, nem para os meninos, e Marta pode ter uma suspeita que a faz se culpar, mas não quer transmitir essa culpa para os filhos. Ora, não é isto tudo uma corrente?

D.: (*retruca*) Piedade não é culpa. O que você chama de culpa é piedade, e piedade é... é... é, resumindo grosseiramente, uma forma de empatia.

C.: A mim sempre pareceu que piedade é culpa exatamente pelo oposto, uma espécie de culpa alheia. É a culpa pelo outro. (*hesita*) E, bem, você não vai concordar, mas a culpa é uma forma de empatia.

D.: *(tenciona rir, mas muda de estratégia)* Sim, admito. Mas uma forma retorcida e doentia de empatia. Uma que castra, uma que dói, uma que eventualmente explode. Ou melhor, implode, por que estoura pra dentro. A culpa mina a pessoa, a rói por dentro, de modo desleal, arditosamente, nas sombras. As pessoas que chegam ao consultório raramente conseguem diagnosticar a própria culpa, vivendo como presas dessa inconsciência, às vezes como farrapos espirituais. *(desvia o olhar, passa a falar mais baixo, condoído)* As culpas que trazem são quase sempre a expectativa dos outros projetada em si, a qual os coitados reconhecem neles abortada. Por eles abortada. *(pausa)* E por isto, por essa incapacidade que julgam ser sua, se infamam e se abominam secretamente, se debatendo contra as paredes da gaiola solitária que se tornou seu íntimo.

[Clemente se surpreende com o que disse Desidério, e não ousa respondê-lo diretamente. Cala e espera, pesando o significado daquilo. Quando Desidério começa a caminhada pela lateral da construção, Clemente o segue. Os dois já veem ao longe, ao final da extensão do aviário, o silo novo que foi erguido no lugar do antigo, do fatídico, o qual jaz caído alguns metros a diante daquele.]

C.: Dói vê-los assim... prostrados. Não dói?

D.: Me deixa cheio de raiva, isto sim. Pelo silêncio em que quase sempre estão por causa dos outros, ainda que este venha através deles mesmos. É um silêncio que vai engrossando cada vez que refazem o círculo vicioso que é o espiral da sua culpa. A cada nova volta destas, mais pressão sentem porque mais peso carregam. *(pausa)* Resta a eles acatar o martírio de carregar esse peso para provarem-se a si próprios quando na verdade se provam pros outros; ou então entrar num outro espiral, o da autocomiseração, rebaixando-se para melhor se apresentarem como vítimas, diante de si e dos outros. Num

e noutro caso, pagam como tributo a própria saúde. Quase sempre.

C.: "Silêncio", "gaiola", "íntimo", "martírio", "autocomiseração". Não percebe que falamos a mesma coisa? Por que o "íntimo" é a "gaiola"? Por que ela é como uma redoma de "silêncio"? E por que se aceita mesmo o "martírio" e a "autocomiseração" para sair dela? (pausa) Porque queremos evitarmos a solidão, Desidério! A qualquer custo!

D.: (*exasperado, mas procurando falar baixo*) Você é quem não percebe, Clemente. Os outros são os que puseram os culpados na sua gaiola. E o pior: convencendo-os de modo sorrateiro que eles tinham que ir pra lá. Cada olhar de reprovação, cada conselho financeiro, cada outdoor, cada nova dieta, cada celebridade, cada novo guru comportamental, cada capa de revista, cada coach de carreira, cada noticiário, cada comercial, tudo isto vai se juntando, vai montando a maquinaria social que os leva pra lá. Para aquela gaiola que, no fim das contas, os culpados mesmos acreditam ter construído e trancado.

C.: (*sem provocar*) Continuo achando que nossos argumentos não se contradizem. Debaixo do seu argumento dá pra ouvir o seu Sartre dizendo "O inferno são os outros", "O inferno são os outros". Ora, o inferno pode ser os outros, mas os outros são tudo o que temos, afinal...

D.: (*interrompendo*) A culpa é uma arma, Clemente.

C.: (*firme, mas conciliatório*) Tudo pode ser uma arma se você tiver a intenção de usar desse jeito.

[Desidério não responde. Levanta um pouco os olhos e vê ao longe o silo, com seu brilho metálico, já esmaecendo pelo avançado da hora.]

C.: (*retoma a conversa cuidadosamente*) Essas pessoas de que você fala, os seus pacientes que padecem nas mãos da culpa, por acaso eles não foram te procurar? (*ligeira pausa*) Eu sei que eles buscavam a ajuda profissional, mas eles não vão lá somente para retirar receitas de remédio, vão? Precisam explicar porque vieram, descrever o que sentem, dar nome para seus terrores íntimos. E, de repente, estão lá: compartilhando detalhes secretos, contando lances desconfortáveis de sua vida, mostrando-se em sua vulnerabilidade. (*pausa*) Como alguém que tem ouvido confissões quase diariamente por duas décadas, Desidério, eu posso te dizer com toda a certeza que sou capaz de ter, que seus pacientes buscam sua avaliação profissional, mas buscam também um outro ser humano, um par, um igual, um companheiro de condição.

D.: Não digo que não, mas isto explica a culpa?

C.: Eu te disse que a culpa é um dos sentimentos humanos mais complexos. Não tente achatá-la numa definição simples demais. (*pausa*) Veja. Todas as pecinhas que você disse que, juntas, formam a “maquinaria social” da culpa são elementos modernos — se não todas, quase todas. Eu tenho a impressão que a culpa significa hoje algo muito diferente do que significava em outra época. Sei que tem a discussão toda do pecado original, mas seria muita miopia achar que o mundo não mudou desde que essas coisas foram ditas pela primeira vez. Deus criou o mundo, mas Deus criou o tempo, então temos de não ignorá-lo. (*nota que Desidério se impacienta*) Faço esse preâmbulo todo para poder dizer que a culpa que você abomina é uma culpa nova, não uma culpa, digamos, essencial. O que o mundo moderno inventou foi a culpa solitária, essa que pesa sobre as cabeças individuais. É diferente da culpa medieval, por exemplo, a culpa — terrível, sim — de uma sociedade mais orgânica. Ali a culpa ocupava um lugar tão central que dá pra dizer que boa parte da dinâmica própria

da vida social era devotada para mitigá-la, para dar conta de aplacá...

D.: (*interrompendo, sarcástico*) Isto para não dizer que ela era uma das traves-mestras da dominação eclesiástica, né?

C.: Não vou negar, era isto também. (*retoma*) A culpa era tão onipresente ali que servia como uma espécie de identidade comum das pessoas, uma questão que as interpelava de modo coletivo, por assim dizer. O curioso disto não é o quanto a culpa pesava sobre cada um individualmente, mas como a culpa agregava a todos como sociedade. Dentro dessa mentalidade a culpa pesava sobre todos — ainda que de modo desigual —, e era assim, na condição de todos, que se buscava encaminhar o gerenciamento e o tratamento dessa culpa, nos ritos, nas celebrações, na filosofia, na visão de mundo, nos eventos coletivos, nas purgações etc. Ou seja, a culpa os soldava como uma comunidade, irmanava-os, dava-lhes um denominador comum.

[Por um momento Desidério ensaia uma reação de discordância ao que diz Clemente, mas a curiosidade o impede de ir a diante.]

C.: O homem moderno tomou como ponto de honra afirmar-se com todas as forças, sobre todas as coisas que o rodeavam. Fazia questão de salientar sempre que pudesse a sua individualidade, e parte substancial dessa individualidade era se ressentir de tudo o que lhe pusesse limites. (nota as sobrancelhas de Desidério se arqueando e se antecipa) Não, não estou falando daquele argumento estúpido que diagnostica o problema de hoje como falta de submissão a Deus ou à igreja — quem muito prega obediência quase sempre quer, no fundo, ser obedecido. Não é disto que estou falando. O que estou dizendo é que a lei de ação e reação também funciona com as coisas do espírito. Na sua salutar escalada de autoconfiança, o

homem moderno encontrou coisas menos salutares também. Tropeçou no orgulho e na vaidade, e um dos preços que paga pela sua teimosa afirmação de individualidade é a culpa. Nós, homens modernos, reivindicamos a condição de senhores de nosso próprio destino, não é? Ora, se tudo nos é possível, tudo de nós depende; se tudo de nós depende, tudo é nossa responsabilidade; se tudo é nossa responsabilidade, tudo o que der errado é culpa nossa.

[Desidério para, ligeiramente à frente de Clemente. Fica assim por um instante, e então se vira com o rosto tomado de surpresa.]

D.: Uau, Clemente. Estou impressionado. Eu nunca achei que ouviria você falar um troço destes. Foi a coisa mais herege que escutei de você.

[Clemente fica embaraçado e não responde de imediato, de modo que Desidério torna a falar.]

D.: Você está querendo dizer que aquilo que a gente aprende na escola, o tal “antropocentrismo” dos renascentistas, foi tanto um passo pra frente e quanto um passo pra dentro da culpa?

C.: (*com o rosto afogueado*) Não é bem isto. A culpa já existia antes, mas ela pesava sobre nós como condição compartilhada, como elemento de coesão social, até — apesar de todos os problemas que isso acarretava. Não estou idealizando o passado da religião. (*pausa, se reorganiza*) O que quero dizer é que tudo isto que você falou sobre a culpa ser ruim, nos acabrunhar, pesar de maneira opressiva sobre os ombros das pessoas etc., é diretamente proporcional à forma individual que cada vez mais damos a nossa consciência, ao nosso modo de lidar com o mundo, com a vida, com as coisas.

D.: Se entendi bem, então, a culpa moderna é a filha bastarda da nossa presunção e arrogância.

C.: Eu não colocaria desse modo, mas é mais ou menos isto. Só acho que eu trocaria “presunção” e “arrogância” por “individualismo”.

D.: É, você tem razão, acho que não discordamos tanto quanto eu imaginava. (*pausa*) Só acho que você esquece que esse processo todo que descreveu, de transferir filosoficamente para os indivíduos responsabilidades grandes demais, é um dos mecanismos de dominação do mundo em que vivemos. Não é um mero acidente de percurso, ou pelo menos não somente. Há quem já entendeu que esse “acidente” pode ser causado de modo deliberado e, então, ser usado de modo muito eficiente como ferramenta de obtenção de vantagens. Talvez seja esta a armadilha que apanhou o Abel.

C.: Não sabemos se ele... (*interrompe-se*)

D.: (*falando baixo, desgostoso*) É, não sabemos. Mas se for, não há expectativas de fora que ele colocou pra dentro de si até tomar como suas, e então sucumbiu ao peso delas?

[Clemente nota a recorrência com que Desidério usou o termo “expectativas”, mas não leva o ponto a diante porque os dois chegam, enfim, ao silo que foi posto no lugar do antigo. Descem o declive que separa o aviário da base de concreto do silo. Verificam que esta foi refeita em partes, pois a anterior, quando da queda, acabou tendo alguns pedaços quebrados. Clemente e Desidério andam ao redor do patamar de concreto, terreno já sem grama, pisando nas ranhuras e buracos de terra deixados pela patrula quando esta removeu as ferragens do silo antigo.]

C.: (*falando baixo*) Dá uma sensação ruim estar aqui, né?

D.: Sim.

C.: Se o Abel... (*hesita*) Como ele fez?

D.: Se nossa suspeita estiver certa, ele tinha que fazer parecer um acidente, do contrário poria tudo a perder. O dinheiro e a... enfim, a reação da família... a coisa toda da culpa de que falávamos. Suponho que ele precisaria de uma queda rápida e certa. Sabemos que o silo tombou para o lado de baixo, quase atingindo o outro aviário.

C.: Sim, mas “queda rápida e certa” é a descrição de metade dos acidentes.

D.: Pois é. (*silencia por alguns instantes*) Que indício estaríamos procurando nesse caso?

C.: Essas pernas de ferro, que acho que são iguais àquelas lá. (*aponta para os ferros retorcidos do antigo silo*) Então ele não conseguiria entortá-las sem uma marreta e sem fazer um estardalhaço de barulho. Não sei nem se sozinho ele daria conta.

D.: Acho que não. E nesse caso haveria uma vistosa marreta ao lado do seu cadáver quando alguém chegasse, o que frustraria todo o resto do plano.

C.: Cada vez mais acho que nossa suspeita está, felizmente, errada.

D.: Tomara, Clemente. Tomara.

[Ficam ali por um tempo, como se a base de concreto fosse o jazigo de Abel e eles estivessem prestando seus respeitos ao amigo. Desidério notou que Clemente havia juntado as mãos e fechado os olhos para orar, então continuou discretamente sua inspeção. Notou que num certo ponto, a estrutura da base es-

tava soldada, o que se devia à altura que o silo tinha de estar, para compensar o desnível do terreno. Por baixo da base padrão, tinham sido soldadas quatro barras, que serviam para elevar o cilindro afunilado que contém a ração a uma altura de mais ou menos de dois metros, emparelhando-a assim com o degrau de terra em que se encontrava o aviário que ele alimentava. O cilindro metálico de silo estava preso a essa base por dois grossos parafusos em cada pé. Os ferros dessa estrutura eram novos, pois toda a antiga estrutura havia sido inutilizada pela queda.]

C.: (*abre os olhos e faz o sinal da cruz*) Acho que não vamos encontrar nada afinal.

D.: Calma. Vamos checar a estrutura caída. Pode ser que haja alguma coisa lá.

[Começam a andar em direção ao local. Percebendo que Desidério não fala, Clemente resolve retomar o ponto anterior, que atiçara sua curiosidade.]

C.: (*tentando soar casual*) Antes você falou de novo em “expectativas”. Acho que eu nunca tinha parado para pensar que existe uma ligação tão forte entre isto e a culpa.

D.: De fato. É algo muito comum. Já vi acontecer diversas vezes no consultório. (*pausa*) Nessas horas, é difícil refrear a vontade de dizer pra pessoa que ela está vivendo a vida que outros projetaram sobre ela. Ser curto e grosso, direto e reto, sabe? Mandar o sujeito ir confrontar esses outros. (*augmentando o tom*) Afinal, eles não têm o direito de... de dizer o que você pode ou não pode fazer.

C.: Então, fiquei pensando nisto. É assim mesmo que esses “outros” sejam pessoas muito importantes na vida do sujeito em questão? Como, digamos, familiares próximos.

D.: (*resoluto*) Sim, claro. Mesmo estes não têm o direito de mandar na vida de ninguém.

C.: Mas você não acha que a pessoa culpada assumiu um compromisso com esses "outros", e que ver esses "outros" felizes com o cumprimento disto pode ser importante para a pessoa culpada? Quer dizer, imagine se a pessoa culpada em questão está falando das expectativas de seus pais. Em nome do relacionamento profundo que eles têm, e que é tão vital tanto para ambas as partes, não seria isto um sacrifício justo?

D.: (*meio confuso*) "Compromisso" muitas vezes é um eufemismo de "obrigação" ou "imposição".

C.: (*se impacientando*) Ora, tudo pra você é uma imposição.

D.: (*irritado*) Estou com a impressão de que você tá querendo chegar a algum lugar. Deixe de rodeios, Clemente. Fale logo de uma vez o que quer falar.

C.: (*voz baixa*) Você não consegue perceber, Desidério?

D.: Vá direto ao ponto, caralho!

C.: (*junta o fôlego e a coragem*) Você não acha que todo esse... toda essa sua... repulsão à culpa... e a sua noção de culpa e expectativa... não tem a ver com sua relação com seus pais? (*hesita, mas Desidério está estupefato, então continua*) Quer dizer... acho que você se culpa porque no fundo pensa que frustrou as expectativas de ambos seus pais. Não se tornou nem contador, nem padre.

D.: (*saindo do estupor*) ...Vá se foder, Clemente. Você tinha que achar um jeito de me encaixar no seu sistema vitimista, né? Está satisfeito agora?

C.: (*tentando apaziguar, mas apreensivo*) Calma. Sua mãe teria orgulho de você. Tenho certeza. E seu pai também. Você ajuda os outros, é uma boa pessoa, não tem porque... quer dizer, se for isto o que você sente, não há razão para...

D.: (*transtornado*) Cale a boca, porra!

C.: (*apreensivo*) Desculpe. Não quis ofender. Me desculpe.

D.: (*exala, incrédulo*) Eu não acredito que eu aceitei falar contigo de novo. Puta que o pariu! (*pausa, ofegante, o rosto avermelhado*) Você devia pedir desculpa mesmo, mas não é por isto não!

C.: (*entendendo a insinuação*) Eu... eu... eu nunca quis deixar você desconfortável. Desculpe, Desidério. Nunca foi minha intenção. Eu juro!

D.: (*sarcástico*) Um pouco tarde. Aliás, belo eufemismo: "desconfortável"! Essa é boa! (*força uma risada de deboche, e então cospe antes de falar*) "Deixar desconfortável" é uma expressão bastante leve, hein? Você não acha que está (*fez aspás com os dedos*) se perdoando demais, Clemente! (*faz breve pausa*) Deixe-me ajudá-lo: "dedurar" e "conseguir expulsar" são expressões mais adequadas do que "deixar desconfortável".

[Clemente arregala os olhos. Agora é ele quem está paralisado pelo estupor.]

D.: Vai ficar quieto agora? Porque não ficou naquele dia lá no seminário, hein? (*pausa, retoma malicioso*) Imagine que Clemente, o certinho, o seminarista-modelo, o cristão exemplar, ia deixar alguém como eu sujar sua fé. Não tem vergonha de ser uma alcaguetta, um rato?

C.: (*tentando articular*) Eu não... Eu não... Desidério...

D.: (*imitando*) E...E...E...Eu...E...Eu...Eu não. Eu não o que? Vai dizer o que? Que não teve a intenção? Que não queria me expulsar? Tinha a intenção de que então?

C.: (*recompondo-se, diz alto, quase gritando*) Eu não dedurei você, Desidério! Eu nem sabia que você tinha sido expulso. Achei que você tinha saído do seminário.

D.: (*engole a surpresa e retruca*) Agora é mentiroso além de cagão e de alcagueta?

C.: (*com a mesma firmeza de antes*) Eu não dedurei você, Desidério!

D.: (*confuso pela firmeza da convicção*) Pare de mentir, Clemente. Você sumiu da capela e na manhã seguinte o reitor ficou sabendo do troço do licor e me expulsou. Eu não sou burro! Aliás, você mesmo se denunciou: ficou todo errado quando te dei bom dia na manhã seguinte.

C.: (*de olhos arregalados*) Então... então é por isso que você fez aquele boneco e nunca mais falou comigo?

D.: (*ainda mais confuso*) Você achou que era porque? De sacanagem?!

C.: (*falando para si*) Claro! Claro! Como eu pude ser tão burro? Foi expulso e achou que eu o delatei pro reitor! (*ergue a cabeça e fala devagar, muito sério*) Desidério, você precisa acreditar em mim: eu não dedurei você. (*pausa*) Eu não lembro direito o que aconteceu aquele dia, eu nunca tinha ficado bêbado. Eu achei que... que eu tinha encostado em você de um jeito que te ofendeu... (*o rosto enrubescendo*) Pensei que você

tivesse achado que eu... sei lá, “dei em cima” de você. Que eu... eu era “bicha”.

[O rosto de Desidério, contraído de raiva, tornou-se súbito franzido pelo riso. A série de gargalhadas durou pouco, no entanto, e logo surgiram rugas de concentração em sua testa.]

D.: (*hesitante*) Quer dizer que você... você não me dedurou pro reitor?

[Clemente diz que não abanando a cabeça. Desidério baixa os olhos, incrédulo.]

D.: Mas então... quando eu te disse bom dia e você ficou todo sem jeito foi porq...

C.: (*interrompendo*) Achei que você estivesse ofendido ou bravo comigo, sei lá... Por causa de toda a... situação...

D.: (*ainda incrédulo*) Mas... e porque você disse que eu devia sair do seminário?

C.: (*assustado*) Eu disse isto?

D.: Sim, quando a gente tava bebendo.

C.: (*ainda assustado*) Nossa, eu não lembro de ter dito isto. (*embaraçado*) Se... se eu falei isto, não quis ofender. (*pausa*) Quer dizer... acho que você não tinha e continua não tendo um perfil de padre. (*se apressando em emendar*) E não tem nada de mal nisto. Você se tornou uma psiquiatra, ajuda os outros. (*sem saber se Desidério recebia bem o que dizia*) Quer dizer... você não precisa de uma batina pra ser uma boa pessoa.

D.: (*aturdido ainda pela situação*) Em nome da verdade, preciso admitir que você provavelmente estava certo. Talvez mais certo naquela hora, muito bêbado, do que antes de beber. (*ri*) Sair do seminário foi uma das coisas mais acertadas que fiz. Ou que fizeram pra mim, sei lá.

C.: (*aliviado*) Veja só. Caminhos enviesados os da Providência, não? (*ri*) De fato, não sei ao certo o que aconteceu aquela noite. (*dando-se conta de algo*) Puxa, então quer dizer que eu te ajudei e você ainda me socou. Ingrato você, hein? (*ri novamente*)

D.: (*assustado*) Eu te soquei?

C.: Sim, bem no rosto.

D.: Tu tava bêbado mesmo, hein Clemente? (*ri*) Tu caiu de cara no chão depois de ter levantado muito rápido. Perdeu o equilíbrio por causa da bebida. Não lembra disto?

C.: (*muito envergonhado*) Nossa... não lembro.

[Desidério e Clemente se calam, cada um olhando para uma direção diferente. Após alguns instantes de constrangimento, ainda em silêncio, retomam a caminhada rumo aos escombros do silo antigo, que haviam sido removidos para a beirada da lavoura. Quando chegam, contemplam a pilha de ferragens, já todas desencaixadas, retorcidas, quebradas, amassadas. Perambulam ao redor dela, se abaixando para olhar de perto algum detalhe.]

D.: (*envergonhado*) Quer dizer que... todo esse tempo você achou que eu tinha te ignorado por causa de...

C.: (*afoito*) Sim. E você achou que eu tinha te expulsado do...

D.: *(também interrompendo)* Sim.

[Instala-se novo silêncio, e os dois usam a inspeção da pilha de escombros como pretexto para não quebrá-lo. Desidério, por absorto pela revelação que estivesse, tenta reconhecer os pedaços para poder reconstruí-los mentalmente, usando a estrutura do silo novo, que recém tinha visto, como modelo. Quando dá conta de mais ou menos catalogar as peças da pilha de ferro, começa a encaixá-las dentro da cabeça, mas interrompe o processo e se dirige a Clemente.]

D.: *(tateante)* Quer dizer que... que sua discussão sobre a culpa também... passa por sua experiência pessoal? *(pausa, Clemente o olha sem entender, então continua)* Se entendi direito, você disse que estar culpado é muito próximo de estar sozinho. Não sei se... bem, eu te coloquei nessa... situação, digamos assim.

C.: *(assentindo com a cabeça)* Foi desse jeito que eu experimentei, pelo menos...

[Desidério baixa a cabeça, envergonhado.]

D.: *(contrariado)* Me sinto a pior pessoa do mundo, Clemente. Me desculpe.

C.: *(com os olhos rasos d'água)* Sim. *(pausa)* Viu só, é disto que eu estava falando: a gente pede desculpas para ser perdoado. Tem dois pontos aí: a palavra já diz "des-culpa", remova a culpa; e a gente pede "desculpa" para alguém, ou seja, "remova a minha culpa". Pode parecer que a gente precisa do outro para remover a culpa, mas no mais das vezes a gente precisa da culpa para poder se ligar ao outro.

D.: *(tenta soar sarcástico, mas está ainda muito envergonhado)* Entendido, senhor padre.

[Sem jeito, Desidério dá um tapinha no ombro de Clemente, e este entende os não-ditos contidos no gesto. Novamente em silêncio, ainda constrangidos pela súbita intimidade, os dois se voltam para a pilha de ferragens. Clemente não sabe ao certo o que procura, mas Desidério é mais metódico apesar de ter lágrimas penduradas nos olhos. Agachando-se aqui e ali junto dos ferros caídos, nota que nas barras que haviam sido soldadas para aumentar a altura do silo, já separadas dos pés por conta da queda, a quebra estava bastante limpa e reta, com poucos dentes no ponto de solda. Isso ocorria em duas das barras, as mais abaixo do declive que separa os dois aviários, pois eram as mais desbotadas pelo sol da tarde. Percebe também que em dois dos pés, a ferrugem dos parafusos que prendem o silo está mais gasta do que nos demais. A qualidade fosca do metal sugere que se trata também dos pés de baixo, mais expostos ao sol.]

C.: (*meio descrente*) Acho que não vamos encontrar nada aqui.

[Desidério não responde. Está tentando reconstruir a queda na sua cabeça. Avalia que certa lisura no ponto de quebra da solda sugere um corte proposital e a ferrugem mais gasta dos parafusos indicar que alguém pode ter mexido neles. A combinação das duas coisas no mesmo lado da estrutura do silo pode tê-la feito tombar, pois ambos enfraqueceriam a parte da base abaixo do declive, que é o lado para o qual a estrutura pendeu e caiu.]

D.: (*falando consigo*) Não pode ser...

[Do outro lado da pilha, Clemente observa a esmo. Ao se agachar, nota um fila de formigas cortadeiras seguindo para debaixo do monte de ferro até desaparecer. Clemente sente um leve arrepio na parte de trás da cabeça. Caminha discretamente ao redor do amontado de ferro, para não despertar a atenção de

Desidério, e verifica que nenhuma fileira de formigas cortadeiras sai do fundo da pilha. Sua apreensão aumenta conforme ele tenta se convencer, sem sucesso, da coincidência de ter o formigueiro delas ficado exatamente embaixo do antigo silo destruído, e por isto é que as formigas ali entram, mas dali não saem. Ele se arrepia ao lembrar das formigas perambulando sobre o túmulo de Abel, e seus olhos se enchem d'água.]

C.: (*falando consigo*) Meu Senhor e meu Deus...

[Desidério refaz mais uma vez a queda do silo na sua cabeça, e uma vez mais conclui que ela seria possível. Percebe que ela seria, inclusive, bastante calculável se os indícios que observou estiverem corretos. Um pouco tonto pela possibilidade, se desequilibra quando tenta se levantar, e a perna manca o faz cair por cima da pilha de ferros. Enquanto Clemente se apressa para ajudar Desidério, este vai fazendo as ligações mentais e reforçando de maneira cada vez mais incontornável a temida hipótese.]

C.: (*ainda assustado pela visão das formigas*) Desidério! O que aconteceu? Está bem?

D.: (*sem ouvir, preso no transe da constatação*) Meu Deus...

[Clemente se curva tentando alcançar algum dos ombros de Desidério. Este, em choque, continua caído sobre a pilha de ferragens, esmagado sobre o peso de suas conclusões.]

C.: Deixa que eu te ajudo.

D.: (*ainda sem ouvir*) Meu Deus...

C.: O que você falou?

[Com a ajuda de Clemente, Desidério se equilibra e então se levanta. Está ainda com os olhos perdidos, letárgico, fitando o nada.]

D.: *(ainda falando consigo)* Meu Deus...

C.: *(falando mais alto)* O que foi, Desidério?

D.: *(lágrimas correndo pelo rosto)* Meu Deus...

C.: *(assustando-se)* O que foi, Desidério? O que foi?

D.: *(tenta articular)* É que... É que...

[Desidério sente uma pressão na garganta e no peito, mas contém aos poucos as lágrimas e vai rompendo o feitiço de horror em que os indícios o lançaram. A primeira coisa que vê ao sair são as rugas de Clemente, seus olhos fundos, sua farta sobrançelha já grisalha. Nota o quão velho ele se tornara desde os tempos do seminário.]

D.: *(balbuciando ainda)* É que...

[Desidério sente-se muito mal. Imagina-se o causador daquela velhice, o arquiteto das rugas pálidas e das órbitas cavas. A origem dos olhos injetados e úmidos. Amaldiçoa-se.]

D.: É que...

[Atormentado, Desidério imagina na face envelhecida de Clemente um espelho de carne, e vê nos traços dela o reflexo de sua própria vileza. Amaldiçoa-se uma vez mais, e então suscita o choro o quanto consegue, mordendo o lábio e respirando o mais fundo que pode, para arranjar meio de dizer o que decidiu que dirá.]

D.: (*de um só fôlego*) É que estou muito arrependido de não ter falado com você esse tempo todo. Me desculpe.

C.: (*tocado*) Ora, Desidério. Você não sabia, bem, de toda a história.

D.: (*mal contendo as lágrimas*) É, tomar consciência das coisas é duro. Duro demais.

[O choro de Desidério adensa, e Clemente resolve abraçá-lo para provar que não há mágoa. Sente o aperto do abraço de Desidério e julga que no abraço o perdoa. Este se deixa enlaçar no abraço de Clemente, sentindo-se perdoado porque vai guardar o segredo de Abel na solidão de sua própria culpa.]



1ª edição [2025]

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em outubro de 2025.

SINOPSE

Indulgência conta a história de dois amigos que se encontram no velório de um antigo conhecido, com quem conviveram na época do seminário. Desidério largou tudo e se tornou psiquiatra; Clemente concluiu sua formação e se tornou padre. O funeral de Abel desencadeia uma procissão de memórias sobre amizade, morte e culpa, fazendo-os revisitar o longo silêncio que os habita desde a última vez que se viram, bem como as idiossincrasias do amigo que então velavam.

O AUTOR

Lucas Kölln nasceu em 1990, no interior do Paraná. É doutor em História pela USP e tem se dedicado a entender a relação entre a história e a literatura há quase duas décadas. Seus textos podem ser encontrados no site *Posfácio* e no portal *Outras Palavras*. É criador do podcast *Caraminholas Literárias*.

Avalie nosso projeto:

